



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Ezio das Chagas Oliveira dos Santos

**A CIDADE SOB A PERCEPÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM
BRASÍLIA/DF**

BRASÍLIA/DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Ezio das Chagas Oliveira dos Santos

**A CIDADE SOB A PERCEPÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM
BRASÍLIA/DF**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Shadia Hussein de Araújo

BRASÍLIA/DF
2016

Ezio das Chagas Oliveira dos Santos

**A CIDADE SOB A PERCEPÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM
BRASÍLIA/DF**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Data da aprovação: 05 de dezembro de 2016

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Shadia Hussein de Araújo – Orientadora
Universidade de Brasília-UnB/Departamento de Geografia-GEA

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Fernando – Examinador
Universidade de Brasília-UnB/Departamento de Geografia-GEA

Prof. Me. Wallace Wagner Rodrigues Pantoja – Examinador
Universidade de Brasília-UnB/Departamento de Geografia-GEA

Brasília-DF, 05 de dezembro de 2016

DEDICATÓRIA

A Deus que me permitiu chegar até aqui.

Aos meus amados pais, Francisco das Chagas Alves dos Santos e Iraci Neris de Oliveira, e meus queridos irmãos, Ineuma das Chagas Oliveira dos Santos e Franclin das Chagas Oliveira dos Santos, que são os quatro a razão para eu não desistir dos meus sonhos e prosseguir mesmo com tantas dificuldades que a vida impõe.

À minha avó materna, Ormezinda Ferreira de Araújo (*in memoriam*), por todo apoio e carinho que me deu em vida, e pelas palavras de incentivo para que eu nunca desista nos momentos difíceis da vida.

Ao meu avô materno, Bertolino Neres de Oliveira, por todo apoio e carinho, demonstrado a seu modo próprio de ser.

À minha avó paterna, Laura Alves dos Santos, por ser um grande exemplo de força, coragem e persistência para mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me dar forças para prosseguir, ser o meu sustento, meu abrigo, e a todo instante me fazer sentir que jamais irá desistir de mim.

A todos os meus familiares que sempre torceram pelo meu sucesso no curso e na vida.

A todos os amigos e colegas que torceram por mim, ao longo da vida e do curso, e de alguma maneira fizeram parte da minha formação.

Aos amigos de graduação Márcia Nascimento da Silva, Jéssica Mendes Miranda e Fernando Ferreira da Rocha pelo companheirismo, desde quando os conheci no primeiro semestre do ano 2012, quando ingressamos juntos no curso de Geografia da Universidade de Brasília – UnB.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde aqueles da educação básica aos do ensino superior.

Em especial à minha orientadora Dra. Shadia Hussein de Araújo pela orientação, por me encorajar e pela paciência que teve comigo ao longo da realização do trabalho.

À banca examinadora, composta pelos professores Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho e Me. Wallace Wagner Rodrigues Pantoja, por aceitarem o convite e pelas contribuições dadas.

À gerência do Centro POP de Brasília, na pessoa de Luan Grisólia, por permitir que boa parte da pesquisa se desenvolvesse nas dependências da instituição.

A todas as pessoas em situação de rua que contribuíram de alguma forma com a realização da pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de monografia é um estudo da percepção da população em situação de rua sobre a cidade, em Brasília, Distrito Federal. Busca-se entender, a partir da perspectiva fenomenológica, sob que olhar pessoas em situação de rua percebem a cidade; que relações sociais estabelecem; e seu espaço vivido. Também se objetiva construir, a partir da fala dos entrevistados, um novo significado para o conceito “População em Situação de Rua”, utilizado pelo governo. Para alcançar esses objetivos, foram coletados dados secundários e primários, por meio da observação de campo, da aproximação, realização de entrevistas e confecção de mapas mentais da cidade com pessoas em situação de rua. No Brasil, a bibliografia existente e os dados acerca destas pessoas ainda são restritos, e a maioria das pesquisas é desenvolvida por órgãos de assistência social. O estudo se faz importante, entre outros fatores, por existirem poucos trabalhos acadêmicos de Geografia que tratem fenomenologicamente de Brasília, ainda mais por se tratar da cidade vista sob a ótica de pessoas em situação de rua. Os resultados demonstram como as pessoas que se encontram nessas condições têm uma experiência muito intensa com a cidade, e isso se reflete em suas percepções, em seus sentimentos e visões a cerca dos espaços de Brasília/DF. As percepções e sentimentos sobre a cidade são positivos, na maioria dos casos. Também é possível conhecer, a partir do autoconceito dos sujeitos, características da população em situação de rua não elencadas no conceito adotado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS.

Palavras-chave: Cidade. População em situação de rua. Percepção. Espaço vivido. Fenomenologia. Mapa mental.

ABSTRACT

This study examines the perception of homeless people in Brasília, Distrito Federal. It seeks to understand from a phenomenological perspective how homeless people perceive the city, which social relations they establish, and what constitutes their lived space. Based upon this, the aim is also to reformulate the concept of *peessoas em situação de rua* (“homeless people”) as used by the government. In order to achieve these objectives, secondary and primary data were collected, through field observation, in-depth interviews with homeless people, as well as mental maps drawn by the interviewees. In Brazil, the existing literature and the data about homeless people are limited, and most of the research is carried out by social welfare agencies. Furthermore, there are only very few geographical studies which approach Brasília from a phenomenological perspective, and even less which focus on homeless people. Thus, this study seeks to contribute filling this research gap. The results demonstrate that homeless people have a very intense experience with the city, and this is reflected in their perceptions of, their feelings towards and their visions about the spaces of Brasília. In most cases, these perceptions, feelings, and visions are positive. Additionally, the self-images of the interviewees highlight characteristics which are not taken into consideration by the concept of *peessoas em situação de rua* (“homeless people”) by the Ministry of Social Development and Fight against Hunger - MDS.

Keywords: City. Population in street situation. Perception. Living space. Phenomenology. Mental map.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa Área de Estudo.....	38
Figura 2: Mapa Mental 1 – Museu Nacional.....	78
Figura 3: Mapa Mental 2 – Mundo vivido de A. 2.	79
Figura 4: Mapa Mental 3 – Mundo vivido de R. 3.....	80
Figura 5: Mapa Mental 4 – A vista que R. 2 tem do Congresso Nacional.	81
Figura 6: Mapa Mental 5 – Mundo vivido de M. V.....	82
Figura 7: Mapa Mental 6 – Mundo vivido de A. 1.....	83
Figura 8: Mapa Mental 7 – A trajetória de J. 2 pelo mundo.....	84
Figura 9: Mapa Mental 8 – Mundo vivido de J. 1.....	85
Figura 10: Mapa Mental 9 – Torre de TV vista por D. S.....	86
Figura 11: Mapa Mental 10 – Mundo vivido de D. R.	87
Figura 12: Mapa Mental 11 – Santuário Dom Bosco na visão de D.....	88
Figura 13: Mapa Mental 12 – Mundo vivido de B.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Passos metodológicos sugeridos por Gandra e Duarte (2012) baseados na obra de Alfred Shutz (1979).	12
--	----

LISTA DE SIGLAS

BCE – Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

Centro POP – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

DF – Distrito Federal

FAP/DF – Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MNPR – Movimento Nacional da População de Rua

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 01: REFERENCIAL TEÓRICO	7
1.1 Fenomenologia	7
1.2 A Percepção	16
1.3 O Espaço vivido/Mundo vivido	19
1.4 A Cidade na Perspectiva Fenomenológica	25
1.5 A População em situação de rua	31
1.6 O Mapa mental	35
CAPÍTULO 02: METODOLOGIA.....	38
CAPÍTULO 03: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	45
3.1 Questionário	46
3.2 Mapas mentais	78
CAPÍTULO 04: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
APÊNDICES.....	105
Apêndice 1: Questionário de Pesquisa 1	105
Apêndice 2: Questionário de Pesquisa 2.....	105
Apêndice 3: Transcrição das entrevistas	106

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a cidade, sob a percepção de pessoas em situação de rua presentes na capital brasileira. O estudo busca entender como as pessoas em situação de rua percebem a cidade, que relações têm com os espaços e a população em geral, e qual seu mundo vivido.

A pesquisa está pautada nos métodos adotados pela Fenomenologia. Porém não objetiva-se realizar aqui nenhuma discussão densa da corrente filosófica, apenas será feita pequena contextualização do método basilar do trabalho. Para Holzer (1997, p. 78), a Fenomenologia procura “levantar as experiências concretas do homem e encontrar nestas experiências uma orientação que não as limite a uma simples sucessão”.

Partindo da perspectiva fenomenológica, a Percepção é uma categoria de análise dos dados que deram origem aos resultados obtidos nesta pesquisa. Merleau-Ponty (1999, p. 280) afirma que “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção”, e acrescenta que “a percepção revela os objetos assim como uma luz os ilumina na noite” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.324). Ainda diz que “a síntese perceptiva é uma síntese temporal; a subjetividade, no plano da percepção, não é senão a temporalidade, e é isso que nos permite preservar no sujeito da percepção a sua opacidade e sua historicidade” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.321).

Os sujeitos desta pesquisa constituem a População em Situação de Rua. A princípio, o conceito de população em situação de rua adotado é o mesmo do Ministério do Desenvolvimento e Social e Combate à Fome – MDS, no qual este grupo populacional caracteriza-se por ser um grupo heterogêneo, em estado de pobreza que se utiliza do espaço público das ruas para realizar suas relações privadas, e faz dos logradouros públicos lugar de moradia ou abrigo. Porém será proposta uma nova conceituação a partir da percepção dos sujeitos entrevistados.

A análise terá cunho qualitativo e será feita também a partir do Mundo vivido dos sujeitos da pesquisa. Como aponta Buttimer (1985, p. 171), na literatura existem divergências quanto ao conceito de Mundo vivido, havendo até mesmo autores que preferem chamá-lo de Espaço vivido. Porém, como salientou Rocha e Almeida

(2005), o Espaço vivido também é chamado de Mundo vivido, então, pondera-se que a maioria dos autores aceitam os dois termos como sinônimos. Adotando esta conceituação, na presente pesquisa, Mundo vivido e Espaço vivido serão considerados também como sinônimos, para que não haja confusões conceituais.

O Mundo vivido, ou Espaço vivido, dos sujeitos da pesquisa desenvolve-se na cidade de Brasília. Vale destacar que não serão abordados profundamente os diversos aspectos históricos, arquitetônicos e políticos da cidade. Trataremos aqui sobre o conceito “Cidade”. Nestas condições, Brasília caracteriza-se como área de estudo onde se desenvolveu a pesquisa.

De acordo com Schweickardt (2000), a cidade em uma ótica fenomenológica vai além das construções físicas, mas é feita de homens e suas percepções e sentidos. E cada sujeito possui uma maneira diferente de enxergá-la, pois, influenciados por suas experiências, cada qual tem seu próprio mundo vivido.

Comum às pessoas em situação de rua o fato de ocuparem uma posição peculiar na cidade, fazendo dela seus espaços de moradia, ou passagem, estabelecendo uma relação muito mais íntima com os logradouros públicos.

O trabalho visa responder como pessoas em situação de rua percebem seu próprio espaço vivido e a cidade de Brasília. Para isso fez-se necessário extrair-lhes em depoimentos suas percepções, sentidos, memórias, experiências da/com a cidade, com a rua.

O objetivo geral da pesquisa foi:

- Descrever a percepção de pessoas em situação de rua sobre a cidade e seu mundo vivido.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- Entender como pessoas em situação de rua percebem a cidade e a utilizam;
- Entender o mundo vivido de pessoas em situação de rua, para saber: onde se localizam, quais são seus movimentos sazonais, seus deslocamentos, espaços frequentados, suas trajetórias.
- Saber como as pessoas em situação de rua se relacionam com o restante da população;

- Buscar uma definição para o termo “População em Situação de Rua” a partir da fala dos entrevistados;

Este trabalho se faz importante porque é precursor, na Geografia, da abordagem da cidade sob a percepção de pessoas em situação de rua numa ótica fenomenológica. Pessoas essas que têm uma experiência muito peculiar com as ruas. Assume importância tanto para a sociedade em geral, como para a comunidade científica, em especial para a Ciência Geográfica, também como contribuição para se pensar e criar novas políticas público-sociais em benefício das pessoas em situação de rua, apesar dessa última contribuição não ser trabalhada explicitamente neste trabalho.

Os estudos realizados sobre o tema “População em Situação de Rua” são recentes no Brasil. Porém, desperta cada vez mais a atenção, principalmente, entre os formuladores e executores de políticas sociais. O Poder Público começa a voltar sua atenção para esse grupo populacional, que está em crescente número em todo o território nacional.

A bibliografia existente e os dados disponibilizados acerca das pessoas que se encontram em situação de rua são bastante restritos em nosso país. Aguiar, 2014; Brasil, 2008; Ferreira, 2006; Gatti e Pereira (Orgs.), 2011; GDF, 2011; Planalto, 2009; Schuch, 2012; são exemplos da restrita bibliografia sobre o tema disponível no Brasil. Pode-se perceber que a grande maioria das pesquisas é realizada por órgãos de assistência social, fato explicado por serem esses os que lidam de forma mais direta com as demandas dessa população, e que visam objetivos específicos, como a criação de políticas assistencialistas, por exemplo.

A carência de bibliografia que trate das pessoas em situação de rua também pode ser explicada, por um lado, pelos diferentes pontos de vista conceituais utilizados, e às diferentes técnicas de mensuração deste grupo populacional. Por outro lado, a exclusão dessas pessoas das pesquisas oficiais tem causa justamente pela falta de domicílio e documentos pessoais, o que tem como consequência até mesmo o não acesso aos programas de transferência de renda do governo.

Segundo dados da última pesquisa realizada pela Universidade de Brasília (UnB) e do Projeto Renovando a Cidadania, da Fundação de Apoio à Pesquisa (FAP/DF), que tem entre seus objetivos realizar levantamento censitário das pessoas em situação de rua no Distrito Federal e criar subsídios para a elaboração e implementação de políticas sociais voltadas para essa população, em 2011, mais de 2500 pessoas viviam em situação de rua no DF.

Pessoas em situação de rua são excluídas da sociedade, sendo, por exemplo, proibidas de entrarem em shoppings, comércios, coletivos e outras privações. Para a professora Camila Potyara Pereira (2011), socióloga e consultora do projeto Renovando a Cidadania, responsável pela pesquisa sobre pessoas em situação de rua, da Universidade de Brasília (UnB):

Os moradores de rua são tratados como se fossem criminosos [...] Muita gente não os vê como pessoas que têm direitos. Aqui no DF, a população em situação de rua precisa se esconder porque Brasília é patrimônio da humanidade, não sendo permitido que as pessoas ocupem os centros da cidade. Talvez isto explique, em parte, o grande preconceito com essa população aqui no DF: não querem que ela seja visível. Incomoda enxergar que, na capital do Brasil, haja população em situação de rua (PEREIRA, 2011).

Ouvir a população em situação de rua constitui um importante passo para a compreensão das reais necessidades desse grupo, para sua melhor inclusão social e, dentre outros, para diminuição do preconceito e da discriminação sofrida por eles.

Em 2011, o Distrito Federal se tornou a primeira unidade da federação a aderir à Política Nacional para População em Situação de Rua no País, o objetivo da adesão é fortalecer o controle social para a população em situação de rua e garantir a articulação da rede de proteção, visando garantir os seus direitos. Porém, no DF, existem apenas dois centros de referência especializados para moradores de rua, um em Taguatinga e outro na Asa Sul, e apenas um albergue público, no Areal, com apenas 500 vagas, além da má qualidade de suas instalações, o que gera resistência e recusa das pessoas em permanecerem no abrigo.

Atualmente não há pesquisas acadêmicas produzidas pela Geografia sobre pessoas em situação de rua. Não existe nenhuma publicação geográfica relacionada à percepção dessas pessoas sobre a cidade que utilizam, e nenhuma pesquisa que traga essa perspectiva fenomenológica. A presente pesquisa se mostra pioneira ao trabalhar esse tema, que nos dias atuais torna-se bastante pertinente devido ao

grande número de pessoas que passam a morar nas ruas, e a toda discussão político/social que envolve esse fenômeno.

Os estudos realizados sobre pessoas em situação de rua, em sua maioria, são quantitativos e feitos por sociólogos, assistentes sociais, antropólogos entre outros. Pode-se citar como exemplos Bruna Papaiz Gatti e Camila Potyara Pereira (Orgs.), *“Projeto Renovando a Cidadania: pesquisa sobre a população em situação de rua do Distrito Federal”*, 2011; Frederico Poley Martins Ferreira, *“População em situação de rua: Conceitos e mensuração”*, 2006; Maria José Gomes de Aguiar, *“Moradores de Rua na Cidade de Guarujá/SP: Condições de Vida, Saúde, Emoções e Riscos”*, 2016; Patrice Schuch, *“A Rua em Movimento: debates a cerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre”*, 2016. Dá-se então o diferencial desta pesquisa qualitativa que parte da perspectiva fenomenológica, e visa dar liberdade às pessoas em situação de rua para que exponham suas percepções, suas lembranças, sentimentos e sentidos, referentes à cidade.

Metodologicamente, o trabalho adotou: pesquisa bibliográfica, como embasamento teórico dos conceitos e abordagens adotadas e; pesquisa de campo, para observação, aproximação e realização de entrevistas e mapas mentais.

A metodologia foi aproximada da Fenomenologia adotando-se os seguintes passos, sugeridos por Gandra e Duarte (2012): Redução fenomenológica; Coleta de dados a partir de entrevistas semi-estruturadas gravadas; Transcrição completa das gravações de todas as entrevistas; Leitura e releitura do material transcrito; Escuta do áudio das entrevistas; Organização dos relatos das experiências dos entrevistados; Categorização preliminar, em que as unidades de significado são separadas e guardadas; Redução e eliminação daquilo que não é essencial ao fenômeno; Categorização definitiva das unidades de significado; Estruturação da essência do fenômeno; Retorno à literatura para fundamentação dos resultados obtidos com a coleta de dados.

A divisão do trabalho foi feita em 4 (quatro) capítulos: Referencial teórico, Metodologia, Resultados e discussão e Considerações finais. No capítulo Referencial teórico há o diálogo com e entre os autores dos conceitos e abordagens que baseiam a pesquisa. O capítulo Metodologia traz o relato de todas as etapas da

pesquisa, sua base filosófica, e as experiências vividas em campo. No capítulo Resultados e discussão buscou-se apresentar a percepção que as pessoas em situação de rua têm da cidade interpretada através da fala e dos mapas mentais dos entrevistados, e a discussão a cerca dos dados obtidos. No capítulo final, Considerações finais, buscou-se fazer uma conclusão geral do trabalho, uma reflexão sobre toda a pesquisa e todos os elementos que a compõe e, finalmente, foram apontadas as limitações para execução do presente trabalho e até onde se fez possível chegar com a realização da pesquisa.

Os resultados da pesquisa demonstram a percepção que as pessoas em situação de rua têm da cidade. A partir dos depoimentos e mapas mentais fez-se possível analisar o mundo vivido dessas pessoas, conhecer quais espaços elas ocupam e vivenciam, quais as suas experiências com esses espaços que para elas são dotados de valor. Alcançaram-se os objetivos da pesquisa de maneira satisfatória.

Exatamente por se tratar de um estudo pioneiro, esta pesquisa pode apresentar algumas limitações, sejam elas metodológicas ou de reflexão dos resultados, que poderão ser sanadas com o desenvolvimento de novos trabalhos que complementem o que o presente trabalho iniciou a tratar.

CAPÍTULO 01: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentados as abordagens, as categorias de análise e os conceitos utilizados para realização da pesquisa, aporte teórico-metodológica para o desenvolvimento de todo o trabalho. O Referencial teórico estrutura-se da seguinte maneira: Primeiro trata-se da Fenomenologia, corrente filosófica adotada para a pesquisa; para em seguida tratar-se da Percepção, importante categoria de análise fenomenológica; seguida pelo Mundo vivido/Espaço vivido, espaço dotado de significado para os sujeitos da pesquisa; posteriormente trata-se da Cidade na perspectiva fenomenológica, palco de atuação dos sujeitos da pesquisa; para se tratar da População em Situação de Rua que compõe o sujeito da pesquisa e; por fim, trata-se dos Mapas Mentais, representação do mundo/espaço vivido desses sujeitos.

1.1 Fenomenologia

Neste subcapítulo não se objetiva trabalhar ou discutir densamente a fenomenologia enquanto perspectiva filosófica. Procura-se apenas fazer um panorama geral e entender as categorias de análise trabalhadas nesta pesquisa, assumindo um olhar fenomenológico, que são elas: Percepção e Mundo vivido. Para isso aborda-se o que se trata nas contribuições feitas por Merleau-Ponty e em trabalhos de geógrafos que buscaram pensar a Geografia nessa mesma perspectiva fenomenológica.

Lytard (1954, p. 9) questiona “Porque Fenomenologia?” e coloca que:

O termo significa estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno (LYOTARD, 1954, p. 9).

Então, com base nas palavras de Lyotard (1954), nesta pesquisa faz-se exatamente isso: estuda-se a percepção e o mundo vivido de pessoas em situação

de rua, explorados sem criar-se nenhuma hipótese, apenas como se colocou pelos próprios sujeitos.

Para Merleau-Ponty (1999):

A fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'. [...] É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer (PONTY, 1999, p. 1-2).

De acordo com Pereira et al. (2010, p. 174), Merleau-Ponty afirma que a fenomenologia contrasta com o objetivismo que é possui papel central na forma de produção de conhecimento científico da modernidade, ela facilita a construção de novos olhares no seio do pensamento geográfico. Ao passo que o sentido da fenomenologia está centrado no próprio homem, em seu mundo vivido e na relação espaço-tempo.

A fenomenologia proporciona a possibilidade de extrair-se das pessoas em situação de rua suas experiências tais como são, influenciadas pela facticidade desses sujeitos. Visto que a facticidade é essencial para se compreender o homem e o mundo, a fenomenologia abre as portas para que se possa conhecer o sentido que é dado aos mesmos.

Para Rocha (2002, p. 71) “a fenomenologia procura perceber o que é humano em sua essência”, e para complementar cita Relph (1979) “tem a ver com os princípios, com as origens do significado e da experiência” (RELPH apud ROCHA, 1979, p. 1). A autora ainda diferencia um fato humano de um fato natural ao dizer que “um fato natural é essencialmente objetivo [...] enquanto um fenômeno humano, para melhor ser estudado e compreendido, deve ser tratado na linguagem da experiência vivida.” (ROCHA, 2002, p. 71). A autora argumenta que o mundo da objetividade pura é um mundo seco, apenas de conceitos, o homem está ausente. Pereira et al. (2010, p. 174) concorda ao afirmar que “o pensamento racionalista, pautado na objetividade, desconsidera o sujeito da percepção”. Por outro lado “quando se trata da reflexão fenomenológica, a objetividade científica não está ausente, porém procura trazer o mundo da ciência ao mundo da vida, das

experiências humanas, do seu cotidiano” (ROCHA, 2002, p. 71). Para Tuan (1983, p. 10), “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência”. Citando Dartigues (1992, p. 167) Rocha (2002) coloca que assim, como diz Dartigues “o método fenomenológico inaugurado por Husserl foi criado para modificar nossa relação com o mundo, para assim melhor extrair dele seu sentido” (ROCHA, 2002, p. 71). Citando Oliveira (1999) fala que para a fenomenologia, “não se pode separar a ciência do cientista, o sujeito do objeto, o criador da criatura” (OLIVEIRA apud ROCHA, 1999, p. 48).

A fenomenologia dá sustentação à pesquisa qualitativa apresentada neste trabalho. Como afirmam os autores que se apoiam na fenomenologia, ao adotar esse método de pesquisa, coloca-se o sujeito da pesquisa em um patamar que vai além de simples objeto, mas também como criadores, pois os dados para análise do pesquisador é a própria experiência vivida do pesquisado. Sendo assim, pesquisado e pesquisador constroem juntos o dado qualitativo e, o pesquisador ao realizar seu trabalho passa a fazer parte da experiência do sujeito pesquisado.

De acordo com Nogueira (2005)

Pensaremos os sujeitos das pesquisas não mais como meros informantes dos dados necessários para a pesquisa, mas que sejam também reconhecidos como autores, pois a experiência vivida por eles será a principal fonte de interpretação de nossas reflexões (NOGUEIRA, 2005, p. 10244).

Citando Buttimer (1985), Nogueira (2005) aponta que em sua investigação “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominador comum na experiência dos outros” (BUTTIMER, 1985, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10245).

Citando Merleau-Ponty, (1999), Nogueira (2005) diz que é desejável pensar que:

Todo universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1999, apud NOGUEIRA, 1996, p.19).

Se a ciência é a expressão segunda do mundo, surge então a importância de se conhecer o mundo vivido da população em situação de rua para que se possa estudar esse fenômeno, pois, faz-se preciso primeiro conhecê-lo como é dado e experienciado pelos próprios sujeitos, para então se realizar qualquer tipo de análise.

Ainda citando Merleau-Ponty (1996), Nogueira (2005) destaca que a fenomenologia é tratada como:

Uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 01, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10245).

A partir do estudo dos depoimentos dos sujeitos pode-se alcançar o que apontou Merleau-Ponty (1996), ao entender-se que a cidade, em seu aspecto físico, sempre esteve presente “ali”, anterior a qualquer reflexão, e que este “contato ingênuo com o mundo” dá-se através das experiências vividas, que somam na percepção dos mesmos sobre o próprio mundo vivido.

Como bem analisou Pereira et al. (2010), das palavras de Merleau-Ponty (1999) entende-se que a fenomenologia procura

Evidenciar as essências repondo-as na existência, na medida em que o palpável sempre existiu “ali”, numa forma prévia ao pensamento. A abstração intelectual espaço-temporal do mundo “vivido” materializou-se no exercício descritivo da experiência da maneira como ela ocorre, uma vez que o real deve ser registrado e não construído ou constituído [...] Merleau-Ponty (1999) entende que o sujeito encontra um mundo totalmente pronto, sendo este mundo um “palco de manifestações possíveis”, a percepção consagra como uma forma dessas manifestações (MERLEAU-PONTY, 1999, apud PEREIRA et al., 2010, p. 174).

Para Nogueira (2005), dotados dessa visão científica da fenomenologia que voltaremos nossos olhares para os cidadãos comuns, que são sujeitos de nossas pesquisas, tomando as descrições dos lugares feitas por eles como seu conhecimento concreto, identificando suas representações do mundo e de seus lugares. Na tentativa, como a própria autora diz, de “interpretar as informações dos sujeitos tal como eles nos demonstrarão, e a fenomenologia nos dá sustentação para isto, pois ela é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é” (NOGUEIRA, 2005, p.10245).

Pinheiro e Nogueira (2004) vêm nos dizer que

O estudo da fenomenologia na Geografia apresenta-se como uma alternativa para aqueles que pretendem percorrer novos caminhos em busca do conhecimento geográfico. cremos que a análise e a interpretação do espaço vivido a partir da fenomenologia transforma o cidadão em um ser crítico, ao analisar a realidade na qual está inserido (PINHEIRO e NOGUEIRA, 2004, p. 5).

Para realizar a análise do mundo vivido é necessário seguir passos metodológicos próprios da fenomenologia. Ainda que os primeiros autores dessa corrente filosófica não tenham deixado explícito em suas obras como seguir essa metodologia para alcançar a análise do mundo vivido alguns autores contemporâneos trataram de sugerir caminhos que possam levar a este objetivo.

Entre os autores que buscaram propor metodologias para análise fenomenológica estão Gandra e Duarte (2012) que, baseadas na fenomenologia social de Alfred Shutz (1979), propuseram os seguintes passos metodológicos para estudos que adotem perspectiva de análise fenomenológica: 1. Redução fenomenológica; 2. Coleta de dados a partir de entrevistas semi-estruturadas gravadas; 3. Transcrição completa das gravações de todas as entrevistas; 4. Leitura e releitura do material transcrito; 5. Escuta do áudio das entrevistas; 6. Organização dos relatos das experiências dos entrevistados; 7. Categorização preliminar, em que as unidades de significado são separadas e guardadas; 8. Redução e eliminação daquilo que não é essencial ao fenômeno; 9. Categorização definitiva das unidades de significado; 10. Estruturação da essência do fenômeno; 11. Retorno à literatura para fundamentação dos resultados obtidos com a coleta de dados (GANDRA e DUARTE, 2012, p. 20).

As autoras explicam que por não existir uma explicitação da metodologia na obra de Alfred Shutz (1979), os passos metodológicos podem sofrer variações, de autor para autor, de acordo com o contexto e os objetivos de cada pesquisa. Segundo explicação de Gandra e Duarte (2012, p. 20-21), os passos podem ser seguidos como mostra o quadro a seguir (Quadro 1):

Quadro 1 – Passos metodológicos sugeridos por Gandra e Duarte (2012) baseados na obra de Alfred Shutz (1979).

Passos	Procedimentos
1	Suspensão do fenômeno, de forma a analisá-lo sem interferência de hipóteses, pressuposições ou juízo de valor. Esta redução, muito mais do que uma etapa da metodologia, é uma postura que o pesquisador deve adotar desde o início de sua pesquisa, permeando todas as etapas posteriores até o fim do estudo.
2	Segundo Cunha (1982), este método consiste em estabelecer um roteiro prévio, permitindo aprofundamento em tópicos que o entrevistador julgar mais relevantes, bem como o acréscimo de questões que podem surgir durante a entrevista e que não haviam sido cogitadas anteriormente.
3 a 5	Constituem a fase preparatória para a análise dos dados, e devem ser realizadas com atenção. É importante não somente ler, mas também escutar as gravações para perceber aspectos como a entonação da voz e silêncios, que podem carregar um significado importante da fala do sujeito.
6 a 9	Correspondem à chamada redução eidética, momento em que o pesquisador busca atingir à essência do fenômeno, eliminando tudo aquilo que não é indispensável à sua existência, e agrupando o que é essencial. Assim, o pesquisador começa identificando unidades de sentido representativas no discurso de cada entrevistado. Após a realização deste passo nos discursos de todos os sujeitos da amostra, o pesquisador deve identificar as unidades de sentido comuns apresentadas pelos entrevistados.
10	O pesquisador deve retornar às unidades de significado definitivas e expressar o sentido contido nelas, estabelecendo as relações fundamentais existentes entre as unidades de modo a interpretar e compreender o fenômeno analisado (BOEMER, 1994; MOREIRA, 2004)
11	Retorno à literatura sobre a temática da pesquisa, de modo a analisar em conjunto os dados obtidos através desta fonte e das entrevistas.

Organização: próprio autor.

Os passos metodológicos propostos por Gandra e Duarte (2012) são essenciais para uma boa análise fenomenológica, pois, seguindo-os o pesquisador alcança exatamente o que propõe a fenomenologia: fazer uma descrição direta da experiência vivida dos sujeitos. Esta é uma questão-chave no estudo referente à percepção da população em situação de rua, visto que se trata de um grupo muitas vezes colocado à margem da sociedade erroneamente, tornando-os indivíduos sem voz e sem oportunidade.

Como propôs Nogueira (2005) citando Lyotard (1954)

Retomaremos em nossa compreensão do mundo, a descrição, estratégia de entendimento que já foi muito utilizada e rejeitada pela geografia. A descrição aqui ressaltada não é apenas do sujeito que pesquisa, mas aquela de quem vive o fenômeno. Citando Lyotard “a reflexão fenomenológica, tenta restituir o vivido em questão, descrevendo-o mais adequadamente possível” (LYOTARD, 1954 p. 54, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10245).

Nogueira (2005) aponta que estas proposições nos levaram a repensar no próprio objeto da Geografia, pois esta sempre estudou os atributos desse mundo,

que segundo Relph (1978) apud Nogueira (2005) consiste em espaço, paisagem e lugar sem pensar neles enquanto vivido, enquanto experienciado pelos homens, a nossa posição aí deve ser a de tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno no momento da descrição.

É necessário excluir as crenças nas explanações e considerações existentes e, igualmente, sobre os nossos próprios preconceitos, e tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno (RELPH, 1978, apud NOGUEIRA, p. 10245).

Este constitui um grande desafio do estudo fenomenológico, pois, esvaziar-se de si e colocar-se no lugar do outro que experiencia o fenômeno requer um exercício árduo de reflexão, pois, somos sujeitos históricos marcados por nossas experiências vividas, que constantemente e inconscientemente influenciam nosso modo de ler e interpretar o mundo e seus elementos.

Para Nogueira (2005)

A perspectiva fenomenológica da Geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico/humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam (NOGUEIRA, 2005, p. 10246).

Segundo Nogueira (2005), além de descrever minuciosamente os fenômenos pesquisados, a fenomenologia busca estudar o mundo vivido considerando todas as experiências concretas do homem com este mundo.

A perspectiva fenomenológica parte do princípio que Husserl denominou como intencionalidade, sendo o mundo incluído na consciência. “O mundo passa a existir a partir da inserção do homem nele, como “ser no mundo”” (Nogueira, 2005, p. 10246).

Citando Husserl, “A consciência é sempre consciência de alguma coisa... o objeto é sempre objeto-para-um-sujeito, importa descrever neste momento como o objeto é para nós.” (HUSSERL, apud DARTIGUES 1992, p. 18). A fenomenologia prioriza, portanto, o ser no mundo. O princípio da intencionalidade não separa o sujeito do objeto, o ser do mundo, estes são entendidos na correlação, ser-envolto-no-mundo (NOGUEIRA, 2005, p. 10246).

Deste modo, qualquer que seja o estudo a ser feito, deve-se conhecer o sujeito por trás daquele fenômeno, pois não se pode separar o objeto do sujeito, como colocou Husserl. Estudar o que é a cidade para a população em situação de

rua a partir de sua percepção só é possível ao colocar os sujeitos como elemento central do fenômeno. Buttimer (1985) apud Nogueira (2005) interpreta que

A noção fenomenológica da intencionalidade sugere que cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo, ainda que possa esquecer de si próprio como centro criativo daquele mundo. Lembrando Husserl, ressalta: cada conhecedor deveria reconhecer-se como um sujeito intencional, isto é, como um conhecedor que usa palavras com significação intencional – para expor suas intuições objetivas e comunicáveis (BUTTIMER, 1985, p. 168, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10246).

De acordo com Nogueira (2005, p. 10246), entende-se este Ser “como o homem e o mundo como o lugar de vida de cada ser”, e a autora acrescenta que “este homem se constrói nessa relação Ser-Mundo”. Aproximando esta preposição à Geografia pensa-se que o conhecimento produzido nesta relação revela o que é comumente denominado “geograficidade” de cada sujeito.

Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial (DARDEL, 1990, p. 42, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10247).

A “geograficidade” remete à condição do homem na sociedade. Esta condição está ligada à sua existência e suas relações com os espaços, como bem definiu Dardel (1990) apud Nogueira (2005). Para Nogueira (2005)

Essa “geograficidade” só é possível na relação Ser e Mundo, da qual fala a fenomenologia, daí termos nos fundamentado nela para compreender a relação homem-terra. Debate tão levantado pela ciência geográfica. A terra aqui, sendo vista, para além dos seus aspectos físicos, compreendida como lugar de vida (NOGUEIRA, 2005, p. 10247).

O método fenomenológico também pode ser explicado partindo do princípio da intencionalidade de Husserl que levou ao da “Redução Fenomenológica”, que para Nogueira (2005), trata-se de perceber a realidade inicialmente como figura no “senso comum”, “isto é, como existindo em si, independente de todo o ato de consciência”, citando Husserl, “é um voltar às coisas mesmas” (NOGUEIRA, 2005, p.10247). Citando Merleau-Ponty (1962), “a redução é uma admiração diante do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1962, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10247).

De acordo com a autora, “este princípio nos remete às experiências vividas por cada homem antes das reflexões filosóficas e científicas que recaem sobre eles, são resultados do envolvimento do homem com e no mundo” (NOGUEIRA, 2005, p.

10247). No princípio da redução fenomenológica a experiência ressaltada é a dos homens que a vivem, as que resultam da relação deles com e no mundo.

A redução fenomenológica põe a parte o conhecimento vivido não para desprezá-lo, mas para compreendê-lo e interpretá-lo, para entender a constituição do mundo a partir do ser que o vive e o experiencia (NOGUEIRA, 2005, p. 10247).

De acordo com Merleau-Ponty (1962) apud Nogueira (2005),

Para ver o mundo e aprendê-lo como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele, e porque essa ruptura só pode ensinar-nos o brotamento imotivado do mundo... É preciso abster-nos do senso comum e da atitude natural, pois como são evidentes passam despercebidos, portanto para despertá-los e fazê-los aparecer é preciso abster-nos dela (MERLEAU-PONTY, 1962, p. 01, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10247).

Outro princípio a ser considerado é o da intersubjetividade. Para Buttimer (1976), a intersubjetividade é um dos princípios fenomenológicos que auxiliam o geógrafo nesse diálogo entre pessoa e meio no que diz respeito à “herança sociocultural e o papel assumido no mundo vivido de cada dia”. Buttimer ainda ressalta que “intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária” (BUTTIMER, 1985, p. 168, apud NOGUEIRA, 2005, p. 10247).

De acordo com Nogueira (2005, p. 10248), para a Fenomenologia o sujeito é pensado como “ser-no-mundo”. Buttimer citando Husserl caracteriza este mundo como o “mundo da vida”, “não um meio, um mundo de fatos e negócios... mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático” (Husserl apud Buttimer, 1985, p. 168). Os sujeitos, então, possuem uma relação individual com este mundo, “é o próprio sujeito perceptivo que constrói o mundo, mundo em que, no entanto, estar por meio da percepção” (LYOTARD, 1954, p. 30).

Nogueira (2005) frisa que em estudos feitos por Ballesteros (1992, p. 11 apud Nogueira, 2005, p. 10248), Buttimer salienta que “parte de nossas experiências do mundo é experiência social, como o homem está no mundo, experienciando-o e se interrelacionando com outros, ele se torna parte de outros e é nessa relação intersubjetiva, social, que constrói seus lugares”.

Nogueira (2005) aponta que Buttimer (1979) em outro texto lembra que,

A maior parte dos discursos sobre a intersubjetividade ignoram geralmente o espaço geográfico, as interações sociais não estão localizadas sobre a terra. No ordenamento social por exemplo, tenta-se suprimir as

“idiossincrasias” subjetivas utilizando-se dos esquemas onde os indivíduos são considerados segundo seus papéis ou suas profissões e não como sujeitos humanos (BUTTIMER, 1979, p. 248, apud NOGUEIRA, 2005, 10248).

Nogueira (2005, p. 10248) reporta que a geografia de Dardel (1990) primava por compreender o “pensar a terra, o lugar, a partir da percepção de quem a vive”. E sugere que aventuremo-nos também em compreender “essa relação de existência que os homens têm com os lugares por onde circulam” (NOGUEIRA, 2005, p.10249).

Rocha (2002) diz que

A fenomenologia veio para mostrar que o ser humano vê o mundo e seus fenômenos de acordo com sua cultura, meio ambiente, formação educacional, estado emocional, entre outros fatores que formam seu entorno e seu interior (ROCHA, 2002, p. 68).

Concorda-se com Rocha (2002), assim como Nogueira (2005), pois, a experiência vivida é crucial para a percepção da pessoa em situação de rua sobre a cidade. O significado que é dado por ela para os seus lugares, em geral os espaços públicos da rua, só pode ser descrito a partir da fenomenologia, pois, assim, podem-se conhecer os aspectos e elementos que fazem este sujeito estar envolto no mundo da maneira que são percebidos e descritos pelos mesmos. A Percepção será abordada na sessão seguinte.

1.2 A Percepção

Por meio dos sentidos é que os seres humanos percebem o espaço e o lugar, ou seja, a percepção permite aos seres ler e interpretar o mundo, de acordo com suas experiências vividas.

A percepção é um processo cognitivo e ativo de leitura e interpretação do mundo. Neste, podem revelar-se ideias, imagens e impressões que determinados grupos possuem sobre algo, considerando também que os indivíduos possuem necessidades, valores, interesses e expectativas diferentes (RÊGO e FERNANDES, 2012, p. 29).

Todos os sentidos do corpo humano são importantes para a percepção, como bem colocou Tuan (1983, p. 14) os sentidos “não podem individualmente (nem se quer talvez juntos) nos tornar cientes de um mundo exterior habitado por objetos”,

porém, sem desprezar os demais, vale destacar dois sentidos muito importantes para a presente pesquisa, são eles: o sentido do olfato e o sentido da audição.

Sobre o sentido do olfato, Valentini ([s.d.], p. 3) ressalta que frequentemente os cheiros estão associados à memória estão presentes e são percebidos tanto concentrados em áreas internas, como em ambientes de uma casa, tanto quanto dispersos pela cidade, nos jardins, nas praças, carregados pelo vento, oriundos da vegetação ou do asfalto e concreto, fazem-se reconhecer no cotidiano urbano.

Valentini ([s.d.], p. 3) chama a atenção para o que diz Tuan (1983) sobre a tendência que temos de negligenciar o sentido do olfato e até mesmo vincular a palavra odor ao mau cheiro, para ela, isso é um desperdício, considerando-se a capacidade que os odores têm de nos transmitir informações e evocar lembranças. Tuan (1983, p. 13) ressalta que “os odores são importantes para os seres humanos”.

De acordo com Valentini ([s.d.], p. 3) “os cheiros são fundamentais à identificação e orientabilidade dos espaços, um complemento às informações visuais”. Os odores nos servem como referência, através deles podemos “buscar na nossa memória os cheiros da cidade e identificar [...] com facilidade a presença de lojas [...] mercados de frutas e vegetais, perfume e suor de pedestres, e mesmo cheiro de urina nos cantos escondidos das cidades” (VALENTINI, [s.d.], p. 4)

Sobre o sentido da audição, Valentini ([s.d.], p. 4) aponta que “a audição é uma ferramenta eficaz na percepção da distância”. E ressalta que cada ambiente possui seu próprio som característico, que as ações possuem sons distintos umas das outras, portanto, ao detectar os sons as pessoas podem perceber, por exemplo, “a extensão dos caminhos que levam a outros locais, a relação com os espaços internos e externos” (VALENTINI, [s.d.], p. 4). Para essa autora “a percepção do espaço se amplia intensamente por meio da audição que, ao contrário da visão, nos informa sobre o que está distante de nós” (VALENTINI, [s.d.], p. 5). Assim, os sons “são usados para o entendimento e apreensão do ambiente” (VALENTINI, [s.d.], p. 5).

De acordo com Nóbrega (2008), a noção de sensação é fundamental para compreensão da percepção. A autora considera que as sensações são compreendidas em movimento, e baseia sua fala no que diz Merleau-Ponty

(1945/1994): “A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 284, apud Nóbrega, 2008, p. 142).

Nóbrega (2008) considera a percepção relacionada à atitude corpórea. Para a autora, diferentemente da noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, presente no empirismo e no intelectualismo, onde a percepção ocorre através da simples casualidade linear estímulo-resposta, “na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo” (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Analizando as palavras de Merleau-Ponty (1945/1994) que atribuem a experiência ao pensamento das coisas, Nóbrega (2008) diz ser preciso “ênfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isto porque a percepção não é uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência” (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Para Merleau-Ponty a análise fenomenológica da percepção apoia-se no movimento, e é este seu ponto fundamental. Nóbrega (2008) considera que para este autor “a percepção do corpo é confusa na imobilidade, pois lhe falta a intencionalidade do movimento” (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Para Nóbrega (2008)

Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais (NÓBREGA, 2008, p. 142).

A Geografia da percepção, segundo Corrêa (2001, p. 30) apud Pereira et al. (2010, p. 175) assenta-se “na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal”. Salienta-se ainda que “ao invés da explicação a percepção tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real” (PEREIRA et al., 2010, p. 175).

Pereira et al. (2010, p. 176) apontam que se pode perceber qualquer coisa vista por sua aparência, logo, tudo que é percebido pode vir a ser conhecido. Porém, para de fato se conhecer um objeto faz-se necessário perceber a essência que existe em seu interior, para assim, não se prender apenas à aparência, pois o conhecimento concreto está na essência. Esses autores analisam que

Para Merleau-Ponty (1999), os fenômenos fazem uma ligação direta com o corpo que absorve e/ou incorpora todas as formas e grandezas que, quando são imediatas à percepção, acabam criando um mundo próprio. Ao relacionar as coisas identificadas pelo corpo, que percebe a natureza funcionando como palco para a encenação individual no seu espaço vivido, acaba resultando na transformação do sujeito enquanto consciência de si (PEREIRA et al. , 2010, p. 176).

Nóbrega (2008, p. 142) o conceito de percepção proposto por Merleau-Ponty só é possível porque o autor rompe com as noções clássicas de sensação e órgão dos sentidos como receptores passivos. “Merleau-Ponty reforça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico” (NÓBREGA, 2008, p. 142).

A percepção, então, coloca-se como categoria de análise para se conhecer qual leitura de mundo os sujeitos possuem. Dessa forma, pode-se saber, a partir da experiência, qual o significado dado ao próprio mundo vivido. O conceito de Mundo Vivido será abordado na próxima sessão.

1.3 O Espaço vivido/Mundo vivido

Apesar de certos autores utilizarem a expressão “Mundo vivido” e outros utilizarem “Espaço vivido”, esclarece-se, para que não haja confusões conceituais, que na presente pesquisa os dois termos são tratados como sinônimos.

Rocha e Almeida (2005) vêm nos dizer que se iniciaram na França os estudos sobre os espaços vividos de forma independente, desvinculado do humanismo fenomenológico anglo-saxão. Afirmam que Gomes (1996, p.317) “escreveu que as bases dos estudos do espaço vivido, também chamado de mundo vivido, estão na

escola francesa de Geografia, sobretudo em Vidal de La Blache e Deffontaines” (ROCHA e ALMEIDA, 2005, p. 7).

Gomes apud Rocha e Almeida (2005) diz ter sido Frémont o primeiro a estudar as regiões na perspectiva do espaço vivido, “tornando-o uma dimensão da experiência humana dos lugares” (ROCHA e ALMEIDA, 2005, p. 7). Dado isso, o espaço vivido passa a ser “compreendido como um espaço da vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço” (Gomes, 1996, p. 319, apud Rocha e Almeida, 2005, p. 7). Esta é também a maneira de pensar o espaço geográfico encontrada na fenomenologia, cujas primeiras referências, segundo Rocha e Almeida (2005) estão em Sauer, mesmo sem ter utilizado uma expressão que o caracterizasse como engajado na corrente fenomenológica. De acordo com Rocha e Almeida (2005), apenas a partir dos anos 1970 é que se aplicaram os conceitos de fenomenologia à Geografia de forma mais clara, com Relph (1979) e Yi-Fu-Tuan (1980:1983).

Analizando Relph (1979) Rocha e Almeida (2005) vem nos dizer que para este autor o mundo vivido se apresenta de três maneiras: natural, social ou cultural e geográfico.

O mundo vivido natural seria aquele pré-determinado. “Este mundo é visto e sentido pelas pessoas, no qual elas estão apenas implicadas numa situação que lhes é dada. É o mundo real do espetáculo, presente e não representado” (ROCHA e ALMEIDA, 2005, p. 7). O mundo-vivido social ou cultural é constituído pelo cotidiano dos seres humanos. Não é predeterminado, e nele as pessoas estabelecem suas relações com as outras pessoas e com as coisas, ele “vai se fazendo de acordo com os acontecimentos da sociedade em sua intersubjetividade e sua interconexão com o meio ambiente” (ROCHA e ALMEIDA, 2005, p. 7). Husserl apud Rocha e Almeida (2005, p. 7) diz que este mundo-vivido compreende “os seres humanos com toda a ação e interesses humanos, trabalhos e sofrimentos”. O mundo-vivido geográfico, segundo Relph apud Rocha e Almeida (2005, p. 7), “é o mundo dos espaços, das paisagens, dos lugares, onde a vida cotidiana se faz, se manifesta e se perpetua”, seria, portanto, a combinação do mundo dois mundos-vividos caracterizados anteriormente, o natural e o social.

Dada esta caracterização do mundo vivido em três dimensões que se complementam, Rocha e Almeida (2005) consideram que

O mundo-vivido seria, portanto, tudo aquilo que se desenvolve no espaço geográfico, formado pelas pessoas, pelos objetos, pelas relações intersubjetivas e com as coisas, as instituições, os fluxos que levam mercadorias, ideias, pessoas, informações. Este mundo-vivido geográfico tanto pode ser o de uma rua, de uma cidade, de uma paisagem (ROCHA e ALMEIDA, 2005, p. 8).

Para Rocha e Almeida (2005), o mundo vivido seria constituído de, citando Relph (1980), “experiências diretas, memória, fantasia, circunstâncias presentes e propósitos futuros” (RELPH, 1980, p. 4, apud ROCHA e ALMEIDA, 2005, p. 9).

Rocha e Almeida (2005) explicam que

Em resumo, para Relph (1980, p. 61), a identidade do lugar é formada de três componentes inter-relacionados: características físicas ou aparências, atividades observáveis e significados ou símbolos. Seguindo na mesma linha, para Tuan (1983), o mundo geográfico é formado pela inter-relação do espaço como experienciado, paisagem como a superfície que limita o espaço e o lugar como centro de significados no espaço e paisagem (ALMEIDA e ROCHA, 2005, p. 9).

Para Motta

Trabalhar com o espaço vivido é lidar com a subjetividade, com o envolvimento do pesquisador com os demais atores envolvidos na pesquisa. A possibilidade de captar informações, significados, está muito ligada à interação que existe entre todos os envolvidos e a informalidade dessas relações. É uma construção que capta e analisa de forma concomitante o vivido, espacial e temporalmente (MOTTA, 2003, p. 103).

Estudar o mundo vivido de uma pessoa torna-se uma tarefa com certo grau de dificuldade, por esse ser muito particular, subjetivo e mudar de indivíduo para indivíduo. Ainda mais por se tratar de querer entender o mundo vivido de sujeitos com realidades tão distintas e distantes das realidades mais próximas e costumeiras. Compreender o mundo vivido de uma pessoa em situação de rua é sumamente importante para analisar sua percepção sobre a cidade, pois, os espaços públicos se tornam em mundo vivido dessa pessoa de forma muito particular. O pesquisador deve abster-se de todos e quaisquer significados preexistentes e preconcebidos sobre os espaços que são utilizados por pessoas em situação de rua, pois, são agregados valores completamente diferentes para tais espaços.

O espaço ganha importância quando é vivido, assim, o que não tem a menor importância para alguns sujeitos para outros pode ser o que de mais significativo se tem. Levando esse raciocínio adiante, e comparando-se a teoria com a prática apresentada nessa pesquisa, afirma-se que determinados espaços que para pessoas com residência fixa pode não ter valor, apenas mais um pedaço da rua, para aqueles que têm os locais públicos como abrigo, moradia ou sustento, tomam significado e passam a serem seus lugares, onde as mesmas desenvolvem suas vidas cotidianas, e seu mundo vivido.

Nogueira (1995) citada por Pinheiro (2004) nos coloca que para cada homem, ou até para cada grupo, existe uma imagem diferente do espaço, e esta imagem não é fantasia, sendo aprendida a partir do que o indivíduo percebe do mundo que o rodeia, a partir de sua experiência de vida, o espaço vivido, que é também concreto, pois quem o analisa são homens concretos, sujeitos inseridos no tempo e no espaço, sujeitos histórico-espaciais. Schrag (1969) apud Buttner (1985, p. 174) diz que “o espaço é um conjunto contínuo e dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas”.

Baseando-se na psicologia genética de Piaget, Frémont apud Motta (2003, p. 104) trata da formação do espaço vivido, assumindo-a como uma experiência contínua e temporal, por assim dizer, propenso a mudanças. Para este autor, “o espaço vivido é um espaço-movimento e um espaço-tempo vivido”. O espaço vivido também assume a característica de ser único a cada sujeito (FRÉMONT apud MOTTA, 2003, p. 104).

Frémont (1980) apud Motta (2003) destaca o “lugar” e coloca essa categoria “como elemento essencial da estrutura do espaço”. Para ele, de acordo com Motta (2003, p. 40-41), a percepção do espaço acontece espontaneamente no lugar, pois, este oferece condições particulares de delimitações e fronteira mais nítidas, assim, mais perceptíveis.

De acordo com Motta (2003, p. 43-44) o que caracteriza o espaço são as relações que acontecem nele. Assim, um espaço vazio não existiria. Para a autora, “não há como separar as coisas das criaturas humanas, pois as coisas passam a ter

significados a partir da importância, do uso, do valor que lhes é dado por um indivíduo”. Essa ideia vai de encontro com o que diz Merleau-Ponty (1999, p. 497) sobre a experiência “das coisas ao pensamento das coisas”. Motta complementa o raciocínio afirmando que “as relações que se estabelecem entre os humanos, entre os seres humanos e as coisas, vinculando ainda, o tempo e o espaço, formam uma rede que preenche e faz a existência do espaço”. (MOTTA, 2003, p. 43-44).

Concorda-se com Motta (2003) que ao mesmo tempo em que o ser humano é um produto do meio, ele está a todo tempo produzindo o meio ao dar significado às coisas deste meio e por suas relações com elas. Como colocou Tuan (1983, p. 40) “o mundo é um constructo do homem”.

Para Pino (2000), apud Motta (2003)

As formas humanas de organização social, em que a sociabilidade natural se concretiza, são obra do homem e, como tal, obedecem a leis históricas que determinam as condições concretas de sua produção. É o caráter histórico dessa produção que define o social humano (PINO, 2000, p. 61, apud Motta, 2003, p. 45).

O indivíduo não escolhe as condições de vida antes de nascer, em que família ou país virá ao mundo, por exemplo. Uma criança criada com privilégios, que mora em condomínio de luxo, irá fazer leituras de mundo bem diferentes de outra que mora na periferia e trabalha desde muito nova, às vezes em condições sub-humanas, como trabalho escravo infantil, para ajudar no sustento da família. E uma criança criada na zona rural que ajuda nas lidas do campo terá ainda outra visão do mundo, diferente das crianças tomadas como exemplo anteriormente. Apesar dessas condições de vida diferenciadas não determinarem por completo a vida da pessoa, segundo Motta (2003) exercem influencia, pois, de acordo com Vygotsky “o desenvolvimento sociocultural do indivíduo é o desenvolvimento de um indivíduo histórico, portanto situado na história social humana” (DUARTE, 2000, p. 83 apud MOTTA, 2003, p. 45).

Motta (2003) considera que as posições sociais diversas, e historicamente construídas, marcadas por desigualdades, podem influenciar no agir das pessoas com os objetos e com outros seres humanos, o que causaria condições particulares no lidar com o próprio espaço vivido.

Toda uma herança constituída e reconstituída na cotidianidade, carregada de significados, tem muito a ver como as pessoas olham e lidam com o espaço vivido. Certamente o lugar e o tempo são elementos relativamente importantes como fatores de interferência nas/das ações humanas (MOTTA, 2003, p.46).

A pessoa em situação de rua, ser histórico que é, vivencia uma condição social mais desfavorável, em um quadro de pobreza extrema, tem seu cotidiano marcado por discriminações e preconceitos, além das humilhações pelas diversas camadas da sociedade consideradas superiores. Sua percepção é influenciada por esses fatores, o que remete na forma de estabelecer suas relações sócio-espaciais cotidianas e no significado dado às coisas. Mas, concordando com Motta (2003, p. 47), cabe ao sujeito construir sua própria história, e modificar, com o seu agir, o espaço onde vivem. As condições histórico-culturais não os impediriam de atuarem como agentes que criam e constroem seu próprio mundo.

Para Freire (2001), apud Motta (2003) o homem

[...] qualquer que seja o seu estado é um ser aberto [e] existir é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com seu Criador. É essa dialogação do homem e sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico (FREIRE, 2001, p. 68, apud MOTTA, 2003, p. 48).

Para Motta (2003) essa dialogação do homem histórico que diz Freire (2001) diz respeito à necessidade de autoconhecer-se, para daí conhecer o próprio espaço vivido.

Isto é mais do que uma construção social, porque precisa dos outros para reconhecer-se. Mas não deixa de ser uma construção mental, na medida em que essa construção não ocorre isoladamente e nem alheia aos fenômenos que interagem no espaço vivido e num tempo passado/presente. Faz-se necessário se olhar de longe, descobrir o que se vive, como se vive, onde se vive, com quem se vive. Descobrir principalmente a fronteira que existe entre a vida real e aquilo que se pensa viver (MOTTA, 2003, p. 57).

Para Nogueira (2005) “o mundo é aquilo que eu experiencio e é experienciado pelo outro” (Nogueira, 2005, p. 10255). Por isso, “Merleau-Ponty não fala de lugar, mas de um mundo vivido, porém deixa claro que este mundo vivido é o lugar onde habitam os homens” (NOGUEIRA, 2005, p. 10255). Deste modo, “mundo vivido é, portanto, entendido como lugar vivido, lugar de vida, lugar de existência” (NOGUEIRA, 2005, p. 10255).

O mundo vivido das pessoas em situação de rua se desenvolve nos espaços públicos da cidade, palco de suas vidas. Toma-se que a cidade está para além do que se pode ver, ou seja, do que é puramente físico. Ela é habitada por homens, e esses lhe dão significação, fruto da experiência vivida. O conceito de Cidade na perspectiva fenomenológica será abordado na próxima sessão.

1.4 A Cidade na Perspectiva Fenomenológica

A cidade aqui é tratada numa ótica fenomenológica. Seguindo o pensamento de Schweickardt (2000), com ajuda da fenomenologia lança-se um olhar sobre a cidade que não se constitui em uma simples percepção sensorial, “mas uma visão que busca o significado e a compreensão do dado, já que vemos a partir de uma consciência das coisas” (SCHWEICKARDT, 2000, p. 129).

De acordo com Lynch (1960), a cidade está para além das impressões sensoriais, a cada instante existiria mais do que a vista pode alcançar, ou o ouvido ouvir, “nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas” (LYNCH, 1960, p. 11).

Para Pinheiro (2004), é importante analisar a cidade considerando como referencia as várias imagens que se tem dela. Questionar qual a imagem da cidade para cada indivíduo. Seja este uma criança, ou um trabalhador, comerciante, idoso, etc. indagar qual a cidade dessas pessoas. “A cidade será aqui entendida como lugar de vida, sendo assim ela contém memória de quem a construiu, viveu e a vive” (PINHEIRO, 2004, p. 1).

Lynch (1960) defende que “todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações” (LYNCH, 1960, p. 11). De acordo com Schweickardt (2000), toma-se que a forma de ver a cidade é individual e depende da posição geográfica, cultural e histórica que cada indivíduo ocupa. Para este autor:

Se estivermos de um lado da rua teremos uma visão diferente se tivermos do outro lado, assim como olhamos a cidade com olhos de quem não

nasceu aqui, que não se criou neste lugar, nem é desta cultura. Ao olhar a cidade, a olhamos sob um determinado ponto de vista, com uma determinada forma (SCHWEICKARDT, 2000, p. 129).

Na mesma linha de raciocínio, assumir um olhar que parte do pressuposto fenomenológico nos permite “entender que a cidade não é somente ruas, prédios, pessoas e coisas simplesmente; mas está tecida por uma infinita rede de inter-relações, de significações e de intencionalidades que formam o “espírito” da cidade” (SCHWEICKARDT, 2000, p. 129). Lynch (1960) adverte que “na maior parte das vezes a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles” (LYNCH, 1960, p. 12)

Apoiado em Merleau-Ponty (1996) Schweickardt (2000) ainda diz que:

Quando olhamos para os fenômenos não nos interessamos por todos eles, assim como quando olhamos para a cidade, não olhamos para toda ela, mas olhamos para aquilo que nos interessa ou para aquilo que nos é possível ver (SCHWEICKARDT, 2000, p. 133).

Então, toma-se que a percepção da cidade muda não apenas em relação à posição geográfica do sujeito, como vem nos dizer Schweickardt (2000), mas também há mudança de percepção em relação à posição social do mesmo.

A pessoa em situação de rua assume drasticamente esses dois aspectos que influenciam o olhar do sujeito sobre a cidade. Estão em uma posição geográfica peculiar, utilizando o espaço das ruas como palco de suas vidas privadas, e ocupam uma posição social de tamanha pobreza que, muitas vezes, os abriga a viver nessa condição.

Assim como sustentou Lynch (1960):

A cidade não é apenas um objeto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. Se, por um lado, podem manter-se as linhas gerais exteriores, por outro, há uma constante mudança no pormenor. Apenas parcialmente é possível controlar o seu crescimento e a sua forma. Não existe um resultado final, mas somente uma contínua sucessão de fases (LYNCH, 1960, p. 12).

Dialogando com as ideias de Schweickardt, para se estudar a cidade é preciso “analisar o espaço como lugar onde ocorrem as percepções, mas que não se dissociam do nosso corpo como bem analisou Merleau-Ponty”

(SCHWEICKARDT, 2000, p. 135). Ou como colocou Lynch (1960, p. 13) “temos que considerar a cidade não como em si mesmo, mas a cidade objeto da percepção dos seus habitantes”. O que nos faz não somente observadores, mas também “participantes do processo de conhecimento dos fenômenos, porque nos conhecemos nesse processo de conhecer o outro” (SCHWEICKARDT, 2000, p. 135), Lynch (1960, p. 12) reforça que, “não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com os outros num mesmo palco”.

Analisando Schweickardt (2000), pode-se dizer que, epistemologicamente, a relação sujeito-objeto não é unidimensional, que vê a verdade somente no sujeito ou somente no objeto, mas que vê a verdade na relação entre os dois, na intersubjetividade presente nessa relação. A observação e a percepção sobre a cidade passam pela relação dos sujeitos com os diferentes espaços, que são construídos por pessoas que se constroem nas relações cotidianas.

Argan (1995) apud Schweickardt (2000) vem nos dizer que a cidade não é apenas um traçado dentro de um espaço, construções distribuídas, prédios públicos e privados. A cidade, através da noção de urbano, perpassa este traçado de ruas e edifícios. Para ele o espaço urbano tem seus interiores.

São o espaço urbano o pórtico da basílica, o pátio e as galerias do palácio público, o interior da igreja. Também são espaço urbano os ambientes das casas particulares; e o retábulo sobre o altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até o tipo de roupa e de adornos com que as pessoas andam, representam seu papel na dimensão cênica da cidade (ARGAN, 1995, p. 43, apud SCHWEICKARDT, 2000, p. 138).

A pessoa em situação de rua ocupa o espaço urbano público fazendo-o particular, por dar a ele o uso e valor que comumente é dado a uma casa convencional, e carregam em seus corpos, roupas e poucos pertences que levam a sua própria marca na paisagem e, como colocou Argan (1995), “seu papel na dimensão cênica da cidade”.

Para Argan (1995) apud Schweickardt (2000), a cidade é feita da cena urbana, ou seja, não só dos seus exteriores, mas também dos seus interiores que devem ser percebidos como elementos de significação. Desde a sala de jantar de uma casa até os adornos que uma pessoa leva consigo, tudo isso faz parte das

representações do espaço urbano. O autor ainda amplia a noção de urbano que sai dos muros da cidade, ao afirmar que:

O espaço figurativo, como demonstrou muito bem Francastel, não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias (ARGAN, 1995, p. 43, apud SCHWEICKARDT, 2000, 138).

Schweickardt (2000, p. 138) é muito feliz ao analisar que o urbano não é restrito ao que é possível ver, ele ultrapassa aquilo que os sentidos nos dizem. O autor enfatiza que ao se analisar a cidade faz-se necessário considerar as relações das pessoas com outras e com as coisas, por exemplo, pessoas que vieram do interior e de outras localidades distantes carregam muito desses locais dentro de si, nas suas ações e palavras.

Para Argan apud Schweickardt não podemos observar a cidade considerando apenas os seus objetos exteriores, daí este autor dizer que “a cidade não é feita de pedras, é feita de homens. Não é a dimensão de uma função, é a dimensão da existência” (Argan, 1995, p. 223, apud Schweickardt, 2000, p. 138), pois são “homens da cidade que atribuem um valor às pedras”. O que ele diz é que quem dá à cidade um significado são as próprias pessoas. Esta ideia já estava presente nas palavras de Lynch (1960, p. 11), pois, para este autor, “os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis”.

Para Lynch (1960, p. 11) “a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo”. Argan (1995) diz que:

Há uma cidade de grandes estruturas que tem, necessariamente, uma duração de anos ou de séculos. E há a cidade de um dia, a cidade que dá a imediata impressão de ser feita de imagens, de sensações, de impulsos mentais, a que realmente vemos e que não é dada pelas arquiteturas imóveis – que talvez não existirão mais ou que serão estruturas distantes e quase invisíveis –, mas pelos automóveis, pelas pessoas, pelas infinitas notícias que são transmitidas através da publicidade e dos outros canais de comunicação (ARGAN, 1995, p. 223 apud SCHWEICKARDT, 2000, p.139).

Concordando com Schweickardt (2000), o que Argan propõe é que olhemos para a percepção que as pessoas têm da cidade, ou seja, criam-se diversas imagens da cidade e nela são criadas.

As imagens da cidade e do urbano nos escapam, pois dia a dia vemos uma nova cidade, diariamente ela está mudando, mesmo que ela tenha representado nos edifícios antigos anos de história. Novamente voltamos à questão de perceber as subjetividades presentes na cidade, que escapam aos puros sentidos, que precisam ser interpretados a partir dos múltiplos significados que são dados, e que se escondem nos objetos exteriores. (SCHWEICKARDT, 2000, p. 139)

Reforçando a ideia das subjetividades presentes na cidade, Lynch (1960) diz que:

O design de uma cidade é [...] uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas de outras artes temporais como, por exemplo, a música. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas, anuladas. Isto acontece a passo (LYNCH, 1960, p. 11).

Argan (1995, p. 230) apud Schweickardt (2000) defende que é um erro igualar a função de um edifício urbano a seu significado, pois, “uma coisa é saber que aquele prédio tem uma funcionalidade dada, mas os significados que as pessoas dão a ele são múltiplos” (SCHWEICKARDT, 2000, p. 139). Por esta razão, para além da função está o significado, resultante da experiência que cada um tem com determinado objeto. A experiência individual das pessoas com o objeto determinará o seu valor.

O que este autor chama a atenção é que para estudar a cidade faz-se necessário considerar as diferentes percepções que as pessoas têm dela, porque existe uma “infinita variedade dos valores simbólicos que os dados visuais do contexto urbano podem assumir em cada indivíduo, dos significados que a cidade assume para cada um de seus habitantes” (ARGAN, 1995, p. 231, apud Schweickardt, 2000, p. 139).

Analisando o que Argan diz sobre mapas, Schweickardt (2000) ressalta que em um mapa com o percurso de uma pessoa na cidade mostra que se representa “muito de elementos inconscientes, mas que possuem uma intencionalidade ou um significado [...] há muito de arbitrário e involuntário.” (SCHWEICKARDT, 2000, p.) Argan apud Schweickardt diz que ao fazer e/ou analisar tal mapa “terá, assim, a sensação do que exatamente significa estar-na-cidade e de que incrível conjunto de pequenos mitos, ritos, tabus, complexos positivos e negativos resulta nosso

comportamento de habitantes da cidade” (ARGAN, 1995, 232, apud Schweickardt, 2000, p. 139). Argan considera que as imagens da cidade mudam constantemente, para ele “o espaço da rua que percorremos de manhã para ir trabalhar é diferente do espaço da mesma rua percorrida à tarde, voltando para casa, ou do domingo, passeando” (ARGAN, 1995, p. 233, apud Schweickardt, 2000, p. 139).

Schweickardt (2000) ressalta sobre Argan

O autor chama a atenção que nenhum estudo da cidade deve prescindir da análise das percepções individuais da mesma. A ideia é partir destes elementos individuais para se chegar aos interesses coletivos, que de uma certa forma vão convergir em alguns pontos. A fenomenologia trabalha com as essências que se manifestam nos tipos, pois senão cairíamos num total relativismo dos pontos de vista. Mesmo na infinidade das percepções, observaremos que há encontros, “nós” significativos ou nexos que se nos apresentam, “nós” esses que devem ser objeto de nossa análise sobre a cidade (SCHWEICKARDT, 2000, p. 139).

Argan (1995) e a análise feita por Schweickardt (2000) concordam com o que diz Lynch (1960), pois, para este autor:

Ambientes diferentes impedem ou facilitam o processo de construção da imagem. Qualquer forma dada, um vaso bonito ou um pedaço de barro, terão uma grande ou pequena possibilidade de evocar uma imagem definida em observadores variados. Cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo. São estas imagens de grupo, mostrando o consenso entre um número significativo de membros, que interessam aos planejadores de cidades aspirantes a um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar (LYNCH, 1960, p. 17).

É a partir de nossas experiências que criamos a imagem da cidade. Nesta imagem são assumidos nossos valores da cidade, e partindo deste princípio, temos em nossas memórias e percepções aquilo que cada espaço representa. Nesta imagem mental temos todos os sentimentos que a cidade nos transmite. Com isso nos orientamos no meio ambiente, sabemos por onde temos que seguir, até onde podemos ir, e quais localidades devem ser evitadas. Esta condição nos recorda, por exemplo, quais espaços são seguros ou não, onde nos sentimos bem ou onde nos sentimos mal. Assim, Lynch defende que:

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e a comandar ações. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo (LYNCH, 1960, p. 14).

De acordo com Lynch (1960, p. 16), as imagens do meio ambiente resultam do que o autor chama de “um processo bilateral entre o observador e o meio”. Nesse processo bilateral “o meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador [...] seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê”. Desenvolvida a imagem, esta passa a limitar e dar ênfase ao que é visto, “enquanto a própria imagem é posta à prova contra a capacidade de registro perceptual, num processo de constante interação”. Deste modo “a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores” (LYNCH, 1960, p. 16).

Sobre a variabilidade de significados atribuídos à determinada realidade, Lynch reporta que:

A coerência da imagem pode surgir de vários modos. No objeto real pode existir pouco a ordenar ou a observar e, no entanto, a sua figura mental pode ter ganho identidade e organização através de uma longa familiaridade. Um indivíduo poderá facilmente encontrar objetos onde, para outros, aparentemente, apenas existe uma mesa de trabalho completamente desarrumada. Por outro lado, um objeto que é visto pela primeira vez pode ser identificado e descrito, não porque é familiar, mas porque condiz com um estereótipo já conhecido pelo observador (LYNCH, 1960, p.16-17).

Este raciocínio pode ser empregado aos espaços da cidade que as pessoas em situação de rua escolhem para abrigar-se. Para os demais sujeitos esses espaços, como marquises de prédios ou cantos de uma rodoviária, podem não significar nada ou não ter nenhuma utilidade sequer, mas para os que estão em situação de rua significam muito e ali essas pessoas encontram segurança, dando significado a esses locais, criando tamanha familiaridade ao ponto de tê-los como o seu lugar, e mundo vivido. O conceito de “População em Situação de Rua” será tratado na sessão a seguir.

1.5 A População em situação de rua

Este subcapítulo não pretende realizar uma retrospectiva histórica ou uma análise densa do fenômeno população em situação de rua pelo mundo, mas apenas uma breve contextualização do surgimento e condições atuais do fenômeno no Brasil, mais especificamente em Brasília, área onde se desenvolveu o estudo.

O fenômeno população em situação de rua remonta ao início do surgimento das sociedades pré-industriais na Europa, onde camponeses foram desapropriados de suas terras no campo e passaram a ir para a cidade em busca de trabalho, sem que as indústrias e as cidades os absorvessem. Em consequência da penúria gerada com esse processo, iniciou-se o fenômeno. Com o desenvolvimento do Capitalismo essa situação se agravou e passou a estar presente em grande parte do mundo, compondo o cenário urbano.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, população em situação de rua define-se como:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares fragilizados ou rompidos e a inexistência de moradia convencional regular. Caracteriza-se pela utilização de logradouros públicos (praças, jardins, canteiros, marquises, viadutos) e de áreas degradadas (prédios abandonados, ruínas, carcaças de veículos) como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como das unidades de serviços de acolhimento para pernoite temporário ou moradia provisória. Estas pessoas relacionam-se com a rua segundo parâmetros temporais e identitários diferenciados, vis-à-vis os vínculos familiares, comunitários ou institucionais presentes e/ou ausentes. Em comum possuem a característica de estabelecer no espaço público das ruas seu palco de relações privadas (BRASIL, 2010).

Schuch et al. (2012, p. 19) apontam que a população em situação de rua, segundo o Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome – MDS, é definida por sua pobreza, a interrupção de vínculos familiares e pela inexistência de moradia regular convencional, além de ser também caracterizada pela utilização de serviços de acolhimento ou moradia temporária ou provisória (SCHUCH et al., 2012, p. 19).

De acordo com Schuch et al. (2012, p. 19) a definição proposta acima contrasta frontalmente com aquela proposta pelo Movimento Nacional da População de Rua – MNPR, criado em 2005, mesmo ano em que foi aprovada a Lei 11.258, que estabelece a obrigatoriedade de criação de programas para a população de rua na Assistência Social. Para este movimento:

O Movimento Nacional da População de Rua é formado por homens e mulheres em situação ou trajetória de rua, comprometidos com a luta por uma sociedade mais justa que garanta direitos e a dignidade humana para todos. Esses homens e mulheres, protagonistas de suas histórias, unidos na solidariedade e lealdade, se organizam e mobilizam para conquistas de políticas públicas e transformação social (MNPR, 2005, apud SCHUCH et al., 2012, p. 20).

Esta definição criada pelo MNPR (2005) coloca a pessoa em situação de rua como autor de sua própria história, e que atua em conjunto com os iguais para melhoria das condições de vida, uma sociedade mais justa e igualitária, com garantia de direitos e respeito à pessoa humana. Porém, apesar desse conceito tentar se aproximar mais do indivíduo do que o proposto pelo MDS, ele desconsidera exatamente um aspecto muito importante da População em Situação de Rua, que diz respeito à heterogeneidade desse grupo populacional e, assim, despreza àqueles que se encontram nas mesmas condições, porém não participam do movimento. Esta definição está pautada em um coletivismo que exclui a singularidade da pessoa em situação de rua.

No Brasil, segundo Rosa (2005) apud Aguiar (2014, p. 29), desde o fim da década de 1950 e início da década de 1960 que são observados grupos de pessoas vivendo nas ruas, a grande maioria formada por migrantes de origem rural. Cerca de 70% da população rural mudou-se para as cidades, e para a autora, esse fenômeno mostra que essa migração se explicava por questões estruturais de ordem econômica que o país passava influenciando no processo de expulsão do homem do campo para condições precárias de trabalho sem qualificação nos grandes centros urbanos (ROSA, 1995, apud AGUIAR, 2014, p. 29).

Rosa (1995) apud Aguiar (2014, p. 30) afirma que desde esse período, se observou uma migração rural para os grandes centros urbanos do Brasil. E não foi diferente com Brasília, que durante e após a sua construção atraiu milhares de trabalhadores que acabaram permanecendo na nova capital.

De acordo com Schuch et al. (2012, p. 13), a partir da década de 1980, vem se acentuando uma preocupação pública e de gestores institucionais acerca do fenômeno que atualmente é denominado “População em Situação de Rua”.

Sobre a atual conceituação para a descrição desse grupo os autores levantam que

Em que pese à diversidade de conceitos utilizados para sua descrição, pode-se dizer que esse conceito pretende denominar, atualmente, um conjunto de populações diversas que circulam pelas ruas e fazem dela seu local de existência e moradia, mesmo que temporariamente, e/ou utilizam serviços diversos destinados à sua proteção e à promoção de direitos (SCHUCH et al., 2012, p. 13).

De acordo com Aguiar (2014, p. 30), em Brasília, os movimentos migratórios do campo para os centros urbanos e o crescimento populacional desordenado são dois fatores de destaque para o surgimento do fenômeno população de rua na capital. Planejada para receber meio milhão de habitantes no ano 2000, ainda em 1992 já tinha uma população de 1.596.274 habitantes, e de acordo com o último censo de 2010, possuía um total de 2.570.160, e com uma estimativa de 2.789.761, para 2013 (IBGE, 2010).

Esse acentuado e desorganizado processo de crescimento urbano associado a diversos agravos econômicos do país e mais a lentidão do poder público em “perceber” essas pessoas nas ruas, contribuíram para aumentar consideravelmente o número de pessoas vivendo nessas condições em Brasília e em todo território nacional (ROSA, 1995, apud AGUIAR, 2014, p. 30).

Segundo Rosa (2005) apud Aguiar (2014, p. 30), em 1991, a população em situação de rua concentrava-se no centro de Brasília e constituía-se em maior número por migrantes nordestinos, cujos muitos permaneceram na cidade após a sua construção, pois se tornou um símbolo de crescimento e desenvolvimento nacional. Atualmente apesar do crescimento das Regiões Administrativas, conhecidas anteriormente por “Cidades satélites”, esse quadro não mudou muito. Há uma concentração maior de pessoas em situação de rua no centro de Brasília. Segundo dados da Pesquisa sobre a População em Situação de Rua do Distrito Federal, realizada pela UnB em 2011, cerca de 400 pessoas em situação de rua estão presentes na capital.

Para se conhecer melhor os espaços da cidade de Brasília em que as pessoas em situação de rua se encontram, nesta pesquisa, utilizou-se dos chamados mapas mentais, que são representações do vivido (Archela, et al. 2004), feitos por essas pessoas. O conceito de Mapa Mental adotado nessa pesquisa será abordado na próxima sessão.

1.6 O Mapa mental

Este subcapítulo traz o conceito de mapa mental que foi utilizado como ferramenta para representação do mundo/espço vivido das pessoas em situação de rua entrevistadas nesta pesquisa. O mapa mental constitui uma ferramenta essencial para a análise do mundo vivido desses sujeitos que trazem consigo distintos significados e sentimentos dos lugares experienciados que podem ser muito bem explorados através dos traços marcados por eles no papel.

Para Nogueira (2002) os mapas mentais representam muito mais do que os pontos de referencia que facilitam a localização e orientação espacial, para a autora “os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar” (NOGUEIRA, 2002, p. 130, apud Motta 2003, p. 71).

É no mapa mental que o lugar experienciado é representado. O traçado do desenho no mapa mental traz consigo muito do que o sujeito muitas vezes não consegue expressar de outra maneira que não seja o desenho do mapa, elementos que escapam até mesmo a linguagem falada. Os mapas mentais são importantes instrumentos para registro da percepção espacial de um sujeito.

Para Archela, Gratão e Trostdorf (2004):

Os mapas mentais são representações do vivido, são mapas que trocamos ao longo da nossa historia com os lugares experienciados. No mapa mental, a representação do saber percebido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas e simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar (ARCHELA et. al., 2004, p. 127).

De acordo com Ibert (2011)

Mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos. As representações espaciais mentais podem ser de vivências do dia-a-dia, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos experienciados ou divulgados pela mídia (IBERTI, 2011, p.1).

De acordo com Castellar e Vilhena (2010), os mapas mentais ou os desenhos são representações em que não há preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção cartográfica. As representações ocorrem a partir da memória e revelam

os valores que os indivíduos têm dos lugares, dando-lhes significados ou sentido ao espaço vivido (CASTELLAR e VILHENA, 2010, p. 25).

De acordo com Castellar (2000), um sistema de sinais e símbolos, o mapa, tem a função de fazer a medição entre o que é real e o que é abstrato, então, “na medida em que o ser humano sente-se capaz de transformar a sua percepção do espaço em um desenho bidimensional, ele, na verdade, está se apropriando desse espaço” (CASTELLAR, 2000, p. 31).

Ler o espaço vivido, para representá-lo remete à compreensão dos significados dos lugares, das coisas, das relações. Exige estruturas de pensamento que possibilitem desenvolver e reproduzir categorias de análises. Além da leitura do mundo do entrevistado, que requer certo domínio das atividades cognitivas do sujeito, os mapas mentais permitem ter uma maior compreensão dos lugares de vivência.

De acordo com Lencioni (2003) apud Pereira et al. (2010) os mapas mentais diferem dos mapas cartográficos ao passo que

Os mapas cartográficos fazem uma representação objetiva do espaço, enquanto os mapas mentais fazem uma representação subjetiva a partir da percepção que o homem elabora as imagens sobre esse espaço. Numa perspectiva geográfica, a fenomenologia trás visão antropocêntrica do mundo e recupera o humanismo ao destacar significados e valores atribuídos ao espaço. O espaço vivido passa a ser construído socialmente através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as praticas sociais (LENCIONI, 2003, apud PEREIRA et al., 2010, p. 176).

Frisa-se que apesar de os mapas mentais diferirem dos mapas cartográficos, eles não deixam de representar a realidade do mundo e a historicidade de quem o produz. Como afirma Oliveira (2006, p. 66), ao citar Kozel Teixeira e Nogueira (1999)

É importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, mas são construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares reais vividos, produzidos e construídos materialmente (KOZEL TEIXEIRA e NOGUEIRA, 1999, apud OLIVEIRA, 2006, p. 66).

De acordo com Oliveira (2006, p. 66-67), estudar os mapas mentais das pessoas requer interpretá-los como uma forma de comunicação, por isso, não se deve impor categorias acadêmicas e artísticas. Assim como na pesquisa desta autora, a presente pesquisa atribui grande valor aos mapas mentais, visto que

constituem aporte teórico para interpretação da percepção das pessoas em situação de rua em relação à cidade.

No capítulo a seguir, apresentar-se-á a metodologia adotada para o presente trabalho.

CAPÍTULO 02: METODOLOGIA

Este capítulo objetiva relatar a metodologia do trabalho, com enfoque nas bases filosóficas do método aplicado e seus instrumentos para realização do estudo. Assim como caracterizar a área de estudo, relatar as etapas dessa metodologia e as dificuldades encontradas na pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica.

Realizou-se o estudo em alguns pontos de Brasília/DF em que a presença de pessoas em situação de rua marca a paisagem urbana.



Figura 1: Mapa Área de Estudo. Ezio Santos.

A área de estudo abrange o Setor Comercial Sul, a Rodoviária do Plano Piloto e a área da Torre de TV, incluindo a Feira de Artesanato. Essas áreas foram escolhidas por serem pontos estratégicos, onde a população em situação de rua costuma estar presente. Também se realizou parte do estudo no Centro Pop de Brasília (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua), localizado na quadra 903 da Asa Sul, que gentilmente abriu as portas para a realização do estudo. Este centro é referência no atendimento à população em

situação de rua e recebe diariamente pessoas advindas de várias localidades do Plano Piloto.

Dada a importância de Brasília no cenário nacional e internacional, a capital do país, em tese, não deveria ter a presença tão marcante de pessoas em situação de rua. Esse problema de base social aguçou a curiosidade em investigar qual então seria a percepção de pessoas em situação de rua sobre a cidade.

Para extrair-se a percepção das pessoas em situação de rua sobre a cidade, pelos depoimentos e os mapas mentais, partiu-se de uma perspectiva fenomenológica baseada na metodologia proposta por Gandra e Duarte (2012). Ressalta-se que os entrevistados tiveram total liberdade em suas respostas e no desenho de seus mapas durante a pesquisa.

As etapas da metodologia se deram da seguinte maneira:

Primeiro levantou-se a bibliografia, foram coletados dados secundários, utilizando-se fontes documentais, artigos e livros referentes ao assunto. Esses dados foram coletados principalmente de forma digital, em bibliotecas virtuais de universidades e em portais de periódicos, com destaque para o portal da Fundação Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Em seguida os dados foram coletados de forma direta (dados primários). Fez-se observação de campo (Lakatos e Marconi, 2003) sem que houvesse contato direto com as pessoas em situação de rua nesta etapa; em seguida fez-se aproximação; realização de entrevistas semi-estruturadas ou pautadas (Laville e Dionne, 1999), que permitiu maior liberdade às respostas dos entrevistados e a obtenção de informações mais detalhadas que auxiliaram no estudo.

Para registro das entrevistas utilizou-se de gravador de voz portátil. Foram entrevistadas formal e informalmente 30 pessoas de ambos os sexos e com diferentes idades (acima de 18 anos) e perfis variados, escolhidos aleatoriamente. Não se tem o número exato de pessoas que contribuíram de alguma forma com a realização da pesquisa, pois houve conversas informais não registradas, que inevitavelmente influenciaram nas análises, porém foram registradas 19 entrevistas,

que compõe o universo de sujeitos formalmente analisados, e um número de 11 conversas informais não registradas.

O questionário que deu base para as entrevistas sofreu alterações ao longo do processo que facilitaram o desenvolvimento da pesquisa e sua versão final foi composta por 12 perguntas. Com as entrevistas buscou-se obter qual a percepção das pessoas em situação de rua em relação à cidade, a partir de suas experiências e sentidos.

Ao final de cada questionário foi proposto ao entrevistado que fizesse um mapa mental dos espaços e localidades em que ele teria o costume de circular e se abrigar na cidade de Brasília, que constituiriam seu mundo vivido, para saber como o sujeito percebe e que significado é dado por ele aos espaços, quais locais são considerados seguros e quais locais considerados inseguros para abrigar-se e dormir. Os mapas mentais foram feitos em folha branca, tamanho A4, orientação paisagem ou retrato, ficando a critério do entrevistado, e com lápis de grafite número 2. Os entrevistados confeccionaram seus mapas mentais com a intenção de expressarem suas percepções e memórias no desenho. Para a análise dos mapas mentais buscou-se descrever os desenhos e aproximar as representações ao referencial teórico da pesquisa.

Terminada a pesquisa de campo, já de posse das gravações dos áudios das entrevistas, fez-se a transcrição integral das mesmas, em seguida foram selecionadas as falas que mais se aproximaram dos objetivos da pesquisa e selecionaram-se também os mapas mentais que melhor representavam o mundo vivido na perspectiva do presente trabalho. Para, então, realizar-se a análise que apontou os resultados.

As principais dificuldades para aplicação da metodologia e realização da pesquisa foram: ter acesso aos entrevistados, pois as pessoas em situação de rua se mostraram retraídas. A maioria dos entrevistados mostrou-se pouco à vontade ou se recusou a falar. E nem todos os entrevistados se dispuseram a fazer o mapa mental. Alguns alegaram não saber desenhar, ou simplesmente optaram por não fazê-lo, muitas vezes por receio de ter exposta a localização de seu local de abrigo.

Ao longo da pesquisa a forma e a ordem das perguntas do questionário foram alteradas, com o intuito de se conseguir mais facilmente que os entrevistados respondessem a todas as perguntas, sentirem-se mais à vontade para falar e assim responder de maneira mais ampla e detalhada. Também foram sugeridas pequenas alterações por parte da gerência do Centro POP de Brasília, para melhor adequação às suas filosofias de trabalho que visam proteger as pessoas em situação de rua auxiliadas pela instituição.

Para conseguir as falas dos entrevistados foi preciso muita persistência, e deixar claro que em hipótese alguma seriam expostos ou sofreriam algum tipo de denúncia ou perseguição. O uso do gravador de voz também se mostrou um elemento intimidador em alguns casos, mas essa barreira foi-se quebrando ao longo das entrevistas. Por outro lado, em alguns casos o gravador tornou-se um grande aliado, pois alguns dos entrevistados sentiram-se mais importantes e reconhecidos por terem suas vozes gravadas, mostrando, assim, que apesar da situação em que se encontram, continuam sendo pessoas iguais a todas as outras, continuam sendo seres humanos que merecem respeito, dignidade e o direito de serem ouvidas.

Algumas das dificuldades foram de cunho pessoal, como pesquisador, e humano, vencer os meus próprios preconceitos e aproximar-se dos entrevistados sem receios, para realizar uma boa pesquisa fenomenológica, mas essa barreira foi facilmente quebrada logo nas primeiras entrevistas.

Na realização das entrevistas houve apenas um momento de maior apreensão, que ocorreu na Rodoviária do Plano Piloto, ao entrevistar um rapaz que se mostrou de prontidão para realizar um assalto ao meu equipamento e pertences. Mas essa situação isolada foi facilmente contornada no momento em que se interrompeu a entrevista.

Outras dificuldades metodológicas apresentaram-se pela falta de material teórico expressamente geográfico. Há poucos trabalhos geográficos que tratem do mesmo tema, com a mesma abordagem, e nenhum que trate da percepção da população em situação de rua sobre a cidade. Então, fez-se necessário tornar geográfico boa parte do material disponível. Material disponibilizado para arquitetos, sociólogos, antropólogos e outros.

Os movimentos sazonais e migratórios que fazem as pessoas em situação de rua também se mostraram como um empecilho ao longo da pesquisa, pois, não é tarefa fácil encontrar o mesmo indivíduo duas vezes no mesmo local. Quando não foi possível realizar a entrevista de imediato e marcou-se para realizar em outro dia não deu certo. A rotina desses sujeitos nem sempre é tão fixa, pode acontecer de nunca mais encontrá-los no mesmo local em que os encontrou em outro dia. A vida de quem está nas ruas é muito mais intensa e incerta do que a vida de qualquer outra pessoa que tenha moradia convencional.

Como as pessoas em situação de rua têm perfis muito variados e apresentam grande heterogeneidade, elaborar um questionário que atingisse a todos de maneira satisfatória também não foi tarefa fácil, e mesmo chegando a um bloco de perguntas que teoricamente seria ideal para que todos respondessem a todas as questões, isso não foi possível. Boa parte dos entrevistados não respondeu diretamente às questões ou se recusaram a responder determinadas coisas. Daí a importância de se fazer um questionário aberto nesses casos. A pessoa pode indiretamente responder a questões importantes para a pesquisa ao longo desse tipo de entrevista que se assemelha muito a uma conversa informal, e responder a questões antes mesmo do entrevistador questionar, o que aconteceu em grande parte das entrevistas que foram realizadas. No decorrer deste tipo de entrevista, o entrevistador também pode colocar outras questões que julgar necessário, e/ou que leve o entrevistado a se sentir mais confortável para responder.

Por mais óbvio que pareça, é importante ter bastante atenção ao funcionamento correto do equipamento, no caso o gravador de voz, para que este não venha causar perda de informações. As baterias descarregam muito facilmente, é preciso estar atento às condições de carga e as limitações do aparelho que dependendo de sua qualidade pode apresentar cortes do áudio captado. No decorrer de algumas entrevistas, o equipamento apresentou essa falha de captação do áudio resultando em cortes nas falas, e em dois episódios não captou nenhum áudio, situação que foi contornada ao rapidamente anotar os fragmentos de fala dos entrevistados que restavam frescos na mente. É importante que o entrevistador esteja sempre atento e preparado para eventuais problemas com o equipamento.

Até mesmo o fato de esta ser uma situação, passível de mudança, o estar na rua e o sair da rua são uma realidade, e dificultam tanto a pesquisa como a caracterização do sujeito a ser investigado. A velocidade que ocorrem os processos da situação de rua poderia comprometer a credibilidade da pesquisa dependendo de seus objetivos. Não foi o caso nessa presente pesquisa, pois, aqui se pretendeu preservar a heterogeneidade e particularidade de cada sujeito, não importando para o alcance dos objetivos e resultados o tempo que a pessoa estaria vivendo na rua, ou se em processo de saída dela. O mais importante para esta pesquisa foi que o sujeito se enquadrasse na definição de pessoa em situação de rua do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, se reconhecesse em situação de rua em algum momento de sua vida, ou seja, ter vivido essa experiência peculiar com a cidade em determinado momento, além de se encontrar dentro da área de estudo.

Comum a outros tipos de pesquisa, mas de modo particular a esta, é necessário que o pesquisador quebre todas as barreiras internas e subconscientes, criadas por questões culturais e sociais, que haja entre ele e o sujeito a ser entrevistado, no caso, a pessoa em situação de rua, que na grande maioria das vezes está invisível aos olhos da sociedade que transita pela cidade e a qual o entrevistador faz parte.

A etapa mais difícil desse tipo de pesquisa é a aproximação. Seja pelo preconceito ou medo criado em nossas mentes de que a pessoa em situação de rua, que se encontra privada de cuidados básicos de higiene, deitada no chão ou em qualquer espaço que não seja habitual que se utilize representa uma ameaça, ou pelo receio de qual será a reação da pessoa ao ser abordada.

A vida de quem mora na rua não é igual à vida da maioria da sociedade que possui um estilo de vida convencional. Existem diversas situações que devem ser respeitadas. Sejam motivadas por questões ligadas ao uso de drogas, a rixas, disputa por espaço ou qualquer outro motivo, o entrevistador precisa estar atento a essa questão que é de suma importância e deve perceber o limite de até onde pode ir ou em que ponto deve parar, para que uma entrevista possa fluir bem e seja resguardada a segurança de ambos envolvidos.

Perguntas que o entrevistado julgue invasivas sobre o que ele prefere manter em sigilo não devem ser repetidas. Um bom exemplo de pergunta a ser evitada é sobre o local exato que a pessoa fica durante a noite, pois, muitas dessas pessoas se sentem ameaçadas por se encontrarem em uma situação de vulnerabilidade, e também por diversos outros motivos.

No capítulo a seguir, serão descritos os resultados alcançados nesta pesquisa e será feita a discussão dos mesmos.

CAPÍTULO 03: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sustentado pela Fenomenologia, corrente filosófica que procura realizar uma descrição direta da experiência assim como ela é, seguiu-se o que sugere Nogueira (2005), na tentativa de interpretar as informações colhidas dos sujeitos da pesquisa bem como eles demonstraram.

Algumas restrições gerais criaram barreiras para a aplicação da pesquisa, tanto o acesso aos locais de abrigo dessas pessoas, como as próprias pessoas que se encontram nessas condições, por não se mostrarem acessíveis à primeira vista. Essa questão é abordada no decorrer do capítulo.

Respeitou-se fielmente a linguagem dos entrevistados que muitas vezes contraria a gramática, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma da pessoa em situação de rua enxergar e expressar seu mundo. Ressalta-se que para salvaguardar as identidades dos entrevistados seus nomes foram ocultos, identificando-os apenas por “Entrevistado” e pelas iniciais dos seus nomes, e um numeral nos casos de nomes com iniciais iguais. Todos os depoimentos e mapas mentais foram autorizados a serem divulgados nesta pesquisa.

Já na etapa de observação da metodologia adotada, fez-se possível alcançar alguns resultados preliminares. Com a observação pode-se analisar certos aspectos comportamentais dos sujeitos observados. Logo nesse primeiro contato, nota-se a invisibilidade que recai sobre essas pessoas, comprovada em depoimento dos mesmos. Centenas de pessoas passam por elas e não as olham, ou se olham, desviam o caminho. Como relatou um dos entrevistados:

“Todos os dias eu tô aqui [...] e tem dia que eu tô invisível, ninguém olha pra mim” (ENTREVISTADO A. 1, 2015).

Também se pode notar como as pessoas em situação de rua se sentem isoladas e retraídas em seus espaços. Esta condição trouxe grande dificuldade para o desenvolvimento do próximo passo metodológico, a aproximação.

A aproximação fez-se cautelosamente e com muita educação, pois, em muitos casos, pode-se considerar até mesmo uma invasão à intimidade e ao

sossego da pessoa em situação de rua, ao passo que ali em seu espaço escolhido para abrigo torna-se sua casa e toma o mesmo significado de uma moradia convencional, visto que em moradias convencionais não se pode adentrar de qualquer maneira, o mesmo ocorre com o “lugar” da pessoa em situação de rua. Nesta etapa houve muitas recusas, pode-se considerar que a maioria das pessoas abordadas não aceitou o convite à entrevista. Mas vale destacar que todos que aceitaram se sentiram bem no decorrer da entrevista, como comentou um entrevistado:

“A sua entrevista marcou meu dia hoje. É algo diferente [...]”
(ENTREVISTADO A. 1, 2015).

Realizada a aproximação e com o aceite para a entrevista, partiu-se para a realização do questionário. Durante as entrevistas, notou-se que na grande maioria dos casos, no primeiro momento de contato as pessoas em situação de rua encontravam-se acanhadas. O que demonstra que seus espaços estão repletos de receios e medos, e assim, divergem da noção de espaço que tem Tuan (1983), visto que para este autor espaço é sinônimo de liberdade, e também considerando que onde há medo não é possível ter liberdade, assim como disse Nina Simone (1972) “liberdade para mim é isto: não ter medo”.

Seguindo os passos metodológicos para a análise fenomenológica, propostos por Gandra e Duarte (2012), foram alcançados os seguintes resultados a partir da aplicação do Questionário de pesquisa e da confecção dos mapas mentais:

3.1 Questionário

Para o alcance da percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a cidade questionou-se quais elementos chamariam a atenção das pessoas em situação de rua, a opinião delas, e como elas enxergariam a cidade.

Apontou-se a Diversidade Cultural como um elemento que caracteriza a cidade de Brasília. Não é nenhuma surpresa que essa questão tenha sido levantada, pois, a população de Brasília é resultante do processo migratório característico do

Brasil, onde pessoas saem de sua terra natal para tentarem a vida na cidade grande.

“A diversidade de pessoas que tem aqui, porque tem pessoas do Maranhão, do Piauí, do Amazonas, de Pernambuco, da Bahia, enfim, de vários cantos. A diversidade cultural”. (ENTREVISTADO A. 1, 2015).

“O que me chama atenção aqui no Plano Piloto é a movimentação. O povo bastante cultural, né? Galera para pra apreciar o meu trabalho, apreciar a arte. O povo é bem, bem cultural”. (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Essa diversidade cultural característica da capital do nosso país, também atrai artistas de todos os cantos e enche os olhos de todos. Essa questão foi levantada por outros entrevistados.

O que eu gosto aqui é que tem muitos artistas. Aqui tem muito artista, muita gente que gosta do artesanato, tem pessoas bonitas que gostam de artesanato e sabem o que é arte... eu mesmo moro na rua, mas eu fiz quinze anos de balé, estudei para ser professora de balé (ENTREVISTADO D. R., 2015).

“De vez em quando tem um show ou alguma coisa eu vou... aí eu gosto”. (ENTREVISTADO A. 2, 2015).

Apontaram-se questões ligadas à segurança que por um lado foi considerada positivamente, mas por outros depoimentos evidencia-se a violência, a criminalidade e a insegurança que são vividas na cidade de Brasília.

“Aqui é um lugar tranquilo, né... mais tranquilo do que as outras capitais, do que os outros lugares, aqui é mais sossegado. E o pessoal aqui te acolhe mais melhor do que em muitos outros lugares aí”. (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

Seguro, a gente não se sente, mas eu vou dizer a tu, assim, eu não vi violência nessas Asa Norte e Asa Sul, não. Pelo o que eu vejo, assim [...] eu vejo realmente muita violência, mas é mais nas cidades satélites, né? Mas aqui, eu não vejo violência não (ENTREVISTADO M. V., 2016).

“O que chama minha atenção aqui sabe o quê que é? É que a gente tem que dormir com um olho fechado e o outro aberto. Porque eles gostam de roubar as coisas dos outros, eles gostam de roubar...” (ENTREVISTADO A. 2, 2015).

O que chama a atenção? O que chama a minha atenção é as pessoas, né? As pessoas. As pessoas chamam a minha atenção toda hora. [Por quê?]. Ah, porque às vezes eu tô quieto no meu canto e a pessoa tá chamando a minha atenção ali pra mim, tipo roubar ela. É. Claro, né, porque eu tô bem ali, eu durmo na calçada da igreja, o povo passa lá desse jeito aqui ó [Gesticulando como se segurasse um objeto próximo ao peito]. Já tá chamando a minha atenção. É, chamando a atenção de ladrão. Aí chamando a minha atenção, só que eu num, às vezes eu vou lá e roubo, mas não é todo dia (ENTREVISTADO D., 2016).

[...] a respeito assim de um lugar seguro, eu acho que é um dos lugares mais inseguros, entendeu? Porque é um lugar que a pessoa se sente insegura, porque é um lugar onde dá todo tipo de pessoas, às vezes mesmo a pessoa por ser um cidadão de baixa renda, está ali transitando naquela área, às vezes não está com má intenção nenhuma, mas pra muitas pessoas... já discrimina a pessoa, pensando que a pessoa é ladrão ou qualquer coisa ruim, entendeu? (ENTREVISTADO S. A, 2016).

Apontaram-se questões econômicas que demonstram que a capital ainda é vista como celeiro de oportunidade financeira, o que atrai muitas pessoas a tentarem uma sorte melhor em Brasília.

Eu admiro Brasília pela arquitetura, pela fonte de renda, né, que pra nós que mora em periferia a renda sai aqui de Brasília, né? A gente tira o sustento das nossas famílias vem daqui, da cidade de Brasília. Hoje embora a periferia... Brasília continua sendo um referencial, né, de emprego, de renda, né, pra quem mora nos arredores de Brasília (ENTREVISTADO L., 2016).

“Trabalho é bom aqui, né? As pessoas são muito boas com a gente aqui também” (ENTREVISTADO D. S., 2016).

Até aqui, notou-se que ao falar sobre a cidade as pessoas em situação de rua apontaram aspectos puramente humanos e culturais, caminharam de acordo com o que nos diz Argan (1995), onde para este autor a cidade se constitui de homens e, estes homens dão significado às pedras da cidade. Sobre as pedras da cidade, sua

infraestrutura física e arquitetura, os elementos construídos, foram feitos elogios e apontados os espaços mais vistosos para os sujeitos da pesquisa, além de mais uma vez os depoimentos estarem impregnados de relações sócio-espaciais, confirmando-se assim que um espaço só existe quando dotado de valor e sentido.

O que me chama atenção, sinceramente, é... Primeiro essa cidade é maravilhosa, eu achei assim, questão de urbanização é um negócio muito bonito, né. Esse Oscar Niemeyer, o cara é... trampa mesmo, hein. Questão de Leste, Oeste, Norte, Sul, tudo certinho, né. Cê num se perde, né? [...] E o que eu acho, assim, mais interessante, é a acessibilidade, é a oportunidade que tem, tanto escola, como curso, como palestra, como parque, como uma exposição de arte. [...] Eu acho essa cidade mais evoluída, sabe? Questão de urbanização, limpeza. Eu vejo a cidade com os olhos bom, bonito (ENTREVISTADO M. V., 2016).

“O que chama a minha atenção? A torre de televisão. Os prédios. Quem construiu o Plano, construiu muito bonito, né? É uma cidade bacana”. (ENTREVISTADO D. S., 2016).

“Lá na Esplanada, porque é legal, bonito, bacana... acho lindo”. (ENTREVISTADO B., 2015).

“O negócio é a vista do Plano Piloto, né? Você vê o Congresso, o gramado da rodoviária, a torre, a torre digital”. (ENTREVISTADO D., 2016).

Falta muita coisa, mas há cinco anos atrás eu passei e a cidade tava ridícula. Há cinco, seis anos atrás. Hoje já vi uma melhora, notei uma melhora enorme. Exorbitante. Senti uma melhora bastante em Brasília [...] sem contar a limpeza das ruas, né? As ruas estão muito mais limpas do que antigamente, né? Acho que por causa dos eventos também que aconteceu no país. Foi um pilar principal, né? Não mudou muita coisa, mas pelo menos o básico que tinha que fazer...pelo menos (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Na cidade do Plano Piloto? O que mais tem me chamado atenção aqui é o POP, na verdade, porque o POP é um lugar que acolhe moradores de rua e eu caí na situação de rua e me apeguei ao POP, por isso que eu tô aqui. Tem água, tem lugar pra banhar, tem plantas, tem coisa pra fazer, tem estrutura (?), tem de tudo, um pouquinho de tudo aqui, então o que mais me chama atenção aqui em Brasília é o POP. [...] Tudo me chama atenção [...] Museu Nacional foi uma coisa espetacular, né? Agora da modernidade pra

cá foi uma coisa que ganhou que foi uma vitória. É um lugar de todas tribos, lugar de todos... etnia, todo mundo se encontra ali naquele lugar (ENTREVISTADO W. , 2016).

Apoiando-se no que diz Lynch (1960) sobre cada indivíduo sustentar a sua própria imagem da cidade a partir de sua percepção e que apesar disso há consenso entre um grande número de pessoas o que leva “a um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar” (LYNCH, 1960, p. 17), questiona-se qual seria o modelo ideal de cidade para os sujeitos da pesquisa.

A cidade que eu queria era muita coisa... Que o pessoal discrimina a gente, eu queria que o pessoal não discriminasse a gente porque a gente fuma droga. Porque nem todo mundo é igual, né... Tem muita gente que discrimina, uns ajuda outros não... aí é chato, né? Eu queria que as pessoas olhassem pra gente com outros olhos, que nem todo mundo é igual... em todos os lugares (ENTREVISTADO B., 2015).

Eu acharia que deveria ser mais, assim, pessoas não estarem sendo discriminadas, sendo que não seja bandido, né? Pessoas às vezes se sentem discriminadas por uma coisa que não é, e a pessoa se sente revoltada. É muito revoltante. E às vezes não sabe nem como agir numa situação a qual estou aqui relatando, entendeu? Que é muito difícil hoje, né? Do modo em que hoje as coisas andam acontecendo, então pra muitas pessoas hoje, acha que todo mundo que às vezes estão na rua, que não tem emprego é vagabundo, mas não é, entendeu? Então eu acho que é... não acho correto esse tipo de coisa que acontece na capital (ENTREVISTADO S. A, 2016.).

“Goiânia. Lá é melhor... lá eu tenho meus parentes... é mais perto da família”. (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

“Minha vontade é ir embora pra casa né, que fica na Paraíba”. (ENTREVISTADO A. 2, 2015).

Minha terra, Pernambuco, né? (risos) Porque eu falei que aqui era cultural, mas aqui é cultural assim, né? Um... O CCBB, um museu, um parque. Já Pernambuco, não. Não tem essa acessibilidade, mas, é mais cultural em questão de cultura popular. É maracatu, é coco, é ciranda, é bumba meu boi, folclórico, sabe. Interessante, sempre tem um show, um evento gratuito (ENTREVISTADO M. V., 2016).

Eu gosto mais de Torres, Rio Grande do Sul, que tem umas praias bonitas, água cristalina. Eu gosto mais das belezas naturais. E aqui o que eu gosto mais é das cachoeiras, que tem umas cachoeiras aqui, né... tem o Itiquira, que é aqui perto (ENTREVISTADO D. R., 2015).

Samambaia... Lá é minha família, né? Minha família tá lá e também eu nasci no meio do mato, né cara? No Cerrado, na favela. E aqui também eu sei que já foi uma favela, uma periferia também, mas lá é minha família, né? [...] Só que aqui eu também me sinto em casa, só que lá... É só a saudade. Lá pelo menos eu vejo eles e fico feliz um pouco (ENTREVISTADO D., 2016).

É... a cidade limpa, organizada, segura e com bastante opções de diversão porque hoje em dia o mundo é dos jovens, embora tenha um índice muito grande de velhos, hoje em dia é a geração que vem agora, né, de jovens (ENTREVISTADO L., 2016)

“Uma cidade assim, sem violência, sem droga, onde as crianças possam crescer com educação bacana e com respeito aos outros. Se a gente conseguisse ter uma cidade assim, seria uma cidade bacana” (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

Ah, mais estrutura, assim, mais trabalho, mais escola, mais creche para as crianças, esporte, cultura, né? Para as pessoas se socializarem melhor. Pra ficar melhor tinha que ter isso tudo, né? Que é pouco, o que tem é pouco. Falta mais investimento financeiro pra ter melhorias na saúde, melhorias na escola, em tudo, né? Que o nosso país é carente disso, né? Os governos tinham que fazer coisa melhor, aí[...] um posto de saúde, uma escola melhor, oportunidades de estudos para as pessoas, faculdade para as pessoas se formarem aí, abrir portas de empregos para as pessoas trabalhar, mas não tem oportunidade, né? Por causa da falta de estudo, que às vezes não estudou, né? Não se formou e aí não tem oportunidade de trabalho, né? Tirar as populações da rua, aí [...] Mais funcionários na rede da saúde, mais assistentes sociais pra atender o povo aí na rua, né, mais professores, policiamento (ENTREVISTADO D. S., 2016).

Olha, pra mim um modelo de cidade ideal é onde os artistas como eu pudesse se expressar em qualquer lugar, vender sua arte, ou seja, não só eu, mas todos que façam arte possam se expressar, né? Viver da maneira... do jeito que quer. Isso pra mim é cidade ideal. Onde as pessoas tenham segurança, tenham educação, tenha segurança pra sair e voltar. Isso é meu modelo de cidade ideal. Esse é meu modo de pensar (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Olha... Brasília. [...] só que eu não consigo deslocar, falar de cidade só nesse sentido e não falar nela no sentido, igual estou te falando, de política, de gente, de convívio, oportunidade de trabalho, de trabalho, de cultura, de lazer, tá ligado? Isso tem que ter dentro de uma cidade, então... Escola pública não presta. Caralh* vei, você vai nessas escolas e fala 'Cê é louco, parceiro? Vou fazer o quê aqui?' O convívio é muito bom, só que o seguinte, falta muita estrutura também (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

Os depoimentos demonstram que para os entrevistados a cidade ideal vai além da sua infraestrutura e aspectos físicos naturais ou construídos. Mais uma vez aspectos ligados diretamente ao homem foram colocados. Nota-se nos depoimentos o desejo dos entrevistados de retornarem às suas terras de origem. Boa parte das respostas foi relacionada aos sentimentos por determinadas regiões onde está presente a família dessas pessoas. A cidade ideal, então, além de apresentar boa infraestrutura e oferecer serviços de qualidade seria onde os laços familiares estariam preservados, não interessando, assim, a localização da cidade, mas quem faz parte dela. Pois, como bem colocou Buttimer, uma parte importante das nossas experiências do mundo são experiências sociais, os homens comungam e se tornam parte de outros, e é nessa relação intersubjetiva e social que constrói seus lugares. Assim também nos coloca Schweickardt (2000) ao dizer que o urbano ultrapassa nossos sentidos, sendo assim, necessário considerar as relações das pessoas com outras e com as coisas, pois, os sujeitos carregam consigo suas experiências vividas em outras localidades.

Para uma parcela grande da sociedade a rua não tem nenhum significado, não se estabelece nenhuma relação direta com ela, configurando assim um espaço vazio e inexistente, nos termos utilizados por Motta (2003). Aqui se entende a rua como o palco da vida das pessoas em situação de rua, onde são vividas as experiências, e se desdobra seu mundo vivido. Assim, com o intuito de saber qual significado seria dado à rua, questionou-se o que esta representaria para os sujeitos da pesquisa.

O que a rua representa pra mim? Muitas coisas boas. Memórias boas, coisas boas do tempo que eu tinha minha perna, andava bem arrumadona... Eu tenho minha perna, né, mas praticamente eu não posso calçar salto mais, não posso dançar (ENTREVISTADO B.).

Eu não vou mentir pra você, porque eu não ando de mão dada com a mentira. Eu acho que assim, a rua... ela se tornou a minha casa, a minha família hoje são meus irmãos que vivem nela comigo, entendeu? Então assim, particularmente eu não tenho problema com ninguém na rua. Pelo contrário, aqui tudo é uma família só, né? [...] Pra mim é o seguinte, irmão: cada um faz a sua rua, certo? A rua pra alguns é difícil, alguns comem no lixo, outros se dão bem com ela, outros fazem dali o seu habitat natural. Então assim, cada um tem a sua caminhada e carrega a sua cruz. A rua é pesada pra uns e maneira pra outros, então é diferenciada. Cada um tem seu vínculo e sua trajetória. Acho que é mais ou menos por aí (ENTREVISTADO J. 1, 2016).

Rapaz, aqui é só alegria! Olha a ideia dessa lixeira aqui foi minha. Falei com seu administrador, no tempo que Sr. Viana tava aí, que agora é outro. Aí ele disse vamos fazer. Com uma semana já estava posto aí a lixeira aí, olha. Olha como que tá a cidade aí. Eu não via essa cidade assim, depois da lixeira já melhorou 100% já. Olha como que está isso aqui... é porque você não tem câmera pra filmar, mas não tá limpo? Limpo, limpo... tá uma beleza (ENTREVISTADO L. P., 2015).

“Meu local de trabalho é nos estacionamentos. Ninguém é obrigado a pagar, mas eu estou ali vigiando os carros e as pessoas ajudam. A rua é meu lugar de trabalho e sustento. Eu costumo ficar no estacionamento da “rua das farmácias” (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

[...] uma fonte de renda, é uma cidade admirável, uma cidade que não é pacata mais, né, já foi o tempo. É uma cidade quase chegando a uma metrópole nos dias de hoje. Uma cidade, assim, linda. Eu gosto dela, pelo que ela me proporciona, esse giro de capital, né, porque aqui estão os homens de poder [...] (ENTREVISTADO L. , 2016).

Olha, pra mim, hoje a rua vem piorando cada dia mais, porque cada dia que passa tem mais dependentes químicos e isso é um problema do governo, só que o governo não abre o olho pra isso. Então, pra gente está cada dia mais perigoso estar na rua, mas a rua também te passa muito conhecimento, coisas que uma universidade não me passou. Coisas que em sala de aula, com pessoas que estudaram muito eu não aprendi metade do que eu aprendi na rua. Então a rua não me passa muita segurança, mas a gente tem que confiar e correr atrás e tentar levar a arte para as pessoas necessitadas. A gente vive num país carente, né? [...] Se falasse hoje, assim: você quer estudar ou quer ir pra rua? Eu falaria “não eu vou querer a

rua”, claro que conhecimento nunca é demais, pra mim foi uma experiência ótima ter estudado, ter me formado, foi muito bom, mas a rua te dá uma percepção, uma visão de ver as coisas muito diferente. Você aprende a respeitar as pessoas independente da cor de pele, classe social, opção sexual. Na rua você aprende tudo isso e dentro da sala você nunca vai aprender, né? Infelizmente (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

“Nicho, tá ligado? É onde que eu vou viver, é onde que eu vivo. [...] Até aqui Deus só tem nos ensinado. Tudo tem que ser aprendizado, tudo tem que ser pra evoluir.” (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

“Ah, pra mim significa uma aprendiz, né? Muita coisa errada e muita coisa boa.” (ENTREVISTADO D., 2016).

Representa pra mim, é... Um professor, a rua. A rua representa... A rua pra mim é um professor. [...] a rua pra mim é tudo também, não é o fundo do poço também não, morar em situação de rua porque eu não sei o que Deus tem pra mim. Coisa de Deus é loucura pro homem, de fato. Eu sou crente [...] Então, a rua pra mim é isso aí. Deus, ele sempre tá comigo. No dormir, no levantar, no comer, no matar, no morrer, ele que vai tá comigo [...] Então eu não preciso ter medo de nada, eu preciso do sistema do governo pra me ajudar que tá muito atrasado, através de... Desse negócio de burocracia de tirar documento, tô precisando de dinheiro e então, vou conseguir agora me erguer de novo. O governo me ajudar e eu conseguir sair dessa situação de vulnerabilidade [...] Porque pra você sobreviver à lei da rua, a lei da rua, infelizmente caiu, é a assim a rua. A rua é um filme, quem tá na rua tá dentro de um filme que será somado lá no céu [...] Então a rua pra mim é tudo, é um filme (ENTREVISTADO W., 2016).

“Derrota. A rua significa derrota, entendeu? A rua significa colheita e plantio, ou seja, planta uma coisa ruim, você vai colher uma coisa ruim, entendeu? Mais ou menos por aí.” (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

A rua pra mim é terrível, a rua pra mim não é vida não. Tem pessoas que eu não sei se vive na rua porque quer, mas eu tô vivendo na rua porque eu tô sem outra solução. Fiquei desempregado, morava de aluguel e aí caí nessa vida de rua e quanto mais a pessoa fica na rua é mais difícil. Porque pessoas que veem muitas pessoas na rua acham que todo mundo é igual, que todo mundo está na rua porque já cometeu algum erro lá atrás e tal. Ninguém quer mais. Mas não é! Muitas pessoas que tão na rua, como o meu caso, é por situação financeira mesmo, entendeu? Então a rua não é

bom, porque na rua a pessoa se sente insegura, é discriminada pelo que não é, entendeu, corre perigo. Então acho que a rua... se eu pudesse sair da rua hoje, eu saía, mas está difícil (ENTREVISTADO S. A., 2016).

O que a rua representa pra mim? Ah, a dificuldade, né? As pessoas que estão na rua passam por muitas privações, humilhações. Às vezes as pessoas olham com preconceito, muita gente não quer nem chegar perto de morador de rua, tem receios, né? (ENTREVISTADO D. S., 2016).

Pra mim a rua representa guerra. É piranhagem. Você sabe o que é piranhagem? É um querendo matar o outro, meu irmão. É um ou dois que você pode confiar. Onde tiver montuado de gente, pode saber que não presta. Sempre tem um querendo derrubar os outros. Criar intriga sabe? Te matar. Ontem mesmo deram facadas num lá no “buraco”. Por coisas mínimas, na rua você morre, leva facada, tiro (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

“Representa nada, porque não tem nada de bom. Tudo que você pensar. Andando pra lá e pra cá, como não tem lugar pra ficar mesmo”. (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

“A rua? O que a rua representa... nada...” (ENTREVISTADO D. R., 2015).

As experiências dos sujeitos denotam pelo menos dois aspectos distintos, e esses aspectos carregam os significados que são dados à rua. Por um lado, está os aspectos que podem ser considerados positivos, como encontrar nos espaços públicos o próprio lugar, ao ponto de considerar a rua a própria casa, ou nicho, no sentido de morada e existência, considerar as outras pessoas em situação de rua como família e fazer da rua o local de trabalho e fonte de renda. Por outro lado, os aspectos considerados negativos, como o perigo e a insegurança de se viver na rua, a discriminação e as humilhações sofridas, os conflitos. Mas também há o pensamento reflexivo do viver na rua ao caracterizá-la como um professor ou lugar de aprendizado. Esses valores atribuídos à rua só reforçam quão intensa é a vida desses sujeitos, e como essas condições influenciam suas percepções de mundo.

Com o intuito de conhecer mais a fundo o mundo vivido desses sujeitos e o significado que é dado a ele, questionou-se por onde na cidade costumariam transitar durante o dia e à noite, qual o significado desses lugares, quais os pensamentos, lembranças e como se sentiam falando sobre isso, além de quais as experiências vividas neles. Buscou-se também saber se na percepção dessas

peessoas haveria mudança na imagem da cidade do período diurno para o noturno, pois para Argan (1995) a imagem da cidade muda de acordo com o passar do dia. Com estes questionamentos fez-se possível inclusive conhecer os movimentos migratórios diários dessas pessoas.

“À noite eu descanso. Eu trabalho o dia inteiro e à noite eu descanso. O dia é aqui perto da rodoviária, perto do Conjunto Nacional, porque aqui é onde tem mais fluxo, aqui é onde eu posso ganhar a vida”. (ENTREVISTADO A. 1, 2015).

É nessas áreas aqui mesmo... Setor Comercial Sul... na rodoviária não, porque o roubo lá é muito aumentado, né, roubo demais. Olha, ontem roubaram um cobertor, com um radinho dentro do cobertor... eu botei guardado ali e quando eu fui lá não tava lá mais não. É roubo demais... tá quase a mesma coisa (ENTREVISTADO I. L., 2016).

Eu fico por aqui mesmo no Setor Comercial. Como eu tenho um problema na perna, né. Aconteceu um acidente em 98, de carro... eu andava de muletas, hoje eu ando com um cabo de vassoura, às vezes eu me levanto, às vezes não e já tem dois dias que eu tô dormindo aqui neste lugarzinho. Eu passo pro lado da Boticário ali quando fecha, quando tá aberto eu fico aqui. [...] Eu fico aborrecida porque hoje em dia muita gente tá matando um ao outro. Matando os próprios amigos por causa de droga, por causa de crack. Eu num nego não, eu fumo... mas eu fumo maneirado, sozinha, na minha. [...] Eu penso em muita coisa boa, né... penso que isso pra nós é só uma fase. Pra mim, na minha opinião, isso aqui é só uma fase (ENTREVISTADO B., 2015).

“Deitado aqui no setor comercial, eu passo o dia inteiro aqui... durmo aqui. [...] Me sinto tranquilo, sossegado. Tô esperando eu ir embora pra casa daqui uns quinze dias minha passagem tá chegando e eu vou embora”. (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

Na rodoviária. De dia e à noite eu fico aqui na rodoviária. Aí na hora de dormir eu vou pro mocó, vários mocó... mocó na Asa Norte, mocó na Asa Sul, no Banco do Brasil... por ali a gente dorme, nas varandas, perto dos prédios. Onde tiver uma cobertura pra não molhar a cabeça nós estamos dormindo. [...] Tem pensamentos. Quando a gente tá na rua, a gente fica triste, né. Porque fica pensando: poxa, nós, por que na rua, né? Deus por que nós estamos na rua, por que uns tem casa e outros não tem? Aí claro

que há uma tristeza. Num tem onde tomar banho, às vezes não tem dinheiro pra comer... (ENTREVISTADO D. R., 2015).

Só alegria no meu coração, porque eu falo do Evangelho aí vai se animando. [...] sinceramente, eu não me preocupo com nada não. Nem com o passado, nem com o futuro, nem presente, nem nada. Eu nem almoço... só vou comer de noite alguma coisinha. Pra você ver, um cara que não se preocupa nem com almoço, né... (ENTREVISTADO L. P., 2015).

Eu durmo no Teatro Nacional. Eu durmo lá e tem hora que eu durmo aqui na Rodoviária também. [...] “Eu sinto mais liberdade. Esses lugares aqui é bom, todo mundo me conhece, todo mundo gosta de mim... conheço os PMS, os policiais tudo... me sinto seguro (ENTREVISTADO A. 2, 2015).

“Costumo ir pro Parque Olhos D’água, costumo ir pro lago banhar, os lugares que eu vou mais ou igreja... [...] À noite, quando eu tava na doideira eu ia pra favela ali, da Asa Norte.” (ENTREVISTADO M. V., 2016)

Eu ando muito na Asa Sul. A minha área é a Asa Sul. Mais Asa Sul. Centro e Asa Sul. Esses são meus locais de locomoção. Eu me movimento muito nesse setor, nessa área aí, Asa Sul. A minha área é a Asa Sul mesmo. Aqui eu me locomovo mais, onde eu frequento mais, né? [...] É a Asa Sul. Sempre. Dia e noite é Asa Sul. [...] Transito. Não fico numa área fixa não. Meu andar é paralelo (ENTREVISTADO L., 2016).

Chefe, na verdade eu venho pro POP, né, de manhã. De tarde eu tô na igreja Dom Bosco e mais na tardezinha eu fico lá na farmácia. De noite eu fico... eu dou um role, né? Compro uma droga, fumo. Aí volto pra igreja Dom Bosco. [...] Passa pensamento de mudar, né, de tirar meus documentos e pagar um aluguel, arrumar uma esposa, poder comprar umas roupas, uns calçados pra mim. [...] “Me sinto bem, né, vei? [Esse lugar significa o que pra você?] É segurança, né, porque o guardinha lá me vigia 24hrs [...] ao redor da igreja, aí tem... primeiro tem Deus, né? (ENTREVISTADO D., 2016).

Na Torre, na Catedral, W3 Norte, W3 Sul, todo lugar aí. À noite eu durmo na Torre. Durmo numa barraca lá. Pra mim [...] muito bom, né? Porque pelo menos não durmo no relento, na rua. Lá eu me acolho, mais meus filhos e tudo bem, graças a Deus. [E quando a senhora está lá, o que a senhora pensa?]. Ah, pra Deus me abençoar pra mim arrumar um emprego, trabalhar. Pra mim arrumar uma oportunidade de emprego pra mim trabalhar e poder dar uma vida melhor pros meus filhos, né? Ter uma casa

pra morar e poder dar uma vida melhor pra eles. Esse é meu objetivo: é arrumar um emprego, trabalhar e cuidar deles. [...] O que eu sinto? Ah, mas... às vezes dá tristeza, né? Aí às vezes a gente fica triste, né? Porque você quer ter uma coisa melhor e não tem possibilidade, não tem capacidade pra conseguir por falta de oportunidades que o pessoal não oferece pra gente, né? Aí vem as dificuldades, aí a gente fica às vezes triste, mas nada que a gente não possa dar a volta por cima (ENTREVISTADO D. S., 2016).

Ah, amigo, eu acho que assim, a gente vive como se fosse os antigos, como se fosse uma tribo, né, irmão, tá favorável pra ele, onde é que ele vai conseguir sua sustentabilidade, entendeu? Sua sobrevivência. Se for fazer sua moradia nesse lugar aqui todo dia, você vai morrer de fome. Então a gente vai pra onde o vento tá favorável. A sobrevivência, né? [...] Sul, Norte. Centro, Tagua, entorno... Pra mim tanto faz. Cobra que não anda não come rato. [...] À noite ninguém para, né? A noite é quando começa tudo. De dia todo mundo é intocável, quando chega a noite é onde é que a gente pode andar, né? Você vai andar de dia e é só repressão policial e a noite é mais tranquilo, entendeu? É mais tranquilo pra quem vive na rua. [...] Eu acho que tipo assim, é... [...] tanto faz se for o dia ou à noite [...] vai da caminhada que você faz. Cada um limita o seu próprio espaço e ganha seu próprio espaço de acordo com a situação que ele vive, né? (ENTREVISTADO J. 1, 2016).

Geralmente eu exponho na frente de shoppings e aí à tarde eu venho expor na rodoviária. É quando eu posso expor a minha arte na rodoviária, então geralmente é isso que eu faço. Vou na UnB, vou nos shoppings e paro aqui sempre no final de tarde para expor todos os dias quando estou aqui, né? [...] A gente conseguiu um lugar pra ficar assim bem sossegado onde não tem barulho, onde as pessoas não se drogam, se abstém de químicas então é bem bacana. A gente tem um lugar aqui perto da rodoviária que é bem bacana lá de ficar. [...] Os seguranças ficam olhando por nós. Pelo menos ali tem segurança. Que em outras partes da cidade a gente não vê. [...] É como se fosse uma casa pra todo trabalhador, pra quem vive e trabalha pro sistema e vive uma vida comum. Ou seja, tá todo dia fazendo o seu papel na sociedade que eles dizem, tipo, você trabalha, tem um emprego e tem uma casa. Pra gente é a mesma coisa. Cada lugar que a gente chega e acha um sossego é a nossa casa. Esse lugar representa muito. É nosso sossego, é nosso descanso, pra gente acordar, pra gente descansar nossa mente, pra gente criar também, porque a gente não para de criar, mesmo a gente parado, a gente tá criando, né? Criando uma forma de abordagem

bacana, mais educada, às vezes tá criando um trabalho diferente, né, pra tocar mais as pessoas. Enfim, a gente tá sempre criando então esse lugar significa sossego. [...] Olha só, quando eu to descansando fico sempre pensando numa forma de abordagem melhor, o mais educado possível, que toque as pessoas, né? E fico pensando também nas pessoas que são cultura, que não tem acesso à cultura. Olha, nas ruas a gente vive as melhores e piores experiências possíveis, né? Assim, tipo, você é humilhado, mas tem também tem muitas pessoas que dão valor ao seu trampo. A gente passa pelas melhores e piores situações no dia, mas enfim, é muito bacana. A experiência na rua, assim, como eu te falei, a gente tem as melhores e piores ocasiões que acontecem com a gente. Enfim, a gente sofre preconceito, mas a gente também recebe vários sorrisos, ou poucos sorrisos, mas que pra gente conta muito. A gente descarta sempre a falta de educação das pessoas e leva muito mesmo é a atenção do povo, né, que para. Isso é o que motiva todo dia a acordar bem, acordar sorrindo, pra levar a ideologia a frente, né? [A rua muda ao passar do dia?] Com certeza. Totalmente, né, porque durante o dia você tem muito mais do que a noite. Você vai fazer uma pesquisa, vai fazer uma pesquisa com cem pessoas e falar “você prefere sair de dia ou à noite?”, o cara vai falar “prefiro sair de dia”. Porque à noite você sabe que não vai ter policiamento. Você sabe que não vai ter segurança suficiente pra você sair e ter aquela qualidade de lazer e voltar pra casa tranquilo, né? (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Agora eu estou mais parado, porque eu tentei estudar, eu queria estudar. Eu estava fazendo essa rota aqui pro colégio, mas eu não consigo ter frequência. Eu estava tentando muita coisa aqui, eu estava tentando ficar perto da minha família aí eu parei de andar um pouco. Porque uma coisa que eu tinha conseguido pra mim mesmo, mas aqui é um lugar que arrasta cabuloso, doido. Se eu tô em outro lugar, um exemplo, eu estava no Rio, irmão, eu estava em São Paulo, eu não estava usando droga igual aqui. Todo mundo fala isso, [...] Aí eu não tô conseguindo muito meus objetivos, que eu quero. Pô, mas tem que viajar, eu quero andar daqui, esse lugar aqui está pesando a minha mente demais [...] O tempo todo. Vou ali perto do hospital, fico aí de role... (ENTREVISTADO R.2, 2016).

Eu gosto mais de ficar parado, eu não gosto de ficar muito andando não. Eu gosto mais de descansar... eu fico descansando e a noite alguém vai entregar comida em algum lugar, se eu tiver precisando de uma comida eu vou lá e pego uma comida e aí eu procuro sempre um lugar mais seguro onde tem um posto de gasolina que é monitorado 24hrs, assim, algum posto

da polícia. Em algum lugar assim onde é mais seguro, sabe? (ENTREVISTADO S. A., 2016.).

[...] às vezes a gente circula, às vezes a gente fica parado. Depende da necessidade do momento ali. [...] Quem faz alguma coisa errada vai pros corres, quem não faz vai descansar. [Você fica por onde?] Tem uma lanchonete. [O que esse lugar significa pra você?] Apenas mais um lugar pra dormir. Daqui a pouco a gente vai pra outro e depois pra outro (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

Percebe-se que o mundo vivido dos sujeitos da pesquisa se desenvolve em diferentes localidades da cidade, mas que costuma ter movimentos migratórios muito intensos e flexíveis. Geralmente essas pessoas escolhem abrigar-se em espaços onde desenvolveram o sentimento de segurança. Notou-se também que a imagem da cidade muda de acordo com o período do dia. Para a maioria, as atividades são desenvolvidas durante o dia e, o período noturno é destinado ao descanso, enquanto para outra parcela é nesse período que se sentem mais à vontade, pois, durante o dia sofrem com repressões às quais não são sofridas à noite.

Fenomenologicamente, a cidade é feita de homens e estes homens estabelecem relações entre si e com os espaços. Logo, questionou-se como se daria o convívio entre pessoas em situação de rua, além da representatividade da sociedade em geral para estas pessoas. Os dados obtidos em pesquisa revelaram que novamente o medo está presente na experiência dessas pessoas. Boa parte das respostas indicou que nas ruas há um conflito intenso entre os que a utilizam como palco de suas relações privadas. A disputa territorial constitui um fator chave nesses conflitos. A desconfiança e a inimizade também estão presentes e é fruto da experiência vivida dessas pessoas na rua. Ademais se apontou pontos positivos no convívio no que diz respeito à colaboração existente entre eles.

Muita ignorância, né, muita apelação, muita delinquência, roubo... Pra você ver como que é... isso aqui é uma labuta grande, rapaz. É como eu digo também, eu prefiro tá debaixo de uma árvore só do que com malocagem, malocagem é que gera isso. Basta dizer que vai pra uma roda de malocagem que você tá caçando problema, tá querendo problema, né. Então eu prefiro tá é só, em qualquer... debaixo de árvore aí de noite e de dia (ENTREVISTADO I. L. , 2015).

É a lei da malícia. Tem que ser um mais esperto que o outro. Vacilar, cê leva rasteira, leva uma apunhalada pelas costas, até se possível te mata. Tem esse buraco do rato aqui que eu nunca entrei, nem quero entrar, mas disseram que aí é um inferno. Tanto dá uso de droga, quanto a venda de droga, como prostituição e como também, assassinato, né? É difícil, vida de rua, malandrage, é danado (ENTREVISTADO M. V., 2016.).

Ah irmão eu vou te falar. É muita violência, viu? O convívio é... Se você não der o dinheiro, os outros já quer te pegar, se você não comprar droga os outros já quer te pegar, se você não dá, os outros já quer pegar também. Igual eu falei pra você, irmão, quando aparece é uma ou duas pessoas pra ajudar. A maioria quer saber de matar, matar, matar, matar e ser famoso e aí vai (ENTREVISTADO D. , 2016).

Ah, irmão, você tem que ver que não é só o convívio, é como que é a mente. Tu sobrevivendo no meio da selva com tanta gente. Às vezes, parceiro, eu estando certo, estou errado. Então tem que tá mais certo que...Chegar e falar “não doido, como é que é, doido!? Não é fácil pra ninguém. Não tem vida fácil, parceiro (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

Depende. Tem uns que fumam crack, outros que não fumam, só fumam maconha igual eu e cheiro pó de vez em quando. E tem uns caras que se respeitam, mas tem outros que não querem respeitar e cai nela pra poder aprender a respeitar os irmãos. Entendeu? Aí o convívio é assim (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

“Meu convívio com eles é ótimo. Consigo fazer amizade fácil... tem muita coisa fácil” (ENTREVISTADO B., 2015).

“Pra mim tudo bem... tranquilo”. (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

Nosso convívio aqui é um ajuda o outro. Às vezes é bom... depende. Porque na rua tem de tudo, né, cara. Tem gente boa, tem gente ruim, tem uns que te ajuda, tem outros que te rouba. [...] Ah, na rua o que você vê também são muitas pessoas humildes, né, cara?... As pessoas que moram na rua, elas divide o pão. O barão já não divide o pão, ele come sozinho. Nós na rua, nós não come sozinho. Se eu compro um pão, eu divido com meu irmão, se eu pego uma água divido com meu irmão, um suco... tudo a gente divide. Se vê um com frio, a gente dá um jeito de emprestar uma coberta, uma blusa de frio, né... (ENTREVISTADO D. R. , 2015).

Nosso convívio é... falando pra você, porque às vezes é difícil, sabe... porque de vez em quando eles ficam jogado na rua, diz que não vai pedir é... como é que fala?... Não vai pedir... não sai por aí pedindo não, eles ficam mais é aqui na rodoviária. Aí eu pego comida e trago pra eles, faço tudo eu... Mas tem um bom convívio (ENTREVISTADO A. 2, 2015).

[...] o quê que eles representam pra mim? São todos meus amigos, pessoas boas, nunca me fizeram nada, pessoas normais. Eles são solidários um com os outros, né? Estão ajudando. Onde eu durmo mesmo, dorme um mucado de gente, então o que eles puder fazer um pelo outro eles fazem. Um defende o outro na rua (ENTREVISTADO D. S. , 2016).

Tudo natural, igual você vê aí, uma família só, entendeu? Todo mundo respeita um ao outro e apesar dos pesares tem alguns caras indesejados, mas com quem é indesejado também. Os caras andam todos frustrados, entendeu, sem oportunidade, então todo mundo anda a flor da pele, sem paciência e daquele jeito. Mas se o cara é natural do jeito dele, ele vai superar qualquer história e se o bicho pegar também tem que ser homem no bagulho porque se não vira reclécle, não é verdade? (ENTREVISTADO J. 1, 2016).

E a minha família como um todo, né, os malucos de BR artesões significam muito também pra mim. Claro que tem os pregos como em todo lugar tem, mas tem muita gente boa aí na BR passando o conhecimento mesmo, à frente, querendo ver o movimento cada dia mais forte e isso significa muita coisa pra mim, muito mesmo. Coisas positivas, total. [...] Assim, é um convívio respeitoso, né, cada um faz a sua, cada um vive a sua [...], é artista, assim, junto com artista, quem é morador de rua faz seus outros corres assim, mas é respeito total. Cada um faz a sua, mas num respeito total (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Já em relação à sociedade em geral observou que as pessoas em situação de rua são indiferentes, na maioria dos casos. Por outro lado há aqueles que consideram as outras pessoas da sociedade positivamente como um meio de obter ajuda em suas necessidades básicas. Além daqueles que apontaram os preconceitos e maus tratos sofridos.

“A sociedade composta pela grande massa né, a massa consumista, a massa admiradora, aquela que vive “bitolada” ao sistema [...] é o que eu vejo aqui.” (ENTREVISTADO A. 1, 2015).

“É... cada um labutando como deve labutar, né... porque, olha, você vê que... ignoram os problemas, né, dos que não tem sorte né... ignorância demais né...” (ENTREVISTADO I. L., 2015)

“O que é bom das pessoas... é que uns ajuda a gente. E não é nem pelo dinheiro, é pela comida... uns dão um dinheiro pra gente, outros dizem: Ah, é pra crack. Porque tudo pra eles é pra droga, e não é. Nem tudo é pra droga” (ENTREVISTADO B., 2015).

“Pra mim nada, é pessoas como outra qualquer” (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

“Gente. Tudo o mesmo bicho. Gente. Só que tem gente ruim. Tem uns bichos que parecem marcianos, né? Umas lombras assim. É gente, é todo mundo gente” (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

Ah, eu vejo todo mundo como filho de Deus, né, cara... Eu oro por todo mundo. As pessoas que passam perto de mim e me discrimina, eu faço é abençoar, ao invés de xingar, eu faço é abençoar. Digo: que Deus te abençoe. A gente tem que abençoar, quem te olha com olho ruim, você tem que abençoar. Porque se a gente tá na rua é propósito de Deus, alguma coisa tem pra eu tá aqui (ENTREVISTADO D. R. , 2015).

Do trabalho, todo mundo me incentivava, todo mundo gostava de mim, ganhava doação de roupa, é... utensílios domésticos e me ajudava, me ensinava fazer uma comida num cardápio da casa, ou seja, mas também porque eu tinha aquela força de vontade de aprender, né. E também a humildade de ajudar todo mundo sem olhar a quem. Acho isso muito importante, né? (ENTREVISTADO M. V., 2016).

Elas passam e ficam chamando a minha atenção. E chamar a atenção de ladrão, ladrão vai fazer o quê? Vai roubar, uai. Aí passa ali, já passa desviando como se eu não fosse um ser humano também, né? Muito preconceito também. [E as pessoas que estão em situação de rua? O que elas representam pra você?]. Pra mim representam parceria, né? Não é todos não. Quando aparece, é um, dois pra me ajudar, pra me dar uma água, pra me dar uma comida. Parceria (ENTREVISTADO D., 2016).

Olha só, os transeuntes, pra mim muita coisa, porque quando você leva um trabalho, que você explica a finalidade do trabalho e a pessoa te mostra um

sorriso bacana e valoriza o teu trabalho isso não tem preço. Os transeuntes pra mim, demais (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Todo mundo tem um significado. Todo mundo significa alguma coisa. Então a gente... as pessoas significam tudo, né? As pessoas precisam se respeitar mais, porque o ser humano é bem interessante, mas não se respeita mais. Mas as pessoas deviam se respeitar, as pessoas significam muito pra mim, mas às vezes eu fico triste porque as pessoas não se respeitam mais (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

Tudo, a sociedade representa tudo. Eu respeito ela, ela me respeita e eu tô sobrevivendo. A sociedade pra mim é tudo. Que é tudo, minha família tá no meio dela, meus parente. Não tenho mais que me revoltar contra ninguém não. Tenho é que usar a cabeça pra viver no meio da sociedade, que eu não tô conseguindo. Mas, uma hora outra, se Deus quiser, Ele vai fazer tudo na hora certa (ENTREVISTADO W., 2016.).

“Eu ignoro as pessoas da sociedade, porque pra eles eu não sou considerado gente, mas eu não ligo. Vigio os carro, vou pro parque, quando eu tenho dinheiro alugo uma kitnet. Eu não tô nem aí pra eles. Essas pessoas da sociedade” (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

Representa como seres humanos, seres humanos. Pro lado rico das pessoas, que têm condições, rico, de classe média, de classe um pouco inferior à média, aí depois vem a baixa, que somos nós, né, da rua... enxergo dessa forma. Sempre pelo nível social [...] (ENTREVISTADO L. , 2016).

As pessoas em situação de rua em Brasília têm diversas origens. Algumas dessas pessoas chegam até mesmo a ter experiência internacional, por haver visitado outros países. Porém, é grande o número de pessoas que chegaram às ruas em decorrência de movimentos migratórios muito comuns em nosso país, indivíduos que saíram da região Nordeste ou de outras regiões mais pobres para Brasília em busca de melhores condições de vida e não obtiveram o sucesso financeiro esperado. Outra parcela expressiva são pessoas que nasceram na capital ou no Distrito Federal e, por diversos motivos, encontra-se em situação de rua. Para conhecer as origens dessas pessoas, questionaram-se quais seriam as suas trajetórias.

É uma história triste pra caramba... é até ruim de contar, de relatar isso, né. Quando eu nasci era em Cristalina/GO... quarenta anos que eu não fui mais lá. Com vinte anos de idade eu saí de lá. É porque a família... houve uma epidemia de febre amarela e matou todo mundo... matou avô, tudo... só escapou eu da família. Aí eu fiquei sozinho, escapou só eu. Aí eu vim pra Brasília tentar uma profissão. Vinte anos de idade eu já era marceneiro, né... aí no dia seguinte que eu comecei aqui numa empresa, comecei de marceneiro, fabricando e montando móveis, armário, essas coisas né, mesa. No dia seguinte um acidente na coluna, trabalhando lá na Asa Norte... coluna vertebral. A escada escorregou... a escada não sustentou, né... Eu não era fichado não, né... lá era através de clandestino, empreiteiro clandestino, né. Aí então interrompeu minha profissão, aí acabou. Aí eu vim parar na rua. E a coluna é remendada, coluna vertebral. Exatamente isso faz eu permanecer na rua. Como eu disse: como é que eu vou exercer a profissão, ainda junto o reumatismo nas canelas e a coluna remendada. A doença me fez parar e me jogou pra aqui (ENTREVISTADO I. L., 2015).

“Eu vim da Bahia pra cá e daqui eu vou embora pra Goiânia... tô aqui só de passagem” (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

Eu vim de São Paulo com meus pais para Brasília... aí fiquei um bom tempo aqui em Brasília com meu pais. Depois meus pais morreram. Aí eu tinha meus filhos, criei seis filhos... sou mãe de criação... Vivi uns vinte anos na rua e que eu saí da rua tem pouco tempo, né. Mas eu sempre tive no mundo viajando (ENTREVISTADO D. R., 2015).

Vim de Pernambuco, faz um ano que eu tô aqui. Quando eu vim eu fui ajudado, né? Um amigo de infância me trouxe pra cá e era só pra construir o muro em volta do lote dele e voltar pra Pernambuco. Sendo que como eu tava desempregado lá em Pernambuco, quê que eu optei, falei pra ele: Ó! Depois que eu acabar o muro invés de você me pagar tu vai rachando as despesas da casa e eu vou procurar emprego. Aí eu saí pra procurar, vou te contar: foi fácil não (ENTREVISTADO M. V., 2016).

Ah, eu venho do Lago Azul. Eu venho de uma periferia, eu venho de um município do Goiás. Minha trajetória é longa, mais de 30 km até aqui. Quem mora pra lá e vem pra cá, então é 30 vindo e 30 voltando. Então são 60 km ida e volta, né, uma caminhada imensa aí, né? A minha trajetória é essa. Diariamente (ENTREVISTADO L., 2016).

Ah, eu morava em Goiânia. Minha família mora lá em Goiânia, né, aí eu tive desentendimento com a minha família e saí de casa, e aí fui andando aí e

vim parar aqui e tô aqui até hoje. Já vai fazer uns 5 anos que eu tô aqui em Brasília e não voltei mais, não procurei mais a minha família. Tocando a vida pra frente. [...]. Ah, Brasília é 10 mil vezes melhor que Goiânia, Goiânia... Eu nem me lembro mais direito como que é lá, tem muito tempo que eu não vou lá, mas na época era muito difícil lá. Então aqui pra mim é melhor, aqui pra mim é melhor (ENTREVISTADO D. S., 2016).

Cidade, parceiro, cidade é convívio, tá ligado? O que ela oferece. Aqui eu sinto o peso do sistema, doido. Tá ligado? Eu não sou aqui do Centro-Oeste não, quando eu morava no Sudeste lá você vê a realidade diferente, totalmente diferente. [...] sou de Minas, do interior lá, tá ligado? É o seguinte, é um clima diferente. Lá é perifa – cidade, cidade – perifa. O sistema que domina essa desgraça (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

“Eu me chamo N., eu sou natural do Piauí e moro aqui em Brasília há 27 anos” (ENTREVISTADO S. N., 2016).

“Ih! caraca, foi muito chão. Eu rodei pra meio mundo de lugar. Eu sai do meu lugar corrido, aí rodei pra São Paulo, rodei pra Rondônia, pro Mato Grosso, voltei pro Mato Grosso de novo” (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

“Eu nasci aqui, parceiro e por um descuido de ilusão amorosa acabei vindo pro fundo do poço, mas eu tô tentando sair, eu vou conseguir sair” (ENTREVISTADO W., 2016).

A imagem da cidade é formada também pelas memórias que marcam a nossa experiência vivida. Questionaram-se, então, quais memórias marcariam a experiência dos sujeitos com as ruas. Notou-se que a experiência e a imagem da cidade dessas pessoas são marcadas por preconceitos, violência, crimes, tragédias, episódios tristes, conflituosos e traumáticos que geram muita insegurança.

“Cada dia pra mim é um dia igual ao outro, não guardo nenhuma recordação. Cada dia é um dia. Eu vivo cada dia como se fosse o último, irmão” (ENTREVISTADO A. 1, 2015).

Eu tenho. Quando eu tava dormindo na rua, aí chegou uns farofeiros da rua também e aí me deram um monte de ferrada na cabeça, na boca e tudo... tá vendo cicatriz aqui, cicatriz aqui... isso foi tudo ferrada na cabeça que me deram. Aí fui parar na UTI. E em Taguatinga mesmo, em Taguatinga eu tava dormindo na rua, chegou uns barão de carro querendo roubar nós. Os

caras de carro chegou lá querendo roubar a gente, querendo o nosso trabalho, o nosso dinheiro e, acabou que eles que apanharam, nós quebramos eles no pau (ENTREVISTADO D. R., 2015).

“A gente tem medo, faz muito medo. Um cara foi até e me assaltou lá de noite... muito medo. E a cidade tá grande, né?” (ENTREVISTADO L. P., 2015).

O Impeachment do Fernando Collor de Melo. Marcou a minha vida. E Brasília ficou uma cidade também insegura, onde você não tem mais aquele trânsito, assim como ela inchou, cresceram também as dificuldades dessa questão. Esses dias eu tava na rua e vinha passando uma mulher, não sei se ela tinha dinheiro ou não, mas ela ficou muito cismada. Eu fui pedir uma informação, onde fica o teatro da Unip pra ela. Eu falei “moça”, quando eu fui falar “moça” ela saiu correndo. Quer dizer, eu fui pedir uma informação, então o povo hoje dentro de Brasília está amedrontado e acho que eles nunca foram em São Paulo e Rio de Janeiro pra saber o que é medo mesmo, né, que são as metrópoles mais maior, mais transitadas e mais, como que fala, que recebe mais número de pessoas de outros estados, países. Brasília hoje em dia tem crescido também, mas a violência também tem crescido (ENTREVISTADO L., 2016).

“Memória? A única memória que eu tô conseguindo me lembrar aqui é quando eu sai aqui da rua e fui... é coisa boa, né? E fui na igreja. E que eu vivia sem roubar ninguém, sem comprar droga, sem fumar droga” (ENTREVISTADO D. , 2016).

Ah, todo dia marca, né? Porque todo dia você passa por dificuldade, privações. Às vezes você aí em ambiente que as pessoas te olha de maneira atravessada, olha... né? Então todo dia você passa privações aqui na rua. A vida da rua é complicada, só quem vive mesmo pra saber (ENTREVISTADO D. S., 2016).

Ah, só uma vez quando eu tava mal de grana, cheguei em Sampa e não tinha grana, não tinha o que comer e aí eu pedi um rango pro cara e o cara simplesmente pegou e jogou o rango dentro do lixo. Foi a única coisa marcante assim pra mim, mas me ajudou a melhorar, né, ajudou a crescer como pessoa e depois desse dia eu nunca mais pedi almoço a ninguém, aprendi a me virar, me especializei no que eu sei fazer mesmo, meus tramos e foi isso (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Ah tem, tem várias, meu velho. É muitas coisas que me marca, eu tô ganhando um estacionamento, eu consegui inimigos, eu conheci muitos amigos, muita gente que... Então ficou muito estranho pra mim. A rua é perigosa, tem altas histórias de pessoas que foram assassinadas e isso pra mim, me deixa muito magoado (ENTREVISTADO W., 2016).

Mataram meu amigo um tempo atrás. O maluco era gente descente, sabe? Não tinha nada contra ele, até me ajudou. Eu ajudava ele. Por coisas mínimas. Não sei o que foi, mas comigo ele era descente. Ele tava dormindo e meteram um bloco de concreto na cabeça dele. A vida... coisas mínimas tiraram a vida dele. Tenho certeza que foi coisas mínimas. Isso me traumatizou demais. Me marcou demais (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

Dentre os diversos motivos que levaram essas pessoas à situação de rua está o próprio desejo da pessoa, que parte em busca de liberdade. As consequências do uso abusivo de drogas ou do vício propriamente dito estão presentes na grande maioria dos casos, e esta condição se configura como grande obstáculo para os que desejam sair das ruas. Neste mesmo quadro, juntamente com as amarras das drogas encontra-se a falta de oportunidades para essas pessoas, muitas vezes, motivada pelos preconceitos. Ademais as ruas são para esses sujeitos a única fonte de renda que conseguem ter, configura-se, assim, como o próprio local de trabalho. Para obter conhecimento disto, questionou-se o que faria as pessoas permanecerem em situação de rua.

É o meu tipo de viver, sabe... nesse ponto aqui eu tenho muitas experiências... experiências boas, porque eu tô viva, graças a Deus, e experiências ruins porque a maioria dos meus colegas tudo foi-se embora, por causa da droga, igual eu falei pra você (ENTREVISTADO B., 2015).

Talvez a vontade de não querer sair da situação de rua. É... [...] Ligar pra porr* nenhuma. Se a conta de luz tá atrasada, se não tá e se fod* quem tá lá. Que é quem tá usufruindo, eu não tô. É correr disso tudo. [...] Nois mora na rua, tudo o que nois quer tem aqui. [Terceiro: É verdade. Por isso que eu não consigo sair desse estado] (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

“É que eu tiro o meu sustento da rua, né... onde eu andar, porque eu vivo do artesanato, tiro meu sustento da rua com pessoas que gostam do artesanato, né, e apoiam a gente” (ENTREVISTADO D. R., 2015).

Voltei há poucas semanas pra casa, mas minha casa continua sendo a rua. Eu volto pra casa, mas aqui é meu lugar [...] onde eu conheço a maior parte das pessoas, onde eu me dou mais bem, onde eu me sinto melhor, onde eu tenho uma melhor comunicação com as pessoas e através disso sempre voltado pra renda. Porque aí aonde eu moro é aonde eu durmo, lá eu só vou pra dormir (ENTREVISTADO L., 2016).

O que me faz permanecer é como eu te falei, é a carência do povo, né? O povo é muito carente de tudo, no Brasil. O povo é carente de cultura. O que me faz cada dia levantar firme e forte e permanecer em movimento mesmo, né? Levar cultura pra quem não tem. Se eles não abrem a porta é chutar a porta e dizer que a gente tá aqui, a gente leva conhecimento, que a gente não é um bando de drogado, somos pessoas que temos conhecimento, pessoas cultas que levamos sim, educação, cultura por onde a gente passa. E muita arte (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Algumas pessoas é por necessidade, né? Agora outras é porque querem. Alguns é porque não teve oportunidade, mas outros é porque querem mesmo. [...] No momento é a falta de emprego, né? No momento é uma falta de emprego. Na hora que eu arrumar um emprego aí, o primeiro salário que eu pegar, eu já saio desse lugar. Vou pra dentro de uma casa com meus filhos e tocar a vida pra frente (ENTREVISTADO D. S., 2016).

É o que eu te falei agorinha, é falta de oportunidade, irmão. Eu acho que isso aí muda não só a minha vida, como a vida de vários que não tem oportunidade. Então se o sistema limita nós, eu vou sair daqui e vou pra onde? Quem vai dar um emprego pra um cara ex presidiário, irmão? Todo mundo aqui tem a sua passagem, tem meio mundo de história, então, irmão, você vai fazer um currículo, dez, vinte currículos, mas a hora que o cara puxar a sua caminhada, eu vou ser descartado igual modes, né? Então é mais ou menos por aí. A questão é falta de oportunidade, eu acho que tipo assim, você pagou sua pena na condição, pagou pra Deus, pagou para o homem, tinha que ser apagado, tinha que aprender com aquilo lá. Já sai dali já encaminhado pra outra oportunidade, não o cara sair vestido de branco igual anjo, já levando na cara aí de polícia e sem oportunidade. O cara vai voltar pior ainda, mais cheio de ódio na vida, não é verdade? Se o Mandela ficou vinte e sete anos preso e no mesmo ano que saiu virou presidente, por quê que um cara que tirou sua pena e pagou tudo legal não pode ter oportunidade para ao menos trabalhar pra manter sua família? Acho que é mais ou menos por aí, está entendendo? (ENTREVISTADO J. 1, 2016).

Ah, porque não tem saída, não tem saída. Ninguém confia em dar um emprego pra quem tá na rua, entendeu? Eu acharia que autoridades que às vezes tentam reduzir a população de rua, eu acharia que seria bom o governo adotar um tipo de programa pra poder dar um trabalho pra pessoa e um lugar pra pessoa ficar, ter alguns meses enquanto a pessoa receber os primeiros salários, pra pessoa se adaptar, entendeu? É isso que eu acho. Porque eu mesmo, graças a Deus, sempre trabalhei, mas de alguns anos pra cá fiquei desempregado e caí nessa situação de rua e nunca mais eu consegui retornar ao mercado de trabalho e tô até hoje querendo sair da rua, mas... não porque eu quero viver na rua, porque eu tô sendo obrigado (ENTREVISTADO S. A., 2016).

“Que a minha família de casa, mas tá muito longe de me ajudar ou não sei se eles não querem me ajudar e isso pra mim não me interessa, eu cansei de esperar ajuda. Tô tentando levantar, mas não consigo, mas vou conseguir” (ENTREVISTADO W. , 2016).

Uai, eu preciso sair dela. Eu quero sair dela. Só que como é que sai? Tô ilhado tem hora. Tem, muitas [Oportunidades]. Não do jeito que eu preciso.... Parceiro, a liberdade tá dentro da cabeça, liberdade é um negócio, é aquilo que você tem (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

Eu quero sair da rua, mudar de vida, estudar. E quando eu mudar de vida eu vou pro meio dos matos. Eu gosto do mato. Vou morar na roça. Eu gosto do Plano Piloto, é um lugar bom, é massa. Não vou mentir. Mas a minha vontade maior é ir pra zona rural criar animais. Mas tem uma coisa, quando você experimenta da “rueira” é difícil você sair dela. É tanto coisa que a “rueira” te oferece que você não consegue sair. Você não consegue sair. E outra, o lixo de Brasília é rico. Sabe disso? É comida boa, é roupa, meu irmão é tudo. Você encontra no lixo que as pessoas jogam. O lixo de Brasília é rico (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

Os sentidos são primordiais para a percepção ambiental, daí questionou-se quais os odores ou cheiros e quais os sons ou barulhos da cidade. Ressalta-se que todos os sentidos são importantes para os seres humanos perceberem o lugar, porém nesse momento optou-se por abordar separadamente esses dois sentidos muito importantes para a pesquisa.

Interessante saber que quando questionados sobre os cheiros ou odores da cidade, muitos se lembraram do cheiro das árvores, das flores, dos elementos

naturais, dando jus à arborização de Brasília, uma das características marcantes da cidade. Por outro lado, alguns cheiros que foram lembrados mostram que a cidade deixa a desejar na limpeza e manutenção das ruas, pois foram cheiros de lixo e poluição, além de cheiro de esgoto e diversos tipos de sujeira.

Rapaz, é cheiroso esse lugar, hein. Cê anda por aí... Agora que a gente tá na primavera o negócio tá cheiroso. Cê vê esses Ipê aí, cada bichão cheiroso da porr*, é lírio também e bonito, umas flor bonita e cheirosa, né? Pau- Brasil também dá um cheiro bom, né? Aqui na Asa Norte é bastante arborizado (ENTREVISTADO M. V., 2016).

“Esses matinho que passa no córrego. Cheiro de chuva” (ENTREVISTADO D., 2016).

“Aqui é bem verde, né? Tem muita grama, muitas árvores, então um ar bom, ar puro, a brisa, o vento. Um clima bom” (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

“Cheiro de árvores, é. Cheiro de árvore, cheiro de mato, cheiro de natureza” (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

Rapaz, o cheiro que eu sinto é o cheiro da Al Qaeda, é o cheiro da maconha. É o cheiro que nós cheira, que nós sente o cheiro. Que aqui a gente vive num cotidiano que é diferente, nosso habitat natural, nós vive ele. Todo mundo aqui é usuário, todo mundo tem seus vícios, sua fraquezas. É mais ou menos por aí, cara. E quando não é o cheiro de uma boa erva, é o cheiro da podridão do sistema dos políticos aí roubando nós, né? Sabe falar em milhões quando a gente não tem nenhum real no bolso (ENTREVISTADO J. 1, 2016).

Poluição, né velho? Tem que parar mais os veículos e ter mais bicicletas, mais incentivo do governo. Na verdade nós somos de uma capital sem estrutura. Tem uma ciclovia, mas não tem estrutura pra pessoa pedalar de boa e tem mais carro. As pessoas são loucas, as pessoas são loucas, elas vêm trabalhar de carro. Chega na hora de pico não dá conta de voltar. É uma coisa assim que eu não estudei, mas também não sou tão burro assim também. Prefiro pedalar do que ficar parado num transito. Então nossa cidade infelizmente tá poluída. [...] E é isso aí, a cidade tá precária, a poluição (ENTREVISTADO W., 2016).

“Os cheiros da cidade é o fedor das bocas de lobo entupidas” (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

“[...] Muita urina (risos). Muita urina. Ainda tem muita sujeira. Falta mais limpeza ainda, mas muita urina” (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

Sobre os sons e barulhos houve alguma divergência. Brasília é conhecida por ser uma cidade silenciosa em relação a outras capitais, e até mesmo em relação às demais Regiões Administrativas vizinhas. Algumas respostas concordaram com esse pressuposto ao apontar que a cidade é pouco barulhenta. Por outro lado colou-se a cidade como barulhenta, mas esse barulho refere-se, na grande maioria das vezes, ao trânsito de veículos. Pode-se ainda observar sons ligados à natureza, como o canto dos pássaros presentes na capital brasileira.

Mal tem barulho, se tiver barulho chama logo uma polícia. É danado. Eu não sei nas satélites, nas satélites deve ter mais barulho, não tem não? Mas é muito organizado, essas quadras, pô! Um tempo desse mesmo eu tava lá no restaurante e abriu um bar novo lá, era o 7 e Meio, era uma hora da manhã... Era só os clientes falando alto, a polícia já bateu lá, os moradores reclamou, a polícia foi lá e fechou. [...] (ENTREVISTADO M. V., 2016).

“Os sons da cidade, quase não têm sons nessa cidade. O barulho é pouco comparado com Salvador.” (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

“Na verdade, a bagunça mesmo. O barulho... da cidade. Do trânsito, das pessoas também. Das folhas, do mato” (ENTREVISTADO D. , 2016).

“Ah, os barulhos de ônibus [...]. começa a rodar os ônibus, aí a gente fica com o barulho na cabeça” (ENTREVISTADO D. S. , 2016).

Os barulhos são ensurdecador, né? A selva de pedra, né, só carro, carro, barulho de motor o tempo inteiro, aquela Babilônia, o povo correndo doido atrás de dinheiro e esquecendo do principal, o principal das coisas que é o amor, né, que é a paz. E é só capital. É só gana, né? Aquele barulho de motor estressante (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

“Depende. Na quebrada que eu gosto muito, na Cei, sempre tem o batidão, é o rap, é o funk. Sempre tá rolando. Em todo lugar é uma coisa, em todo momento. E o rap bom aqui de Brasília. É o barulho daqui” (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

“Muito passarinho. A gente acorda na rua com o sabiá laranjeira cantando e o João de Barro pertinho também, o bem-te-vi já dá um grito lá do outro lado. É massa. Uma beleza” (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

Nada, nada contra não. Eu durmo num mato ali e nada contra não. Tem uns pato ali que fazem barulho pra caramba, aí “cué cué”, o quê que eu vou reclamar? Eu tô na área deles. Eles passam perto de mim, olham e fala “esse aí é o nosso rei” e eu sou jamais capaz de triscar num pato daquele (ENTREVISTADO W., 2016).

O conceito de População em Situação de Rua adotado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome refere-se à heterogeneidade desse grupo populacional, mas leva-se em consideração principalmente características ligadas às condições de pobreza e à quebra dos vínculos familiares, fatores socioeconômicos. Sem desmerecer ou desacordar desse conceito, até mesmo porque muitos depoimentos se aproximaram dessa definição oficial, mas buscou-se nesta pesquisa conceituar População em Situação de Rua a partir da percepção dos sujeitos, motivado pela necessidade de se ouvir essa população sobre como ela própria se autoconhece e assim como conhece seu próprio mundo vivido, pois não é possível separar o homem do mundo em que ele vive. Para isso, questionou-se o que significaria estar em situação de rua para essas pessoas.

É uma coragem, né? E também... por outro lado também é... convivência, né... a convivência também. Pra morar na rua tem que saber conviver. Aí, então... Morador de rua sofre muito, às vezes num tem o que comer, é difícil pra dormir... quando chove que tá debaixo das árvores corre pra aqui, pra marquise do prédio. Eu durmo debaixo das árvores ali, na coberta, sabe? (ENTREVISTADO I. L. , 2015).

“É bom, eu acho legal... é mais ou menos, tem seu lado ruim e lado bom também” (ENTREVISTADO B., 2015).

“Ah... uma grande porcaria... É ruim... porque é muito discriminado, né, pela sociedade” (ENTREVISTADO R. 1, 2015).

Ah, não significa nada, porque morei na rua muito tempo... hoje em dia graças a Deus tô com a minha filha, mas a gente tá na rua muitas vezes não é porque a gente quer, é que... que aconteceu, né, de ficar na rua mesmo. Não tem pra onde ir, não tem nada (ENTREVISTADO D. R., 2015).

“Você sabe por que eu moro na rua? Porque lá em casa... eu vou te falar a verdade... é porque lá em casa eu não posso beber. É pela bebida. Aqui eu posso. Eu vim pra rua pra poder beber” (ENTREVISTADO A. 2, 2016).

A pessoa que não tem oportunidade, né? Porque querendo ou não você vê a crise que tá, desemprego que tá, é danado. Mas também, falta também sabedoria, eu acho que hoje em dia, o cabra só é pobre porque quer. Faculdade tem aí, tem altas cotas pra você entrar na universidade, não só a Universidade, como também curso profissionalizante. Ou seja, que ter tem, mas o problema é que as pessoas não procuram né? [...] O problema é isso, é a ignorância do povo. E o que é mais chato é que o nosso governo, ele quer que a gente fique assim, né, ignorante. Quer que a gente não saiba de nada (ENTREVISTADO M. V., 2016).

Cara, eu vou falar uma palavra dura, mas pra mim é o que eu enxergo: é miserável. Miserável. Porque há muitas diferenças aí, pelas indiferenças que ocorrem a quem tem e a quem não tem. Então uma pessoa miserável. A minha definição, né? (ENTREVISTADO L. , 2016).

“Muito ruim, né? Ficar numa situação dessa é muito ruim, né? Não é bom não, mas fazer o quê, né?” (ENTREVISTADO D. S. , 2016).

Olha, eu acho assim muito pesado. Moro na rua, mas não moro. Acho assim muito pesado. Morador de rua, eu considero morador de rua aquela pessoa que não tem capacidade de fazer nada. Eu não enquadro a gente como total morador de rua, porque eu me considero um artista. Um artista que não tem oportunidade como a maioria no geral. A maioria dos artistas que, tipo, não aparece na TV, não tão na mídia, mas é o que realmente leva cultura pros lugares. Eu não me considero morador de rua em si. Mas eu moro na rua, mas não me considero morador de rua. [...] Talento. Por quê talento? Porque pra você viver, você tem que ter talento. Pra sobreviver você tem que ter talento. Então isso aí é talento, né? Cê sobreviver todo dia, cê aguentar muitas coisas, aguentar humilhações, ouvir um monte de insultos e você não revidar a altura, isso é talento. Talento e classe, né, pra viver. Que eu digo assim: pra se viver na rua tem que ter classe. Muito mais que viver em um prédio. É, prédio você paga aí cê faz o que cê quer, mas viver na rua não. Não é desse jeito. Entende? (ENTREVISTADO J. 2, 2016).

“Esses terrenos estão mal dividido, doido. Tão mal dividido. Tu pega as minhas terras... [...] É tudo nosso, tem que pegar o que é meu e pronto. Eles roubam a gente, escraviza, mata” (ENTREVISTADO R. 2, 2016).

“Pagar o que eu devo. Porr* nenhuma de questão social não. Ninguém fica na rua à toa. Ninguém tá na rua à toa não, tem que pagar suas dívidas” (ENTREVISTADO R. 3, 2016).

O que é estar em situação de rua? É uma precariedade né, é um caos. É uma roubalheira porque eles têm muito dinheiro, o sistema, mas num... É tipo meio que... É uma tragédia, né? Porque muitos sorri outros chora, mas eu tô no meio dos que chora porque depois que vai vim a benção. A minha benção não tá na terra, a minha benção tá no céu. Isso aqui é só questão de tempo, é uma fase, tudo vai se passar. Eu sou um cara milionário, eu tenho Deus comigo. Eu vou ajudar os pobres, eu tô aqui na rua porque eu tenho que aprender a ser humilde e porque, na verdade, eu não fui humilde quando eu tinha tudo. Então eu tenho que aprender, levantar, ajudar quem tá caído, ou seja, todo mundo aqui são irmãos. Acontece que eu não consegui assimilar pra mim mendigo era mendigo, eu era eu, família era família. Não! Todo mundo é família. Todo mundo veio de Deus, todo mundo vai pra Deus. [...] Então, nossa vida é um filme, parceiro. Não é ruim não, é muito massa. Você tá por fora. Tem um brother meu rico que tem vontade de viver igual eu vivo. “Cara* vei, não tem nada com nada, não tem nada com nada, já era. Sua vida é tipo, parou no tempo. Queria ser assim, mas não dou conta”. Eu sou assim, não sei o quê que aconteceu. Parou. Puf! Eu tô parado. Pra mim o que acontecer é lucro, se falar “vixi, tá vindo um meteoro ali, o mundo vai acabar”, eu “graças a Deus, gente, pronto”. “Mataram o presidente”... é isso aí, parceiro (ENTREVISTADO W., 2016).

“Ah, tem uma poesia que eu falo assim: Vivo da arte, moro na rua, sou casada com a lua e durmo sob as estrelas” (ENTREVISTADO D. R, 2015).

Como foi dito, muitos depoimentos se assemelham ao que sugere a definição do termo “População em Situação de Rua” adotado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, porém existem algumas particularidades que fogem à regra do que define o MDS. Há quem não se inclua nos termos da definição proposta como oficial, mesmo possuindo muitos dos aspectos que caracterizam uma pessoa como membro desse grupo populacional, porque, para eles estar em situação de rua seria algo para quem é incapaz, como colocou J. 2, em seu depoimento. Por outro lado, também se fazem presentes aqueles que simpatizam com a situação de rua. Mas a grande maioria se autodefine negativamente. Procurou-se aglutinar as informações mais relevantes dos

depoimentos, a fim de resultar em apenas um conceito que representasse a todos. Chegou-se então a este conceito:

Estar em Situação de Rua é ter muita coragem, para morar na rua tem que saber viver. Todo mundo é família. Morador de rua sofre muito, tem dificuldade para conseguir o que comer, para dormir. Não tem para onde ir, não tem nada. Esses terrenos estão mal divididos, tem que pegar o que é meu e ponto. É uma precariedade. É um caos. É uma tragédia. Eu vou falar uma palavra dura: miserável. É pela bebida. Eu vim para a rua beber. Eu sinto mais liberdade. Muitos sorriem, outros choram. Tem seu lado bom e seu lado ruim. É ruim porque é muito discriminado pela sociedade. A pessoa não tem oportunidade. Desemprego é danado. Mas também falta sabedoria. O problema é a ignorância do povo. E o que é mais chato é que o nosso governo, ele quer que a gente continue assim. É bom. Sou um artista, não me enquadrado como morador de rua. Porque pra você viver, você tem que ter talento. Sobreviver todo dia, aguentar muitas coisas, aguentar humilhações, ouvir um monte de insultos e você não revidar à altura, isso é talento. Talento e classe. Não é bom, mas fazer o quê? É só questão de tempo, é uma fase, tudo vai passar. Nossa vida é um filme. Parou no tempo.

Os espaços mais rejeitados pelas pessoas em situação de rua foram a Rodoviária do Plano Piloto e o Setor Comercial Sul (SCS), mais especificamente uma localidade denomina por elas como “Buraco” ou “Buraco do rato”. Ambos os espaços foram condenados por conta da bagunça e dos roubos. Principalmente o “buraco”, que foi relatado como um espaço de intenso conflito roubos, tráfico, prostituição e até mesmo assassinatos e outras práticas criminosas. As próprias pessoas em situação de rua evitam esse espaço e aconselham que não se vá até lá, sob risco de morte. Eles relataram que tudo de ruim acontece ali.

Olha, tem um lugar aqui que você não pode ir nem pra fazer as suas entrevistas, porque vão te roubar com certeza. Que é o “buraco do rato”. Então tu vai ficar sem seu telefone, tu vai ficar sem teu gravador. Tá? Então não entre lá. [...] É. Não entre lá, porque eu tô te dando já a ideia pra você não... tá bom? (ENTREVISTADO R.3, 2016).

Observando o “buraco do rato”, a uma distância segura e no período diurno, nota-se o quão assustador ele é. Escuro e sujo. Apresenta uma dinâmica muito

interessante de analisar, onde poucos indivíduos transitam muito rapidamente pelo espaço do “buraco”, entram e saem com tamanha velocidade que denuncia o perigo e a ameaça de permanecer ali por um período de tempo maior.

Os espaços mais procurados para abrigo durante a noite são os espaços das igrejas e prédios onde há vigilância no período noturno. A presença de alguém que esteja presente, mesmo que seja para fazer a guarda e proteção do prédio, transmite à pessoa em situação de rua uma sensação de segurança que para ela é muito positiva.

Na maioria dos casos a rua é o local de trabalho das pessoas em situação de rua, é de onde retiram seu sustento com atividades informais remuneradas, seja vigiando ou lavando carros, vendendo água mineral, revistas e outros, ou até mesmo apenas praticando o ato de pedir. Os espaços mais utilizados para essas práticas são os estacionamentos públicos e sinais de trânsito, além da Rodoviária, ou seja, locais com muito trânsito de pessoas. A cidade de Brasília assume importante papel econômico na visão desses sujeitos, pois, configura-se como local de trabalho e sustento.

Desenvolver o que seria um modelo de cidade ideal torna-se difícil devido a característica heterogeneidade dessa população, são diferentes e diversos os interesses, mas nota-se que, na maioria dos casos de respostas que convergiram, a presença da família e os laços de amizade foram apontados como caráter primordial para se ter na cidade. Sendo assim, aspectos estruturais ficaram em segundo plano em relação aos aspectos sentimentais das relações humanas.

A seguir faz-se a análise dos mapas mentais dos sujeitos da pesquisa. Apesar de não ter-se adotado nenhuma metodologia específica para esta análise, buscou-se aproximar as representações àquilo que é abordado no Referencial teórico dessa pesquisa, partindo principalmente do que falam Almeida e Rocha (2005, p. 9), pois para elas a identidade do lugar é formada por três elementos que se inter-relacionam: características físicas ou aparências, atividades observáveis e significados ou símbolos.

3.2 Mapas mentais

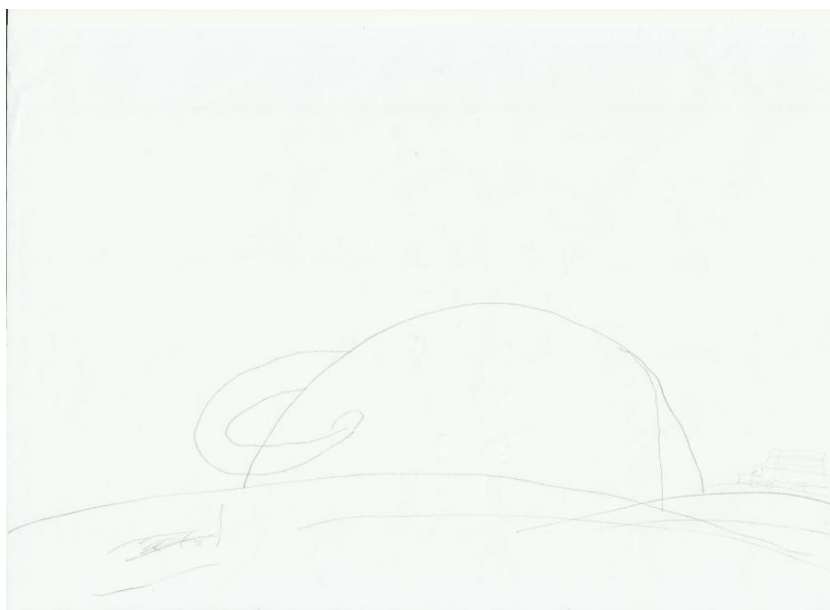


Figura 2: Mapa Mental 1 – Museu Nacional. Autor: Entrevistado W.

Mapa mental feito por W. (2016). Representa-se o Museu Nacional ao centro e o trio elétrico utilizado em dias de Batalha de Rimas (ou Batalha de Rap) à direita da imagem. W. relata que este é um dos eventos culturais que ele costuma frequentar em Brasília. Também se exaltou a importância do Museu Nacional para ele em seu depoimento: “É um lugar de todas tribos, lugar de todos [...] todo mundo se encontra ali naquele lugar” (ENTREVISTADO W., 2016). Para este sujeito esta é uma referência de lazer e cultura da cidade. Não são representados elementos naturais, mas elementos construídos que remetem às relações sócio-espaciais no centro urbano da cidade.



Figura 3: Mapa Mental 2 – Mundo vivido de A. 2. Autor: Entrevistado A. 2.

Mapa Mental feito por A. 2 (2015). Representam-se os prédios próximos ao Teatro Nacional, além do local onde A. 2 costuma se abrigar e dormir com seus colegas em situação de rua. Este espaço de abrigo, uma lixeira, está disposto à direita da imagem. Ali A. 2 divide o espaço com outras pessoas em situação de rua, demonstrando as relações sócio-espaciais, apesar de não ter-se desenhado essas pessoas. Os traços mais finos demonstram o caminho que ele faz da rodoviária para o lugar onde dorme. Ao centro inferior da imagem representa-se a Rodoviária do Plano Piloto, onde se realizou a entrevista. Um pouco mais acima da representação da rodoviária está representado o Teatro Nacional, seguido dos prédios ao seu redor. Não são representados no desenho elementos naturais, apenas representam-se os prédios.

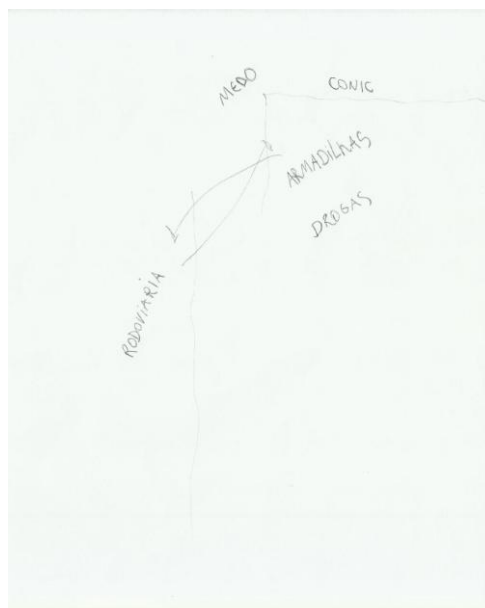


Figura 4: Mapa Mental 3 – Mundo vivido de R. 3. Autor: Entrevistado R. 3.

Mapa mental feito por R. 3 (2016). Representa-se o mundo vivido do entrevistado que consiste no trânsito entre a Rodoviária do Plano Piloto e o Conic. Na percepção de R. 3 esse espaço é tomado por medo, armadilhas e drogas. Essa representação difere das demais dessa pesquisa por ser feita muito mais com palavras que dão nome aos espaços do que com desenho propriamente dito, além dos nomes colocou-se apenas leves traços em formato geométrico que separam o Conic da Rodoviária.



Figura 5: Mapa Mental 4 – A vista que R. 2 tem do Congresso Nacional. Autor: Entrevistado R. 2.

Mapa mental feito por R. 2 (2016). Representa-se a vista que R. 2 tem do Congresso Nacional, na perspectiva do seu lugar, o Sol e os pássaros marcam a paisagem na sua visão. Na representação pode-se associar a presença do pássaro ao sentido da audição, pois, o canto do pássaro constitui o elemento com mais destaque para R. 2. Na percepção do entrevistado, este sentido serve de ferramenta para o entendimento e apreensão do ambiente que habita, assim como destacou Velentini ([s.d.]). Além de seu canto, existe para o sujeito a relação afetiva com os pássaros, pois, o mesmo costuma alimentar e conversar com as aves que por ali passeiam. Há uma mescla entre os elementos naturais, o Sol, a árvore, o gramado e o pássaro, e os prédios na imagem, que compõe a paisagem do mundo vivido do entrevistado.

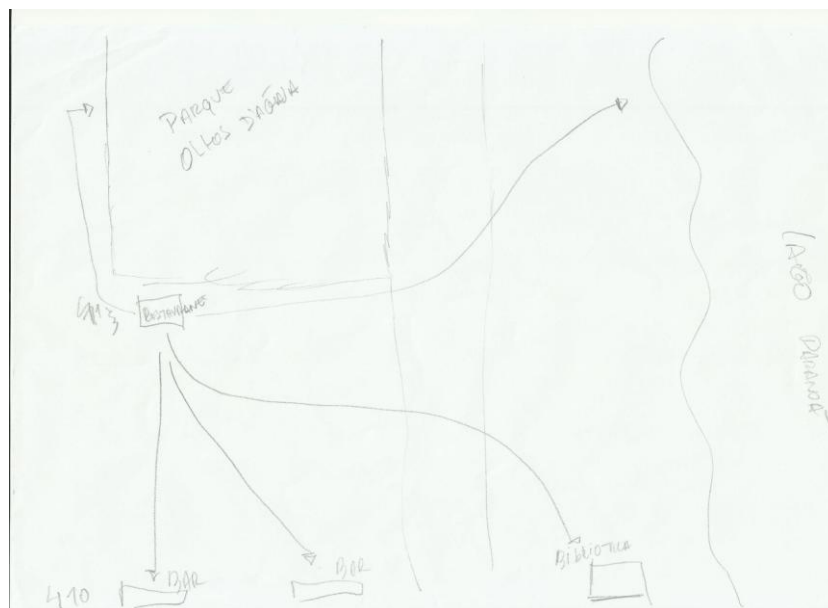


Figura 6: Mapa Mental 5 – Mundo vivido de M. V. Autor: Entrevistado M. V.

Mapa mental feito por M. V. (2016). Representa-se o mundo vivido de M. V. na Asa Norte de Brasília. O Parque Olhos d'Água e o Lago Paranoá como locais de lazer. O restaurante onde trabalhou e morou. Ao lado esquerdo do restaurante é representado o ponto onde comprava e utilizava entorpecentes. E, os bares das 410 N, onde costuma passar tempo e se divertir, além da Biblioteca Central (BCE) da UnB, onde costuma ir para ler livros. As setas representadas na imagem partem do restaurante onde M. V. morou, o que demonstra o sentimento de segurança que encontrava ali. Do seu lugar, as setas partem em direção dos espaços onde costuma frequentar, comuns a muitos da população em geral. As setas também remetem à orientação espacial que o entrevistado frisa em depoimento. Existe uma mescla entre elementos naturais e as construções, porém, não se explicita os sentimentos pelos elementos naturais, como a vegetação do parque ou a água do lago. Todos os elementos representados denotam uma à relação sócio-espacial, ao convívio, ao lazer, com outras pessoas, apesar de estas não serem representadas no desenho. Como colocou o entrevistado: “Meu cotidiano é o parque, o lago, a BCE. Tentei roubar um livro na BCE, mas não tem como... é cheia de grade, parece um presídio. E nas 400, que são os bares que eu costumava passear” (ENTREVISTADO M. V., 2016). M. V. constrói seus lugares a partir da experiência social, na inter-relação com as outras pessoas e com as coisas construídas, assim, seu mundo vivido é fruto dessa relação de intersubjetividade.

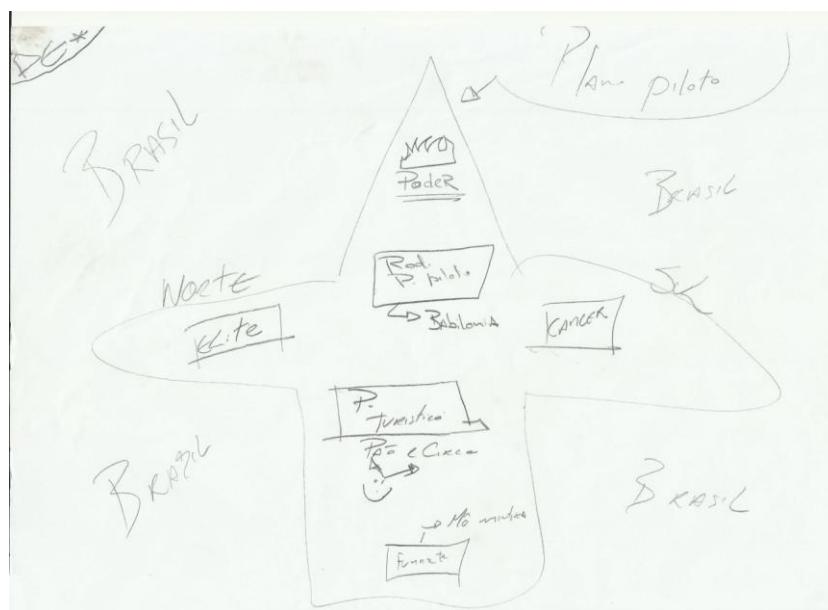


Figura 7: Mapa Mental 6 – Mundo vivido de A. 1. Autor: Entrevistado A. 1.

Mapa mental feito por A. 1 (2015). Representa-se a percepção que A. 1 tem de Brasília. Para ele, a capital representa poder político e econômico. A Rodoviária do Plano Piloto representa um tipo de Babilônia, onde há confusão e caos. A Asa Sul se assemelharia a um câncer e a Asa Norte onde estaria localizada a elite de Brasília. Coloca-se também Brasília como um ponto turístico, mas que na percepção de A. 1 não passa do chamado “pão e circo”. Além das instituições voltadas para as artes como a FUNART para ele representarem uma grande mentira, pois, não há espaço para sua arte nesses locais. Interessante notar no mapa mental que A. 1 também representou o Brasil e sua terra natal Pernambuco, demonstrando que sua imagem da cidade carrega elementos advindos de sua trajetória pelo país e dotados de importância singular em sua percepção do mundo.

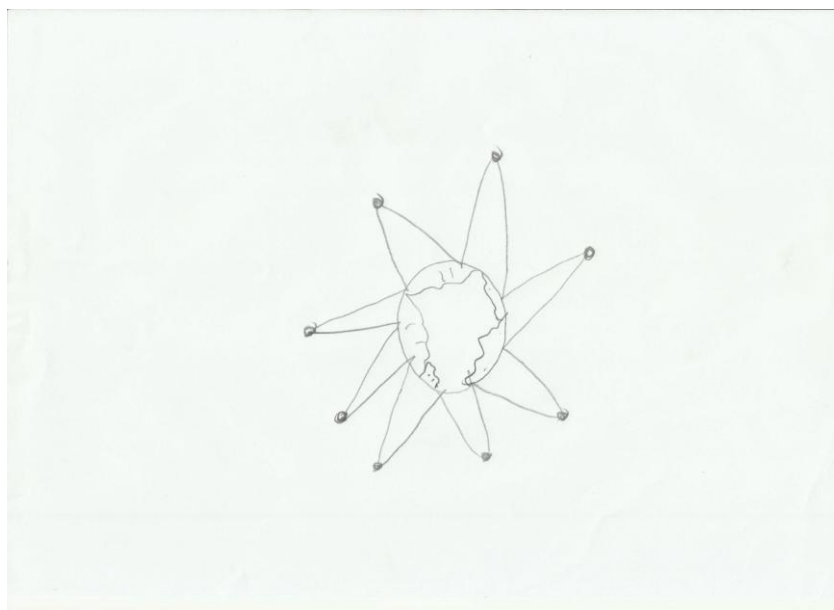


Figura 8: Mapa Mental 7 – A trajetória de J. 2 pelo mundo. Autor: Entrevistado J. 2.

Mapa mental feito por J. 2 (2016). Representa-se o mundo na perspectiva geográfica. J. 2 coloca que sua percepção é fruto de toda experiência vivida por ele em sua trajetória pelo mundo. Os pontos que saem do globo terrestre representam os movimentos migratórios do entrevistado, que costuma não se fixar por muito tempo em um único lugar, mas que está sempre mudando com o objetivo de transmitir e divulgar sua arte. Como coloca o Entrevistado J. 2 (2016): “esses pontos representam por onde eu já passei”.

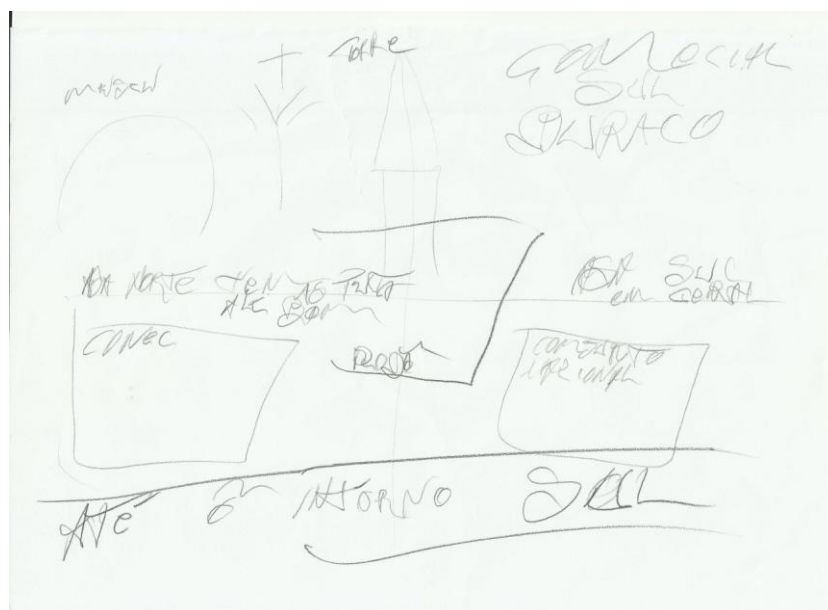


Figura 9: Mapa Mental 8 – Mundo vivido de J. 1. Autor: Entrevistado J. 1.

Mapa feito por J. 1 (2016). Representa-se no mapa mental de J. 1 muitos elementos da cidade de Brasília. A princípio na parte superior esquerda da imagem é representado o Museu Nacional, mais uma vez em referência às artes, de maneira positiva. Ao lado representa-se a Catedral Metropolitana, elemento visual de destaque na Esplanada dos Ministérios e local de prática religiosa. Em seguida é representada a Torre de TV, outro elemento visual de destaque, além de representar um espaço para abrigo. Coloca-se o espaço denominado “Buraco” localizado no Setor Comercial Sul e tido como muito perigoso, onde a prática de crime é algo comum. Representa-se ainda a Asa Norte, considerando-a positivamente e ligando-a a prática de prostituição. A Rodoviária do Plano Piloto, o shopping Conjunto Nacional, o Conic, a Asa Sul e a saída sul que leva às demais Regiões Administrativas e ao entorno do Distrito Federal. Nota-se a geograficidade do sujeito na representação do mapa mental, pois, está presente, nos elementos textuais, a maneira que ele conhece e sente os ambientes, e sua relação com os espaços construídos.

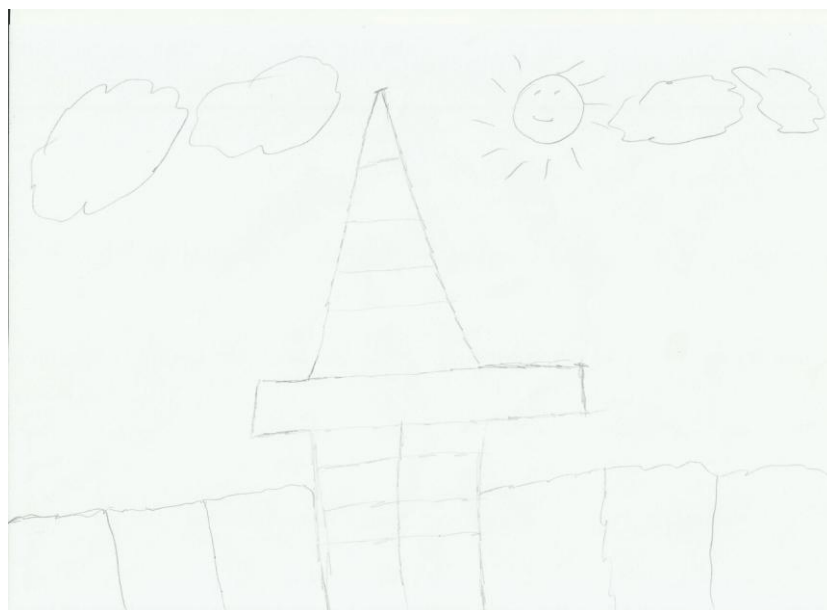


Figura 10: Mapa Mental 9 – Torre de TV vista por D. S. Autor: Entrevistado D. S.

Mapa mental feito por D. S. (2016). Representa-se a vista do alto da Torre de TV vista do espaço que D. S. costuma ficar, na base da Torre. Para D. S. é neste espaço que ela se sente segura com sua família. Ao redor da torre são representadas as barracas, onde se abriga e trabalha vendendo artesanato. Apesar de não serem representadas pessoas no desenho, esse local é onde a entrevistada desenvolve suas relações sócio-espaciais com outras pessoas, tanto as que estão em situação de rua como as que visitam a Torre.



Figura 11: Mapa Mental 10 – Mundo vivido de D. R. Autor: Entrevistado D. R.

Mapa mental feito por D. R. (2015). Representa-se a princípio a Torre de TV, local de abrigo e trabalho, onde D. R. costuma vender seu artesanato com os demais colegas em situação de rua e tem contato com os turistas que passam por ali e compram suas mercadorias. O caminho da Torre de TV para chegar à rodoviária. A Rodoviária do Plano Piloto, onde D. R. também vende seu artesanato e tira seu sustento diário. O Setor Bancário Sul, onde D. R. costuma se abrigar e dormir entre os prédios. E, o Lago Paranoá, local de lazer e para higienização própria. As relações sócio-espaciais são muito bem representadas, a entrevistada buscou desenhar seu mundo vivido, com elementos da sua geograficidade. O desenho transmite que as pessoas estão em movimento, relacionando-se entre elas e o espaço, demonstra-se a vida diária, o trabalho, o contato com os turistas na Torre de TV, o apressado pelos detalhes e o amor pelas ferramentas de trabalho, como é possível notar em seu depoimento: “Eu gosto da Torre, exponho embaixo da Torre, aqui são meus panos, meus trabalhinhos... eu vendendo, os turistas” (ENTREVISTADO D. R., 2015). O mesmo se passa na rodoviária, com o detalhe de que ali, a relação se dá com outra pessoa em situação de rua, a qual D. R. convive regularmente de maneira amigável. “Aqui tem um mendigo que é meu amigo, ele tá de chapéu sentado no chão com a mochila do lado [...] eu sempre ajudo ele aqui, eu sempre venho aqui, trago café pra ele, trago uma roupa [...] tô sempre ajudando ele” (ENTREVISTADO D. R., 2015).

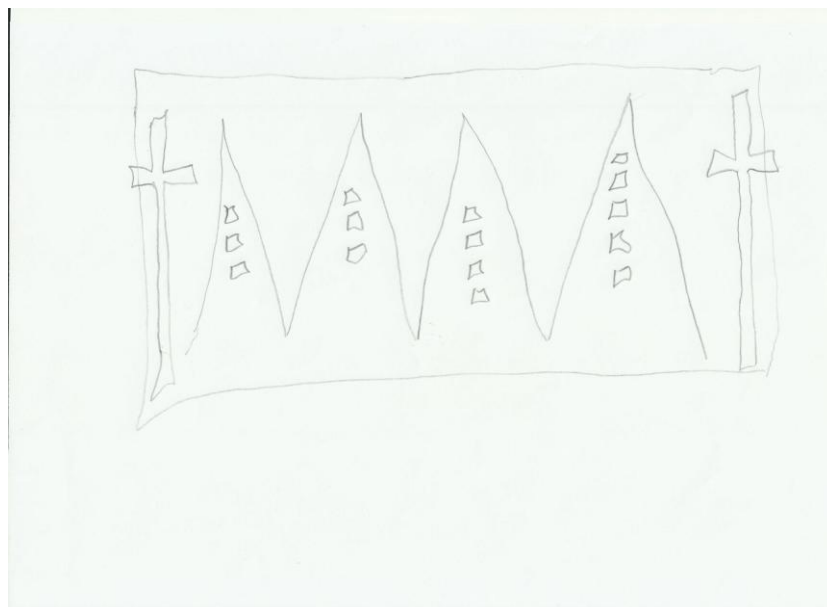


Figura 12: Mapa Mental 11 – Santuário Dom Bosco na visão de D. Autor:
Entrevistado D.

Mapa mental feito por D. (2016). Representa-se os vitrais do Santuário Dom Bosco, na Asa Sul, visto por fora. Esta é a vista que D. tem desde o estacionamento da igreja, local onde se abriga e se sente em segurança, dotado de significado. Para o entrevistado ali é sua residência. Esta representação pode parecer não ter muito significado à primeira vista, porém, o sujeito que utiliza o espaço representado como abrigo atribui a ela grande valor e sentido. Esta questão vai de encontro com o que diz Motta (2003), “as coisas passam a ter significado a partir da importância [...] que lhes é dada por um indivíduo”.



Figura 13: Mapa Mental 12 – Mundo vivido de B. Autor: Entrevistado B.

Mapa mental feito por B. (2015). Representa-se a árvore plantada no local onde ela se abriga no Setor Comercial Sul (SCS). Interessante notar que a casa desenhada não fica em Brasília, mas tem muito significado para B., pois, apesar dela optar por viver nas ruas, é nesta casa que moram suas filhas e família no entorno de Brasília. A casa representada apesar de não estar presente no cenário onde se fez o desenho faz parte do mundo vivido de B., pois, o mundo vivido é também constituído pelas imagens guardadas na memória, e como diz Ibert (2011, p. 1), nas representações espaciais mentais também estão presentes “os lugares construídos do presente e do passado, de localidades distantes”. São representados também elementos naturais tais como a vegetação, árvore e gramado, além do Sol que apresenta um sorriso descontraído e demonstra o que a entrevistada falou em depoimento, sobre gostar de estar na rua. A relação espaço-social também é representada no elemento humano desenhado no mapa. As duas pessoas são ela e um rapaz, o qual ela gosta e também está em situação de rua, esse aspecto demonstra as relações de convivência e vínculo afetivos presente no mundo vivido da entrevistada.

De modo geral, os mapas mentais demonstram a interação homem/espço das pessoas em situação de rua na cidade, nas suas próprias perspectivas, por meio dos sentidos e experiências vividas que formam suas percepções do espaço vivido. Como colocou Merleau-Ponty (1999, p.324) “a percepção revela os objetos

assim como a luz os ilumina na noite”, assim, fez-se possível representar elementos que vão além do visível, e espaços que são invisíveis para muitos. Os desenhos apresentados proporcionam uma análise da realidade dos mundos vividos de seus autores, que são formados pelas relações com os demais seres humanos, espaços construídos e naturais. As representações demonstram a geograficidade e historicidade dos entrevistados, suas vivências dos lugares e os diversos usos da cidade, todos esses elementos gravados nas suas memórias.

No capítulo seguinte serão feitas as considerações finais desta pesquisa.

CAPÍTULO 04: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a percepção das pessoas em situação de rua sobre a cidade é marcada por experiências muitas vezes traumáticas, que influenciam em seu mundo vivido. Este mundo vivido se desenvolve nos espaços de Brasília onde há certo sentimento de segurança e possibilidade de obtenção de renda. As imagens da cidade formadas a partir das percepções dessas pessoas encontram pontos de convergência na maioria dos casos, mas também divergem em muitos aspectos. A presença do vínculo familiar constitui um elemento essencial para a imagem de uma cidade ideal, além de boa infraestrutura e serviços de qualidade. A origem dessas pessoas quase sempre resulta de movimentos migratórios comuns em nosso país, como a saída dos estados mais pobres para os centros urbanos, daí a ausência da família das mesmas.

No presente trabalho, procurou-se realizar no referencial teórico um diálogo entre os autores que tratam das abordagens e conceitos adotados para a pesquisa. Inicialmente aborda-se a Fenomenologia, corrente filosófica a qual o trabalho está centrado. Nesse ponto a literatura é vasta, não houve dificuldade para ter acesso a trabalhos teóricos que tratem do assunto, porém, a dificuldade maior esteve na escolha dos autores, e no acesso aos livros dos grandes clássicos, então se optou por fazer uso dos artigos, dissertações, teses etc. disponíveis na internet, em portais de grandes acervos, para obter o contato com o que pensam os autores-chaves da corrente fenomenológica. O mesmo se deu com a Percepção e com o Mundo vivido, categorias de análise fenomenológica. Ao se falar de cidade na perspectiva da percepção, utilizou-se também de material digital, disponível na internet, porém fez-se possível ter contato com a obra do autor que despertou a ideia da pesquisa, Kevin Lynch, “A imagem da cidade”. Sobre População em Situação de Rua, o material utilizado origina-se também de fontes digitais, pois, não há muitas obras físicas de fácil acesso sobre o tema. Ressalta-se novamente que não há disponibilidade de pesquisas qualitativas feitas pela Geografia referentes a esse grupo populacional. Por fim, tratou-se dos mapas mentais, a qual o material de origem segue o mesmo padrão do anteriormente relatado.

A metodologia adotada mostrou-se adequada ao tipo de pesquisa. Com ela fez-se possível levantar todos os dados necessários para o estudo da percepção de pessoas em situação de rua sobre a cidade. A utilização dos questionários pautados, ou semi-estruturados, ofereceu total liberdade aos entrevistados para colocarem seus pontos de vista, que era exatamente o intuito da pesquisa. A utilização do gravador de voz proporcionou à análise da percepção a oportunidade de sentir a experiência dos sujeitos, pois, o sentido da audição humana desperta memórias, então, ao ouvir os áudios evocou-se os momentos das entrevistas, o que possibilitou uma análise mais fidedigna ao passo que se fez possível relembrar a gesticulação e os sentimentos das pessoas ao deporem. A utilização dos mapas mentais mostrou-se importante para a representação do mundo vivido das pessoas entrevistadas. Nos desenhos percebeu-se como o mundo vivido apresenta-se no imaginário dessas pessoas, além de revelar usos da cidade que não são comuns às demais pessoas da cidade, como por exemplo, espaços da rua utilizados para dormir.

Os resultados da pesquisa demonstram a percepção que as pessoas em situação de rua têm da cidade, suas memórias e experiências. Notou-se que as mesmas possuem uma relação muito particular com os espaços públicos. O mundo vivido dos sujeitos é caracterizado por eventos intensos, marcas do tempo influenciam em suas maneiras de ver a cidade e seus mundos vividos muitas vezes negativamente. Colocaram-se, a partir das falas, os pontos que mais chamam a atenção dessas pessoas na cidade, suas relações espaciais e sociais. Também se fez possível conceituar População em Situação de Rua na perspectiva dos que constituem este grupo populacional. O conceito a que se chegou tem traços em comum com o conceito do MDS e do MNPR, porém, o seu diferencial é que ele nasce da fala da própria pessoa em situação de rua, visto que os outros conceitos foram formulados por órgãos ou associações representantes. Este conceito traz em si a própria experiência vivida desses sujeitos, demonstra a heterogeneidade desse grupo, que é esquecida no conceito do MNPR e vai além das questões puramente econômicas e sociais do MDS. Assim, com estes resultados, assegura-se que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados, o que demonstra que a metodologia adotada é satisfatória e adequada para este tipo trabalho.

O desafio de trabalhar nessa pesquisa trouxe-me mais maturidade como estudante e como ser humano. Foi possível enxergar, em certos aspectos, as pessoas que moram na rua mais do que belas ou tristes histórias de vida, têm uma percepção distinta da minha própria percepção e das pessoas da comunidade acadêmica que convivo, por exemplo. Mas também houve pontos convergentes, como espaços comuns ao laser e o sentimento de insegurança em determinadas localidades da cidade.

A experiência de realizar a pesquisa com pessoas em situação de rua em seus lugares foi muito rica. Por exemplo: a sensação de estar sentado com elas nos seus lugares na rua. Como é diferente a visão da cidade ali daquela perspectiva, uma visão de baixo para cima. Pude sentir na pele o preconceito diário que estes sujeitos sofrem, ao ouvir comentários das pessoas que passavam na rua dizendo coisas como “maconheiro”, “comprando droga”, etc. Além dos olhares de estranheza das demais pessoas ao me verem entrevistando uma que está em situação de rua. A sensação de realizar entrevista debaixo de uma árvore em um dia chuvoso também foi outra situação em que pude sentir um pouco do que eles sentem diariamente.

Ao pedir aos entrevistados para desenhar o mapa mental da cidade, dos lugares onde costumam frequentar, ao desenharem eles narravam o que significava cada risco no papel, qual a função de cada lugar representado, seus sentimentos por esses lugares, os detalhes do uso do espaço, as outras pessoas que também estavam presentes no ambiente e o que elas representavam, e quais eram suas relações com o representado. Foi um momento de descoberta, pois, foi possível conhecer naquele momento espaços que passo por eles todos os dias, mas não os percebo. Esta experiência mostra que além de descobrir o visível, a representação permite interpretar a diversidade de variáveis existentes num determinado espaço que vai além dos puros sentidos. A representação abre possibilidades para um olhar reflexivo para dentro da paisagem, do lugar.

Mas é preciso observar que apesar de ser uma ótima ferramenta para análise da percepção e ter contribuído com o desenvolvimento do trabalho de monografia, o mapa mental também se mostrou como uma limitação da presente pesquisa, pois, houve muita dificuldade por parte dos sujeitos entrevistados para representarem

seus mundos vividos no desenho. Pessoas comuns estranham o termo “mapa mental”, ligam-se a palavra mapa e logo se recusam a fazê-lo alegando não saber desenhar mapas. Uma breve explicação sobre o que caracteriza o mapa mental não foi suficiente para a maioria dos entrevistados entenderem do que se tratava. Então, em determinado momento da pesquisa, optou-se por mostrar exemplos com o intuito de conseguir com que os mapas mentais fossem feitos, porém, o resultado não foi positivo, visto que a recusa continuou na mesma proporção. Por outro lado, muitos entrevistados recusaram-se a desenhar o mapa mental com receio de mostrarem a localização exata de seus espaços de abrigo, mesmo com a garantia do pesquisador que nenhuma informação seria utilizada com má fé e que tudo seria feito resguardando a identidade dos sujeitos e, que a finalidade da pesquisa seria unicamente acadêmica. Para próximos trabalhos que vierem a ser feitos com essa temática e com os mesmos sujeitos aconselha-se não utilizar o mapa mental com ferramenta de análise, ou que seja traçada uma estratégia mais eficaz para que os mapas mentais tragam um resultado mais amplo, que atinja uma parcela maior de indivíduos.

Destaca-se que a contribuição deste trabalho para o conhecimento científico parte da falta de pesquisas nessa mesma área, com as mesmas características, com os mesmos sujeitos, com o mesmo embasamento teórico-filosófico, realizadas no âmbito da Ciência Geográfica. A produção do saber geográfico está distante de uma parcela representativa da sociedade que compõe a População em Situação de Rua, necessita-se estudar esse grupo tão significativo, presente e crescente nas cidades brasileiras, e é papel da Geografia, que estuda as relações do homem com o meio, esta aproximação muito mais do que outras ciências que atualmente realizam pesquisas com pessoas em situação de rua. É necessário realizar um estudo da cidade partindo da percepção de quem a vive, quem a experiencia, pois, há muitos trabalhos que consideram apenas as pedras, como bem colocou Argan (1995), mas desconsideram quem dá significado a essas pedras, que sem o homem não seriam nada, a não ser um grande amontoado de resíduos. E a corrente fenomenológica da geografia necessita preocupar-se com as parcelas consideradas mais marginais que habitam a cidade, pois estas têm com e na cidade uma experiência, um mundo de vida, tão peculiar e intenso que resulta em percepções que levam a descoberta de uma cidade quase invisível aos olhos dos demais cidadãos que a compõem.

Este trabalho pode apresentar fragilidades, mas parte-se do pressuposto que se trata de uma monografia com tema ainda não estudado na comunidade acadêmica no âmbito da Geografia e de outras ciências. Vale ressaltar, que a presente pesquisa abre caminho para futuros trabalho que venham a abordar a mesma problemática.

Apesar de não fazer parte explicitamente deste trabalho, colocou-se durante a realização das entrevistas, por parte dos sujeitos da pesquisa, questões de cunho social, como preconceito e respeito à dignidade da pessoa humana e cobram-se isso do governo e da população em geral. Considerando que podem ser feitos outros trabalhos a partir deste e em respeito aos entrevistados que comentaram sobre isso, seguem seus pedidos:

A população em situação de rua pede mais respeito e oportunidades:

Olha, eu queria dizer assim pra sociedade que nem todo mundo que tá na rua, não é pessoa mal não sabe? São pessoas de boa. Que não passasse assim tão longe, pô vei, fica legal, passar por perto, dá uma moedinha, dá uma boa tarde. Porque assim, eu acho que isso prevalece pra qualquer ser humano. Sabe por quê? Assim, eu tô falando de mim, né, N., que às vezes eu me deito assim num banco aonde tem pessoas que passam, né, aí eu vejo assim que pessoas passam perto, pessoas arroteiam, às vezes tem carro que até buzina porque vê o movimento, mas isso eu acho ridículo. [...] Olha, pra terminar eu vou falar assim: tem pessoas que eu já vi querendo ser rico e no dia que teve uma doação assim pra um morador de rua foi o primeiro a chegar na fila. Isso... eu não quero dizer assim que a pessoa não precisa, mas porr* cara, se é rico, se é rico, então seja rico. Vamos ser pobres, vamos ser humildes. Você pode ter seu carro, sua moto, mas não deixe de ser o mesmo não, cara. Sabe por quê? Porque essa vida nós só temos um caminho só: todo mundo vai direto pra ele, não adianta você... não adianta esse negócio de rico e pobre. Isso aí é coisa de quem tem dinheiro, mas a terra é a mesma (ENTREVISTADO S.N., 2016).

O que mais me revolta em Brasília são os “playboys” que sujam o Parque. Esses caras urinam dentro da água do Parque. Tem condições? Eu fico revoltado. E eu brigo com eles. Esses dias mesmo urinaram na água. Isso polui, mata os peixes. É revoltante. Depois eles falam que a gente de rua que suja o parque, mas é eles. A gente protege o parque deles. É onde a gente mora. Eu direto durmo nas árvores. E eu quero o parque limpo. Como

que pode o governo não fazer nada para limpar o parque? O parque tinha que ser o melhor lugar de Brasília. Pra você ir, colocar um pano no chão com sua namorada, sua família, fazer um lanche. Ver a natureza. Só que eles não fazem nada. Mesmo assim eu gosto demais do parque (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

Eu como morador de rua que nessa situação, dessa que eu passei, eu quero colocar uma palavra em prática, eu não sei se a palavra é essa, mas essa é a palavra que eu que tem que falar. Eu estava num banheiro público e chegou uma pessoa e falou assim: “Isso daí tá tudo quebrado”, aí eu tava lá com a porta fechada fazendo a minha necessidade, aí chegou uma pessoa e falou assim “isso aqui tá tudo quebrado, isso aqui tudo é morador de rua.” Mas será que tudo é o morador de rua? Aí com licença, aí de lá fazendo as minhas necessidades, eu respondi de lá “olha, eu como morador de rua, nunca quebrei nada e tem mais, eu já vi pessoas por aí” Danificando o patrimônio público e nenhum era morador de rua não. Por quê que tudo é morador de rua?” Aí ele começou a falar, e eu disse assim “olha, então você espere eu sair daqui de dentro do banheiro pra nós debater assim de mano a mano, não brigar, só trocar ideia”. Aí ele pegou e foi embora (ENTREVISTADO S. N., 2016).

Eu acho que assim, cara, eu acho que a população de rua... o sistema devia ter uma visão diferenciada com os caras, devia ter uma perspectiva com os caras e uma oportunidade diferenciada, irmão. Para cada um reintegrar para sua própria família, sua própria origem, entendeu? Não deixar os caras a mercê, sem condição nenhuma, a mercê da própria sorte. [...] Ninguém vai conseguir mudar isso, não é eu, não é você, é diferente. Isso aí também cabe a Deus, né irmão? (ENTREVISTADO J. 1, 2016).

“Mas só vai mudar a situação das pessoas em situação de rua e a situação do Brasil em geral quando houver união de todas as pessoas. Eu não vou mudar. Você não vai mudar. Ninguém vai mudar sozinho” (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

As pessoas em situação de rua pedem mais serviços públicos, abrigos e centros de referencia:

Eu vou falar de duas coisas em Brasília, eu acho que aqui pra melhorar um pouco deveria ter mais, assim, uma atitude uma mudança do governo, né? Por exemplo: A saúde, pessoas tão morrendo, pessoas tão morrendo, é... Na emergência. Cê entende? O desemprego tá grande demais [...] As vagas nas instituições de acolhimento. Eu queria falar sobre o Albergue lá

das QNR da Ceilândia. Que o governo Agnelo deixou pronto e tá lá na QNR 3, Ceilândia Norte, abaixo do terminal. Eu queria saber desse governo que eu votei nele, eu votei nesse governo, mas assim eu queria saber dele o que que ele vai fazer agora na situação da chuva, o pessoal de rua e sobre o Albergue que o Agnelo fez lá e tá fechado o Albergue. Nas QNR3 da Ceilândia Norte. Essa é a pergunta que eu quero fazer pro governo. Governo, socorre a gente aí, cara. Tem gente que precisa sair da chuva (ENTREVISTADO S. N., 2016).

O pior tempo para estar nas ruas é o período chuvoso. Meu irmão, é cada doença que aparece, você fica doente. Além do frio, que nesse tempo o frio é cruel demais com quem não tem nada e tá na rua. E também o pouco eu você tem molha tudo, as ruas tão molhadas, você tá molhado. É muito ruim (ENTREVISTADO J. 3, 2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria José Gomes de. **Moradores de Rua na Cidade de Guarujá/SP: Condições de Vida, Saúde, Emoções e Riscos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Santos. Santos-SP, 2014. p. 178. Disponível em: <<http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/861/2/Maria%20Jose%20Gomes%20de%20Aguiar.pdf>>. Acessado em: 03 de novembro de 2016.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROTS DORF, M. A. S. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. Geografia, Londrina, v. 13, n. 1, p.127-141, jan./jun. 2004. Disponível em: <www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>. Acessado em: 26 de novembro de 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília: SAGI; Meta, abril de 2008. (Sumário Executivo). Disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/31/Documentos/sum%C3%A1rio_executivo_pop_rua_pesq_censo_MDS.pdf>. Acessado em: 20 de novembro de 2014.

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido**. In: CHRISTOFOLETI, Antonio. Perspectivas da Geografia. Difel, São Paulo, 1985, p. 165-193.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. **Alfabetização em Geografia**. Espaços da Escola. Editora Unijí. Ano 10. n. 37. 2000. P. 29-46. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/4452913/atps_2014_1_ped_5_fundamentos_e_metodologia_historia_e_geografia/2>. Acessado em: 09 de novembro de 2016.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. Coleção ideias em ação.

ENTREVISTADO A1. **Entrevista** [maio 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO A. 2. **Entrevista** [jul. 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO B. **Entrevista** [maio 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO D. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO D. R. **Entrevista** [maio 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO D. S. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia. ENTREVISTADO I. L. **Entrevista** [maio 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO J. 1. **Entrevista** [set. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO J. 2. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO J. 3. **Fragmento de Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Anotações. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO L. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO L. P. **Entrevista** [maio 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO M. V. **Entrevista** [set. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO R. 1. **Entrevista** [maio 2015]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2015. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO R. 2. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO R. 3. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO S. A. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO S. N. **Entrevista** [set. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

ENTREVISTADO W. **Entrevista** [out. 2016]. Entrevistador: Ezio das Chagas Oliveira dos Santos. Brasília, 2016. Arquivo .mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

FERREIRA, F. P. M. **População em situação de rua: Conceitos e mensuração**. IBGE, II Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/confest_e_confega/pesquisa_trabalhos/arquivosPDF/L714_02.pdf>. Acessado em: 20 de novembro de 2014.

GANDRA, Tatiane Krempser; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. **Usuários da informação sob a perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de postura metodológica de pesquisa.** Informação & Sociedade (UFPB. Online), vol. 22, n. 3. p. 13- 23, 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10861/8573>>. Acesso em: 29 de outubro de 2016.

GATTI, Bruna Papaiz; PEREIRA, Camila Potyara (Orgs.). **Projeto Renovando a Cidadania: pesquisa sobre a população em situação de rua do Distrito Federal.** Brasília: Gráfica Executiva, 2011. p. 198.

GDF. Imprensa. **Pela primeira vez, pesquisa da UnB sobre população em situação de rua é apresentada ao Comitê Intersetorial.** SEDEST, 2011. Disponível em: <<http://www.sedest.df.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/item/2164-pela-primeira-vez-pesquisa-da-unb-sobre-popula%C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua-%C3%A9-apresentada-ao-comit%C3%AA-intersectorial.html>>. Acessado em: 26 de novembro de 2014.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem, lugar, território e meio ambiente.** Revista Território. Ano II, n. 3, p. 77-85. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf>. Acessado em: 01 de novembro de 2016.

IBERTI, Ana Rosa do Carmo. **A utilização de mapas mentais na representação do lugar.** Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AnaRosadoCarmolberti.ED2I.pdf>. Acessado em: 10 de novembro de 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acessado em: 20 de novembro de 2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Lisboa: Edições 70. Tradução: Maria Cristina Tavares Afonso, 1960.

LYOTARD, Jean François. **A Fenomenologia**. Biblioteca Básica de Filosofia. Edições 70, Lisboa, 1954.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. [tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOTTA, Marlene Fraçois. **Espaço Vivido / Espaço Pensado: o lugar e o caminho**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2003.p. 161.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, Percepção e Conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia, 13(2). p. 141-148. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf>>. Acessado em: 08 de março de 2015.

NOGUEIRA, Amélia Regina Maria. **Uma interpretação fenomenológica na Geografia**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. pp. 10243 - 10262. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Metodologicos/11.pdf>>. Acessado em: 17 de julho de 2016.

OLIVEIRA, Nilza Ap. da Silva. **A percepção dos resíduos sólidos (lixo) de origem domiciliar, no bairro Cajuru-Curitiba-PR: Um olhar reflexivo a partir da educação ambiental**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2006. p. 174. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/4122/nilza.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 26 de novembro de 2014.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. **Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção**. Caminhos de Geografia. vol. 11, n. 35. pp. 173-178. Uberlândia, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/16271/9135>>. Acessado em: 17 de junho de 2015.

PINHEIRO, Mônica Farias; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Lugar e Memória: O Idoso e a Imagem da Cidade**. Anais do VII CBG. Vitória/ES, 2004. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404333478_ARQUIVO_ARTIGO>

PARAOVIICONGRESSOBRASILEIRODEGEOGRAFOS.pdf>. Acessado em: 18 de outubro de 2016.

PLANALTO. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Política Nacional para a População em Situação de Rua**. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acessado em: 20 de novembro de 2014.

PORTAL BRASIL. **População em situação de rua no DF será beneficiada por Política Nacional**. 2013. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2013/04/populacao-em-situacao-de-rua-no-df-sera-beneficiada-por-politica-nacional>>. Acessado em: 20 de novembro de 2014.

RÊGO, Gabriel Salles Maria de Macedo; FERNANDES, João Luís Jesus. **A toponímia dos cidadãos para com o patrimônio natural urbano: O caso da cidade de Coimbra**. GeoTextos. Vol. 8. n. 1. Jul. 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5495/4376>>. Acessado em: 20 de novembro de 2014.

ROCHA, Lurdes Bertol. **Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para analisar o espaço geográfico**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral. vol. 4/5. p. 67-79, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/79/76>>. Acessado em: 25 de outubro de 2016.

ROCHA, Lurdes Bertol; ALMEIDA, Maria Geralda. **Cultura, mundo-vivido e território**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina-PR, 2005. Disponível em: <<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/lurdes.pdf>>. Acessado em: 09 de agosto de 2016.

SCHUCH, Patrice et al. **A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. 1. ed. Didática Editora do Brasil. Belo Horizonte/MG, 2012. Disponível em:

<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/a_rua_em_movimento.pdf>. Acessado em: 25 de outubro de 2016.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. **Um olhar fenomenológico sobre a cidade.** Somanlu. Vol. 1, n. 1. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/248>>. Acessado em: 10 de agosto de 2016.

TORTORELI, Adélia Cristina; Paixão, Priscila Campiolo Manesco. **Metodologia do Ensino de Geografia.** CESUMAR. Maringá-PR, 2012. 208 p. Disponível em: <<http://www.ead.cesumar.br/moodle2009/lib/ead/arquivosApostilas/1086.pdf>>. Acessado em: 26 de novembro de 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VALENTINE, Silvia M. R. **A paisagem exposta.** FAU/USP. [s. n. t.]. Disponível em: <<http://www3.fe.usp.br/secoes/semana08/completos/159.swf>>. Acessado em: 24 de outubro de 2016.

APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário de Pesquisa 1

- 1- O que chama sua atenção na cidade? O que você acha sobre o Plano Piloto?
- 2- Como é a cidade e qual seria o modelo ideal de cidade?
- 3- O que a rua representa para você?
- 4- Por onde você costuma passar durante o dia e à noite? O que estes lugares significam para você, em que você pensa, do que você se lembra, o que você sente falando sobre e, qual a sua experiência com estes lugares?
- 5- O que as outras pessoas representam para você?
- 6- Qual a sua história?
- 7- O que significa ser morador de rua para você?
- 8- Existe alguma memória marcante na sua vida nas ruas?
- 9- Como é o convívio entre os moradores de rua?
- 10- O que faz você permanecer morando nas ruas?
- 11- Mapas mentais.

Apêndice 2: Questionário de Pesquisa 2

- 1- O que chama sua atenção na cidade? O que você acha sobre o Plano Piloto?
- 2- Como é a cidade e qual seria o modelo ideal de cidade?
- 3- O que a rua representa para você?
- 4- Por onde você costuma passar durante o dia e à noite? O que estes lugares significam para você, em que você pensa, do que você se lembra, o que você sente falando sobre e, qual a sua experiência com estes lugares?
- 5- O que as outras pessoas representam para você?
- 6- Qual sua trajetória até chegar aqui?
- 7- O que significa estar em situação de rua para você?
- 8- Existe alguma memória que marque a sua experiência com as ruas em Brasília?
- 9- Como é o convívio entre os moradores de rua?
- 10- O que faz você permanecer em situação de rua?
- 11- Como você vê a cidade?

12- Quais cheiros (odores) e sons (barulhos) da cidade?

13- Mapa mental do Plano Piloto (mundo vivido).

Apêndice 3: Transcrição das entrevistas

Respeitou-se fielmente a linguagem dos entrevistados que muitas vezes contraria a gramática, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma da pessoa em situação de rua enxergar e expressar seu mundo. Ressalta-se que para salvaguardar as identidades dos entrevistados seus nomes foram ocultos, identificando-os apenas pelas iniciais dos nomes.

ENTREVISTADO: **A. 1.** Data 19/05/2015. Local: Rodoviária do Plano Piloto.

A. 1 pode falar um pouco da sua trajetória até chegar aqui em Brasília?

Eu viajo com artesanato, né. Sou de Pernambuco, viajo desde os meus quinze anos de idade, na verdade eu não viajo eu faço artesanato desde os meus quinze anos de idade.

Você tem quantos anos hoje?

Eu tenho 22, faz sete anos que eu tô nessa vida. Eu estudei, busquei por onde, sou formado em Filosofia e assim, feito eu te falei né, eu estudei filosofia na teoria, mas hoje eu tô vivendo a prática, expondo a filosofia na prática estudando as pessoas assim como eu vejo, como que é realmente a verdadeira situação.

E qual a sua percepção das pessoas, do lugar onde você está?

Hoje no lugar onde eu to em Brasília/Distrito Federal capital do Brasil é a capital mais doida que eu já vi onde que é a capital do Brasil e é onde nada acontece, porque já passei por várias capitais e hoje eu tô aqui vejo que dez horas da noite não existe mais nada, não tem diversão para os jovens, pra ninguém e a galera tá satisfeita com isso né, por quê? Mas aí você olha essa população passando em frente à gente, 90% num tem a mesma concepção, o mesmo estudo, a mesma consciência que nós... então... claro o governo não quer dar poder maior para nós. O poder que “lege” essa onda toda, poder legislativo, ele não procura investir na

educação, porque a educação é algo que vai criar inimigos contra ele, porque hoje eu tenho educação, eu sei disso. Eu estudei toda a minha vida, concluí ensino fundamental, ensino médio e ensino superior e hoje eu tô aqui em situação de rua, não porque eu necessito, mas porque eu quero.

Então, A. 1, você estudou, fez uma graduação na federal do Pernambuco, e chegou aqui nessa situação. O que trouxe você até aqui?

Eu tô dentro do artesanato. Faço artesanato desde os quinze anos da minha vida. O que me trouxe até aqui é que eu pretendo conhecer o Brasil inteiro, porque eu não só nasci no Pernambuco, eu nasci no Brasil. Quero conhecer todo o Brasil, conheci todo o Pernambuco, conheci todo o nordeste, conheci todo o norte e quero conhecer todo o Brasil.

Você costuma passar por onde durante o dia e à noite?

À noite eu descanso. Eu trabalho o dia inteiro e à noite eu descanso. O dia é aqui perto da rodoviária, perto do Conjunto Nacional, porque aqui é onde tem mais fluxo, aqui é onde eu posso ganhar a vida.

O que você sente aqui nesse lugar?

Uma energia muito pesada, porque cada um carrega sua energia, seja ela boa ou ruim, mas eu só absorvo as que me fortalecem. E eu tô sempre aqui todos os dias, desde quando cheguei aqui.

O que chamou sua atenção aqui na cidade de Brasília/DF?

O que me chamou mais a atenção? A diversidade de pessoas que tem aqui, porque tem pessoas do Maranhão, do Piauí, do Amazonas, de Pernambuco, da Bahia, enfim, de vários cantos. A diversidade cultural.

E essas pessoas, o que elas representam para você?

Apenas a sociedade. A sociedade composta pela grande massa né, a massa consumista, a massa admiradora, aquela que vive “bitolada” ao sistema, a que diz: eu tenho que trabalhar amanhã às 7 horas da manhã, ao meio dia eu tenho que almoçar, às duas horas eu tô de volta ao trabalho e às seis horas eu volta pra casa. Mas não direto pra casa, eu preciso estudar pra crescer do que eu sou, então, vou

estudar até as dez, das dez eu volto pra casa e durmo até as seis para sete horas estar no trabalho de novo... é o que eu vejo aqui.

Tem alguma memória ou um fato marcante na sua vida nas ruas ou alguma coisa mais que você carregue?

Só apenas o conhecimento. Aonde eu chego eu conheço um pouco mais. Cada dia pra mim é um dia igual ao outro, não guardo nenhuma recordação. Cada dia é um dia. Eu vivo cada dia como se fosse o último, irmão.

E hoje teve alguma coisa diferente que tenha acontecido aqui?

Só a sua entrevista. A sua entrevista marcou meu dia hoje. É algo diferente, às vezes... todos os dias eu tô aqui chamando e chamando e tem dia que eu tô invisível, ninguém olha pra mim.

E você acha importante ser dada essa atenção?

É importante não para mim, mas para a arte. Porque eu sou artista, eu não sou apenas o A. 1, como vim lá de Caruaru, de Recife, Pernambuco, e tô aqui hoje, eu carrego a arte e cultura comigo, então mais importante mesmo é a arte e cultura, então tem que ser preservado, tem que ser visto com outros olhos e não os olhos da sociedade de hoje.

ENTREVISTADO: I. L. Data: 20/05/2015. Local: Setor Comercial Sul – SCS.

Por onde o senhor costuma passar durante o dia e à noite?

É nessas áreas aqui mesmo... Setor Comercial Sul... na rodoviária não, porque o roubo lá é muito aumentado, né, roubo demais. Olha, ontem roubaram um cobertor, com um radinho dentro do cobertor... eu botei guardado ali e quando eu fui lá não tava lá mais não. É roubo demais... tá quase a mesma coisa.

E o senhor está aqui durante o dia, durante a noite... o dia todo o senhor ficar por aqui, dorme por aqui?

Tá. Bota o papel no chão, né, e dorme.

Aqui na quadra 1 mesmo?

É na 1 e na 5 também. Eu acho mais tranquilo. Você sabe por quê? É que, olha, eles ofereceram uns abrigos... mas lá vinha muito delinquente... um abrigo do GDF. Então, lá era mantido, era uma instituição do GDF na L2 Sul.

O que o senhor achava de lá? O senhor tem alguma lembrança de lá?

Muito absurdo lá, né. Tem... é... as funcionárias de lá até que eu elogiava elas, as funcionárias. Mas quer dizer que os delinquentes lá, que era tipo inquilino, né... era ruim demais.

O senhor tem alguma lembrança aqui do Setor Comercial?

Tem. Eu tenho muitas boas e muitas ruins, né. Uma vez, um jovenzinho doutor... ele parou na calçada da padaria e colocou num envelope dois mil real pra eu, né. Eu agradei a ele. Ele comprou uns livros lá na livraria e foi pro carro e eu fui levar os livros pro carro dele, aí colocou um envelope com dois mil real pra eu... uma doação, né? Mas aqui... aí no outro dia restava mil e quinhentos, enterrei no chão... debaixo do postinho policial... enterrei mil e quinhentos. Quando eu fui buscar mais duzentos real, já num tava mais nada... roubaram lá. Umas lembranças boas e outras ruins, né?

O que a rua representa para o senhor?

Muita desavença, né... muito perigo, muita briga, muita intriga, sabe? Intriga demais. Ontem mesmo roubaram meu cobertor, guardado ali, lá no buraco, com um radinho dentro. Mas um doutor ontem comprou um radinho pra eu. Ele foi na loja lá... ainda comprou um lanche e o radinho de bolso.

O que chama sua atenção aqui em Brasília?

Ah, chama a atenção, né. É muita coisa, assim... é porque... olha... de vez em quando assim... alguma amizade, né? Alguma amizade não pode negar não.

E sobre a estrutura da cidade, o que chama a atenção do senhor?

Ah, a estrutura... acho que tá errada né? Porque... aliás no planeta não tem nenhuma arquitetura, nem urbanismo certo não, sabe?

E como seria a cidade ideal?

Compacta, compactada né... a ideia fala que é geminada né? É uma estrutura, né... uma arquitetura geminada. Você observa, por exemplo, a Asa Sul ela... ela quase que evoluiu. Agora a Asa Norte... a Asa Norte é uma área muito isolada lá, né... sabe por que? Porque é elitismo demais lá na Asa Norte... então, ela ficou em segundo plano... então... aqui desenvolveu mais e é melhor do que lá. E eu conheço umas pessoas tradicional lá, olha... com grandes imóveis. Conheço umas senhoras muito boas lá... eu conheço, mas fica muito ainda a desejar, sabe?

E o que as pessoas representam para o senhor?

É... cada um labutando como deve labutar, né... porque, olha, você vê que... ignoram os problemas, né, dos que não tem sorte né... ignorância demais né...

E o senhor acha que as pessoas poderiam melhorar em quê?

Melhorar... na colaboração né, e também que... este tal de materialismo, é materialismo demais. É igual, por exemplo, esse pessoal evangélico, eles remendam, remendam, mas são materialistas demais, sabe?

O que representa ser morador de rua para o senhor?

É uma coragem, né? E também... por outro lado também é... convivência, né... a convivência também. Pra morar na rua tem que saber conviver. Aí, então... Morador de rua sofre muito, às vezes num tem o que comer, é difícil pra dormir... quando chove que tá debaixo das árvores corre pra aqui, pra marquise do prédio. Eu durmo debaixo das árvores ali, na coberta, sabe? Aí quando foi semana passada, um escorpião mordeu eu na perna direita... já era madrugada já. Aí o pessoal chamou o SAMU, né... e o samu levou eu pra lá, fui bem atendido. Eles botou uma injeção lá, num teve mais efeito o veneno do escorpião.

O senhor pode contar um pouco da sua história?

É uma história triste pra caramba... é até ruim de contar, de relatar isso, né. Quando eu nasci era em Cristalina/GO... quarenta anos que eu não fui mais lá. Com vinte anos de idade eu saí de lá. É porque a família... houve uma epidemia de febre amarela e matou todo mundo... matou avô, tudo... só escapou eu da família. Aí eu

fiquei sozinho, escapou só eu. Aí eu vim pra Brasília tentar uma profissão. Vinte anos de idade eu já era marceneiro, né... aí no dia seguinte que eu comecei aqui numa empresa, comecei de marceneiro, fabricando e montando móveis, armário, essas coisas né, mesa. No dia seguinte um acidente na coluna, trabalhando lá na Asa Norte... coluna vertebral. A escada escorregou... a escada não sustentou, né... Eu não era fichado não, né... lá era através de clandestino, empreiteiro clandestino, né. Aí então interrompeu minha profissão, aí acabou. Aí eu vim parar na rua. E a coluna é remendada, coluna vertebral. Exatamente isso faz eu permanecer na rua. Como eu disse: como é que eu vou exercer a profissão, ainda junto o reumatismo nas canelas e a coluna remendada. A doença me fez parar e me jogou pra aqui.

Como que é o convívio entre os moradores de rua?

Muita ignorância, né, muita apelação, muita delinquência, roubo... Pra você ver como que é... isso aqui é uma labuta grande, rapaz. É como eu digo também, eu prefiro tá debaixo de uma árvore só do que com malocagem, malocagem é que gera isso. Basta dizer que vai pra uma roda de malocagem que você tá caçando problema, tá querendo problema, né. Então eu prefiro tá é só, em qualquer... debaixo de árvore aí de noite e de dia.

ENTREVISTADO: **B.** Data: 20/05/2015. Local: Setor Comercial Sul – SCS.

Por onde você anda durante o dia e à noite?

Eu fico por aqui mesmo no Setor Comercial. Como eu tenho um problema na perna, né. Aconteceu um acidente em 98, de carro... eu andava de muletas, hoje eu ando com um cabo de vassoura, às vezes eu me levanto, às vezes não e já tem dois dias que eu tô dormindo aqui neste lugarzinho. Eu passo pro lado da Boticário ali quando fecha, quando tá aberto eu fico aqui.

Tem muito tempo que você está aqui em Brasília?

Tem muitos anos que eu moro em Brasília sim. Eu nasci praticamente em Brasília. Nasci em Taguatinga e fui criada uns tempos na Bahia, né, mas eu fico mais em Brasília. Eu sou candanga e tenho sangue de baiano com mineira. Hoje eu tô com 29 anos. Tenho dois filhos, um de 16 e outro que vai fazer 13 anos sábado agora.

E você vive com eles na rua?

Não, meus filhos é em casa. Eu tenho minha casa... é porque eu gosto de viver no mundão louco mesmo...

O que te trouxe para a rua?

O que me trouxe pra rua? An... foi o desgosto. Eu perdi a minha mãe em 2004, vai fazer 11 anos que eu não tenho mais a minha mãe. Mas tenho minha casa, tenho minhas coisas... é que eu gosto de viver no mundão louco mesmo.

E nesses lugares que você anda, o que você sente, tem alguma memória, algum sentimento?

Eu fico aborrecida porque hoje em dia muita gente tá matando um ao outro. Matando os próprios amigos por causa de droga, por causa de crack. Eu num nego não, eu fumo... mas eu fumo maneirado, sozinha, na minha.

Você tem alguma memória marcante na rua?

Tenho memórias boas e memórias ruins. Ruim porque hoje em dia tá matando um ao outro, né... Coisas boas porque tem muita gente da antiga. Mas a maioria tá morto outros tá preso, por causa da droga.

E o que você pensa quando está nesses lugares?

Eu penso em muita coisa boa, né... penso que isso pra nós é só uma fase. Pra mim, na minha opinião, isso aqui é só uma fase.

Existe alguma experiência que te marcou na rua?

Não...

O que a rua representa para você?

O que a rua representa pra mim? Muitas coisas boas.

O quê, por exemplo?

Memórias boas, coisas boas do tempo que eu tinha minha perna, andava bem arrumadona... Eu tenho minha perna, né, mas praticamente eu não posso calçar salto mais, não posso dançar.

Então, essas lembranças são as que você tem de antes... e agora?

Agora é só tristeza.

Por que, pode explicar mais?

Tipo assim, a gente tinha amigos, a metade dos meus amigos tudo morreu, por causa de droga... entendeu? Hoje em dia não tem mais...

O que chama sua atenção na cidade?

Na cidade?... Lá na Esplanada, porque é legal, bonito, bacana... acho lindo.

Você costuma ir lá?

Quando eu tava com a minha perna boa sim, agora eu tô mais pra cá.

Qual seria o modelo Ideal de cidade?

A cidade que eu queria era muita coisa... Que o pessoal discrimina a gente, eu queria que o pessoal não discriminasse a gente porque a gente fuma droga. Porque nem todo mundo é igual, né... Tem muita gente que discrimina, uns ajuda outros não... aí é chato, né? Eu queria que as pessoas olhassem pra gente com outros olhos, que nem todo mundo é igual... em todos os lugares.

O que as pessoas representam para você?

Representam um pouco, né... algumas coisas.

Você pode dar um exemplo?

De exemplo assim eu não sei... não sei nem explicar pra você.

Mas é bom ou ruim?

Num ponto é bom e em outro é ruim.

O que é bom das pessoas?

O que é bom das pessoas... é que uns ajuda a gente. E não é nem pelo dinheiro, é pela comida... uns dão um dinheiro pra gente, outros dizem: Ah, é pra crack. Porque tudo pra eles é pra droga, e não é. Nem tudo é pra droga.

O que significa ser morador de rua?

É bom, eu acho legal... é mais ou menos, tem seu lado ruim e lado bom também.

Você pode me explicar melhor?

Eu não sei te explicar...

Você pode contar um pouco mais da sua história?

É... tenho meus filhos, perdi o tato da minha perna... não aguento muito andar pra longe. É só isso...

O que te trouxe para a rua?

Algumas coisas...

Tipo o quê?

Hum... muita coisa.

Você não quer falar?

É... eu não gostaria de falar isso não...

O que te faz permanecer na rua?

É o meu tipo de viver, sabe... nesse ponto aqui eu tenho muitas experiências... experiências boas, porque eu tô viva, graças a Deus, e experiências ruins porque a maioria dos meus colegas tudo foi-se embora, por causa da droga, igual eu falei pra você.

Como é o convívio entre os moradores de rua?

Meu convívio com eles é ótimo. Consigo fazer amizade fácil... tem muita coisa fácil.

Por onde você costuma passar durante o dia e à noite?

Deitado aqui no setor comercial, eu passo o dia inteiro aqui... durmo aqui.

O que você sente quando está aqui? O que você pensa?

Me sinto tranquilo, sossegado. Tô esperando eu ir embora pra casa daqui uns quinze dias minha passagem tá chegando e eu vou embora.

Você vai para onde?

Para Goiânia. Tenho família lá.

Tem alguma experiência marcante aqui? Alguma lembrança?

Não. Nada. Tudo que eu passei aqui já passei em tudo quanto é lugar.

Tudo o quê, você pode dar exemplos?

Tudo que você pensar. Andando pra lá e pra cá, como não tem lugar pra ficar mesmo.

O que a rua representa para você?

Representa nada, porque não tem nada de bom.

O que chama sua atenção na cidade?

Aqui é um lugar tranquilo, né... mais tranquilo do que as outras capitais, do que os outros lugares, aqui é mais sossegado. E o pessoal aqui te acolhe mais melhor do que em muitos outros lugares aí.

Qual seria o modelo de cidade ideal?

Goiânia. Lá é melhor... lá eu tenho meus parentes... é mais perto da família.

O que as pessoas representam para você?

Pra mim nada, é pessoas como outra qualquer.

Você tem algum sentimento por elas?

Não...

O que significa ser morador de rua para você?

Ah... uma grande porcaria... É ruim... porque é muito discriminado, né, pela sociedade.

Você pode contar um pouco da sua história?

Eu vim da Bahia pra cá e daqui eu vou embora pra Goiânia... tô aqui só de passagem.

O que faz você permanecer na rua?

Tô na rua porque não cheguei em casa ainda... quando chegar em casa acabou...

Como é o convívio entre os moradores de rua?

Pra mim tudo bem... tranquilo.

ENTREVISTADO: **D. R.** Data: 22/05/2015. Local: Rodoviária do Plano Piloto.

Por onde a senhora costuma passar durante o dia e à noite?

Na rodoviária. De dia e à noite eu fico aqui na rodoviária. Aí na hora de dormir eu vou pro mocó, vários mocó... mocó na Asa Norte, mocó na Asa Sul, no Banco do Brasil... por ali a gente dorme, nas varandas, perto dos prédios. Onde tiver uma cobertura pra não molhar a cabeça nós estamos dormindo.

O que a senhora sente nesses lugares? Tem alguma lembrança, algum pensamento?

Tem pensamentos. Quando a gente tá na rua, a gente fica triste, né. Porque fica pensando: poxa, nós, por que na rua, né? Deus por que nós estamos na rua, por que uns tem casa e outros não tem? Aí claro que há uma tristeza. Num tem onde tomar banho, às vezes não tem dinheiro pra comer...

A senhora tem alguma experiência que marcou a sua vida na rua?

Eu tenho. Quando eu tava dormindo na rua, aí chegou uns farofeiros da rua também e aí me deram um monte de ferrada na cabeça, na boca e tudo... tá vendo cicatriz

aqui, cicatriz aqui... isso foi tudo ferrada na cabeça que me deram. Aí fui parar na UTI. E em Taguatinga mesmo, em Taguatinga eu tava dormindo na rua, chegou uns barão de carro querendo roubar nós. Os caras de carro chegou lá querendo roubar a gente, querendo o nosso trabalho, o nosso dinheiro e, acabou que eles que apanharam, nós quebramos eles no pau.

O que a rua representa para a senhora?

A rua? O que a rua representa... nada...

Não representa nada? A senhora não vê nada na rua?

Ah, na rua o que você vê também são muitas pessoas humildes, né, cara?... As pessoas que moram na rua, elas divide o pão. O barão já não divide o pão, ele come sozinho. Nós na rua, nós não come sozinho. Se eu compro um pão, eu divido com meu irmão, se eu pego uma água divido com meu irmão, um suco... tudo a gente divide. Se vê um com frio, a gente dá um jeito de emprestar uma coberta, uma blusa de frio, né...

Como é o convívio entre os moradores de rua?

Nosso convívio aqui é um ajuda o outro. Às vezes é bom... depende. Porque na rua tem de tudo, né, cara. Tem gente boa, tem gente ruim, tem uns que te ajuda, tem outros que te rouba.

O que chama sua atenção na cidade?

Aqui na cidade o que fez eu ficar aqui foi minha filha. É que eu tenho uma filha aqui. Aí a minha filha me trouxe de volta.

A tua filha mora na rua igual à senhora?

Não, a minha filha é formada. Minha filha se formou e, inclusive, tem brinco dela aqui que ela faz, mas ela faz pra mim... pra nós, né, porque agora tudo que eu ganho é pra mim e pra ela.

E na estrutura, na paisagem da cidade, o que chama a sua atenção?

O que eu gosto aqui é que tem muitos artistas. Aqui tem muito artista, muita gente que gosta do artesanato, tem pessoas bonitas que gostam de artesanato e sabem o

que é arte... eu mesmo moro na rua, mas eu fiz quinze anos de balé, estudei para ser professora de balé. Sou levita, Jesus me chamou para cantar para Ele. Mesmo na rua, Deus me resgatou da rua... Deus que me tirou da rua.

O que as pessoas representam para a senhora?

Ah, eu vejo todo mundo como filho de Deus, né, cara... Eu oro por todo mundo. As pessoas que passam perto de mim e me discrimina, eu faço é abençoar, ao invés de xingar, eu faço é abençoar. Digo: que Deus te abençoe. A gente tem que abençoar, quem te olha com olho ruim, você tem que abençoar. Porque se a gente tá na rua é propósito de Deus, alguma coisa tem pra eu tá aqui.

Qual seria o modelo ideal de cidade?

Eu gosto mais de Torres, Rio Grande do Sul, que tem umas praias bonitas, água cristalina. Eu gosto mais das belezas naturais. E aqui o que eu gosto mais é das cachoeiras, que tem umas cachoeiras aqui, né... tem o Itiquira, que é aqui perto.

E nesse lugar em que estamos aqui, Rodoviária do Plano Piloto, o que a senhora gosta?

Não... a rodoviária é pânico. Rodoviária é muita sujeira, muito pobre, muito mendigo... tem muita gente sofrida aqui, cara. Aqui é muito sofrimento.

O que significa ser moradora de rua para a senhora?

Ah, não significa nada, porque morei na rua muito tempo... hoje em dia graças a Deus tô com a minha filha, mas a gente tá na rua muitas vezes não é porque a gente quer, é que... que aconteceu, né, de ficar na rua mesmo. Não tem pra onde ir, não tem nada.

A senhora pode contar um pouco mais sobre a sua história?

Eu vim de São Paulo com meus pais para Brasília... aí fiquei um bom tempo aqui em Brasília com meu pais. Depois meus pais morreram. Aí eu tinha meus filhos, criei seis filhos... sou mãe de criação... Vivi uns vinte anos na rua e que eu saí da rua tem pouco tempo, né. Mas eu sempre tive no mundo viajando.

O que faz a senhora permanecer na rua?

É que eu tiro o meu sustento da rua, né... onde eu andar, porque eu vivo do artesanato, tiro meu sustento da rua com pessoas que gostam do artesanato, né, e apoiam a gente.

A senhora pode definir o morador de rua em uma frase ou uma palavra?

Ah, tem uma poesia que eu falo assim: Vivo da arte, moro na rua, sou casada com a lua e durmo sob as estrelas.

ENTREVISTADO: **L. P.** Data: 22/05/2015. Local: Rodoviária do Plano Piloto.

Por onde o senhor costuma passar durante o dia e à noite?

Rapaz, à noite eu tô deitado, seis horas eu já tô deitado. Durante o dia eu venho pra cá, quando eu não venho pra cá vou resolver negócios, é... negócios que eu falo é assim, pagar dívida... hoje mesmo eu já paguei uma ali.

O que o senhor sente quando está aqui nesse lugar perto da rodoviária?

Só alegria no meu coração, porque eu falo do Evangelho aí vai se animando.

E o senhor tem alguma lembrança, ou no que pensa quando está aqui?

Não, não penso muito não... sinceramente, eu não me preocupo com nada não. Nem com o passado, nem com o futuro, nem presente, nem nada. Eu nem almoço... só vou comer de noite alguma coisinha. Pra você ver, um cara que não se preocupa nem com almoço, né...

O senhor tem alguma experiência marcante que viveu aqui?

Eu já dormi na rua já... já dormi uns vários meses aí na rua... a gente tem medo, faz muito medo. Um cara foi até e me assaltou lá de noite... muito medo. E a cidade tá grande, né?

O que a rua representa para o senhor?

Rapaz, aqui é só alegria! Olha a ideia dessa lixeira aqui foi minha. Falei com seu administrador, no tempo que Sr. Viana tava aí, que agora é outro. Aí ele disse vamos fazer. Com uma semana já estava posto aí a lixeira aí, olha. Olha como que

tá a cidade aí. Eu não via essa cidade assim, depois da lixeira já melhorou 100% já. Olha como que está isso aqui... é porque você não tem câmera pra filmar, mas não tá limpo? Limpo, limpo... tá uma beleza.

O que chama sua atenção na cidade Brasília?

Rapaz, eu quase que eu não vivo, porque eu passo o dia aqui, de noite eu dormir, vou me deitar... na hora que me dá sono eu durmo, pode ser meia noite ou antes eu durmo... ontem mesmo eu dormi dez horas, dez horas já deitei pra dormir. Eu não vivo assim essa vida, assim, eu não tenho esse cotidiano porque eu sou um cara da roça. As pessoas da roça num vivem a cidade não. A vida da cidade é noturna. Eu sou da roça, sou um cara da roça... a vida inteira na roça, aí eu não consigo passar a noite acordado.

O senhor pode contar um pouco da sua história?

Eu comprei pandeiro e já tenho composições minhas... Eu não tenho muita história não, eu tenho idade... já tenho 64 anos, mas não tenho história não, que eu nunca tive vivencia de vida não. Eu nunca aprendi nada, profissão nenhuma, é só no cabo da enxada, então, não tenho história pra contar não. Eu tô aqui em Brasília desde 77 que eu tô aqui... quarenta anos já. Então não tenho história pra contar não, é o que todo mundo sabe...

ENTREVISTADO: **A. 2** Data: 06/07/2015. Local: Rodoviária do Plano Piloto.

O que chama a sua atenção aqui na cidade, no Plano Piloto?

O que chama minha atenção aqui sabe o quê que é? É que a gente tem que dormir com um olho fechado e o outro aberto. Porque eles gostam de roubar as coisas dos outros, eles gostam de roubar... na hora que eu vou dormir, vou dormir meia noite e acordo quatro horas. E eu tô estudando... tô estudando a Palavra de Deus... eu medito e escrevo orações.

E da estrutura da cidade, o que o senhor acha aqui do Plano Piloto?

Eu vou falar a verdade, né... eu fico aqui o dia todinho é só tomando cachaça, tomando pinga.

Mas não tem nada que chame a atenção aqui da cidade, da rodoviária, da Esplanada...?

De vez em quando tem um show ou alguma coisa eu vou... aí eu gosto.

E o para o senhor como é a cidade?

Não é uma cidade muito boa não, mas tem que acostumar né... porque eu não tenho família aqui, né... porque a minha família é só eu e meus gatos. Eu tô com 25 gatos.

E qual seria o modelo ideal de cidade para o senhor?

Minha vontade é ir embora pra casa né, que fica na Paraíba.

O que morar na rua representa para o senhor?

Você sabe por que eu moro na rua? Porque lá em casa... eu vou te falar a verdade... é porque lá em casa eu não posso beber. É pela bebida. Aqui eu posso. Eu vim pra rua pra poder beber.

Por onde o senhor costuma passar durante o dia e à noite?

Eu durmo no Teatro Nacional. Eu durmo lá e tem hora que eu durmo aqui na Rodoviária também.

O que esses lugares significam para o senhor, no que pensa quando está nesses lugares, o senhor sente alguma coisa ao falar?

Eu sinto mais liberdade. Esses lugares aqui é bom, todo mundo me conhece, todo mundo gosta de mim... conheço os PMs, os policiais tudo... me sinto seguro.

O que as pessoas representam para o senhor?

Todo mundo gosta de mim. É uma coisa boa.

O senhor pode contar um pouco da sua história?

Sabe por que eu vim da Paraíba pra cá? Porque eu peguei a minha mulher com outro... peguei com outro, né, aí eu não quis fazer nada com ela daí peguei e vim pra cá. Tem um ano e dois meses.

O que significa ser um morador de rua para o senhor?

Eu tenho prazer de ficar aqui pra não ver o rosto dela.

Existe alguma memória marcante na rua?

Um fato que aconteceu pra mim... foi que uma vez três caras botou uma faca em mim... sabe? Foi no Teatro Nacional. Aí um deles começou tremer, aí um deles, dos ladrão, sabe o que ele falou? Falou pros outros dois: vamo embora que o homem é de Deus. Pegou e foi embora.

E qual é o sentimento que o senhor tem ao falar sobre isso?

Eu não sei nem o sentimento que eu tenho ao falar sobre isso, porque... porque o sentimento é de Deus, porque Deus que me guardou. Sentimento de gratidão por Deus.

Como é o convívio entre os moradores de rua?

Nosso convívio é... falando pra você, porque às vezes é difícil, sabe... porque de vez em quando eles ficam jogado na rua, diz que não vai pedir é... como é que fala?... Não vai pedir... não sai por aí pedindo não, eles ficam mais é aqui na rodoviária. Aí eu pego comida e trago pra eles, faço tudo eu... Mas tem um bom convívio.

O que faz o senhor permanecer morando na rua?

Por causa dessa família minha. Minha família tá longe. Entendeu? E não quer saber de mim, porque eu bebo.

ENTREVISTADO: **M. V.** Data: 27/09/2016. Local: Setor Comercial Sul – SCS.

Vim de Pernambuco, faz um ano que eu tô aqui. Quando eu vim eu fui ajudado, né? Um amigo de infância me trouxe pra cá e era só pra construir o muro em volta do lote dele e voltar pra Pernambuco. Sendo que como eu tava desempregado lá em Pernambuco, que que eu optei, falei pra ele: Ó! Depois que eu acabar o muro invés de você me pagar tu vai rachando as despesas da casa e eu vou procurar emprego. Aí eu saí pra procurar, vou te contar: foi fácil não.

[Foi em que ano?] Foi no ano passado.

Aí eu procurei, procurei, procurei. Começo do ano também, agora, procurei. Fui Asa Norte, Asa Sul, aqui na zona central também e depois no SAAN, que tem um bocado de empresa lá, fui também e nada. Aí na sorte achei ali na 413.

[Na Sul ou na...] Ali no Parque Olhos D'água. Aí tava precisando de ajudante lá, um restaurante até chique, lá é... Santé 13. Não sei se tu conhece, é gastronomia francesa, lá. Eu trabalhei, trabalhei não, tô trabalhando lá, né, de ajudante de limpeza, né. Trabalhando na limpeza... Aí o que aconteceu? Eles começaram apertar minha corda, né. Primeiro foi meu amigo de infância, né?: “Não dá mais pra você morar aqui... A muié tá embaçando, você tá quebrando a privacidade da gente”. Como eu era pobre e eles eram rico, aí eu acabei saindo de lá e me esconderam no restaurante, no restaurante tem o dormitório lá, fiquei dormindo lá. Passei uns dois meses dormindo lá, mas também os funcionários de lá começou a reclamar, porque não podia, não tinha ética eu tá dormindo lá e meu patrão falou: “Ó! Arruma outro lugar pra você ficar, você tem seu salário, tem como você arrumar uma kitinetizinha pra você e também pra você ter vida, né?”. Mas, foi justamente na época que eu tinha já conhecido o Crack. Comecei fumar Crack justamente dentro do restaurante, um garçom me ofereceu, eu não soube dizer não, o dinheiro que era pro aluguel gastei todinho com Crack. Mas a minha sorte, assim, que eu consegui perceber que tava doente precocemente né?

A minha última recaída foi agora, no dia 03 era na sexta-feira passada, eu recebi meu salário e na madrugada de domingo eu não tinha um centavo no bolso **[tinha gastado tudo?]**, tudo com a droga. Aí fiquei já naquela situação. Pô! Faltei o sábado no trabalho e o domingo, vou perder meu emprego. Vou ter que procurar ajuda, aí fui no hospital, fui medicado e por sorte a enfermeira que me atendeu, ela é psicóloga. A gente conversou bastante e ela falou: “Ó! Como você mora lá no restaurante, na 413, ali na L2, ali tem bastante igreja. Procura uma igreja que trabalhe.” Aí eu procurei uma paróquia e na paróquia não tinha trabalho com assistência de pessoas... Dependente químico.

Aí eu saí de lá, tá bom, ia pro restaurante, né. Ainda manguueei um...Tinhas umas comidinhas que tava vendendo lá, aí eu pedi né. Aí a mulher falou: “Ó! Não dá não”. Aí a coordenadora falou: “ Não, peraí. Você quer... Tá com fome?” -Tô. Aí me deu um prato. Aqui chama canjica, né? Lá em São Paulo, São Paulo em

Pernambuco chama Mugunzá. Aí eu saí comendo Mugunzá ali na L2, na ciclo faixa. Pois teve uma irmã que escutou o que eu disse, foi lá, me parou, pediu alguma informação, mas que eu não ia nem saber dizer, né, que eu não conheço Brasília direito. Aí ela pegou e disse: “Ó! Tem uma igreja, São Bartolomeu é na 915 norte. Quer ir lá? Eu te deixo você lá na frente.” Eu: - Quero! Aí entrei no carro dela, ela me abençoou e me deixou lá na frente. E o pessoal de lá me tratou super bem, me deu comida, falou que lá tinha reunião segunda, quarta e sexta a partir das oito horas e ficaram esperando, né, que eu vortasse. Isso era no domingo à noite, mas eu não voltei. Voltei pro restaurante, essa hora eu já sabia que tava fechado, já, né, mas eu tinha a chave lá da kitnet, né. Aí abri lá, tomei um banho, troquei de roupa e jantei a janta que me deram da igreja e dormi. Aí no outro dia de manhã bem cedinho, já pra que ninguém me visse no restaurante, né, que eu ainda tava não, ainda tô, constrangido, né. Não sei como é que as pessoas vão me receber, depois que eu sair daqui, né.

Aí saí bem cedinho de lá, peguei toda a minha roupa e vim me embora, atrás desse CAPS. Que o pessoal também da igreja pediu pra eu procurar aqui o CAPS. Mas eu vou dizer a tu, o cabra que não conhece é danado, aí desci nessa rodoviária, mas rodei, o dia todo atrás desse CAPS e não achava em canto nenhum, aí chegou uma hora que eu falei: “Não, vou voltar na rodoviária e vou perguntar lá”. Aí cheguei (áudio danificado 05:50), o cara falou: “Ó! O CAPS se mudou daqui, não tá aqui mais não. Ele tá na 404 norte.” Isso, eu sem um centavo no bolso. Peguei, entrei no ônibus, falei: “Doutor!”, Eu falei pro motorista, eu tenho o dinheiro da passagem não, mas eu ganhei umas roupas de doação, e eu posso te dar uma camisa chapada aqui pelo preço da passagem. Aí ele falou: “Não! Quero suas roupas não, pode ficar sentado aí na frente. Cê vai pra onde?”. Quando eu disse que ia me tratar, ele falou: “Agora que eu vou te ajudar mermo, vou deixar você na quadra certa.” Aí me deixou na 404, sendo que quando eu cheguei lá não era o CAPS. Lá era um negócio de assistência, justamente, de moradores de rua, quem mora na rua. Aí eles dão acolhimento, né, o pessoal dá o acolhimento. Aí a mulher pegou meus dado, meus documento e esclareceu, falou: “Ó, Marcos! A gente vai te levar no CAPS e cê vai ter uma entrevista lá. Se você não conseguir ficar lá, aí a gente... Não vou dizer a você que você vai ficar lá no acolhimento, porque já tem bastante gente, mas pelo menos uma pernoite eu consigo pra você lá.” Aí eu, tá bom. Disse que era até no

Sobradinho, o acolhimento. Aí eu peguei e vim pra cá pro CAPS, quando cheguei aqui no CAPS, já fiquei meio receoso, porque eu tive a entrevista com a psicóloga e o pessoal do acolhimento já foi embora, falou “não, tu vai ficar aí”, e eu não sabia se eu ia ficar aí. Aí fiquei já, “será que eu vou ficar na rua?”. Aí foi quando ela falou: “Ó, não tem vaga não, mas a gente vai deixar você em observação, amanhã a médica vai vim aqui e te avalia. Aí, tá bom. Quando no outro dia, a médica falou... Aí disse: “Ó! Vou deixar você 15 dias internado pra você desintoxicar. Como foi recente, você tá usando dentro de três meses, essa droga, então você não precisa tomar remédio controlado”, tanto que eu não tô tomando remédio controlado e tô aí, firme e forte, melhorando. Não vou mentir, os primeiro dia foi ruim, foi, deu depressão, ansiedade, ainda dá de vez em quando. Vontade, a fissura, né, de querer usar, mas hoje eu não tô sentindo mais não, já tô me sentindo bem melhor. Embora, assim, eu tenho o apoio do pessoal daqui e eu tenho justamente esse receio. Você falou que tá fazendo um trabalho com o pessoal de rua e eu tenho justamente esse receio: E depois que eu sair daqui? Como é que vai ser? Será que eu vou continuar dormindo no restaurante, que provavelmente não. Então vou morar na rua. Aonde eu vou morar na rua? Se eu morar na rua eu só vou ter contato com pessoas que usa, então a facilidade de eu ter uma recaída é maior. Então, pra mim, pelo menos, meus planos são, o que? Sair daqui, minha segunda casa vai ser a igreja. Nem que eu durma no portão da igreja, aí.

[Mas com certeza você vai conseguir apoio, pra se manter, né? Você quer mudar, né? Você quer mudar de vida, assim...]

E também quero estudar, eu vim pra cá pra dar a volta por cima, né. Eu tô com 33 ano, não concluí o Ensino Médio, eu parei lá no Pernambuco no segundo ano. Faltava só o terceiro e acabava o Ensino Médio, né. Aí eu parei faz mais de 10 anos. Como eu parei, mais de 10 anos, quando eu vim pra cá falei, não! Não vou trazer o histórico pra acabar só o segundo e o terceiro, trouxe só o histórico do Ensino Fundamental. Porque eu quero fazer o primeiro, o segundo e o terceiro de novo, pra relembrar a matéria, né. E quero fazer faculdade, quero estudar, quero dar a volta por cima.

[Tem que tentar e tem que conseguir]

Aham. Eu fui no GISNO, conhece o GISNO. 906/7 por alí, né. E, disseram que não tem matrícula, mas disseram que conseguiam me encaixar. Sendo que como eu tô internado agora, não pude ir lá fazer a matrícula, mas assim que eu sair daqui já vou fazer a Matrícula.

[Tem que ir lá atrás pra você ir e você conseguir, porque se você ficar muito tempo, assim, sem ir, né? É provável que você volte, a ter uma recaída, sei lá. Você tem que ocupar a mente].

Foi justamente o que eu pensei: “ocupar a mente”. Como eu já tenho trabalho, então ia ser o que? Como eu já tenho trabalho, trabalhava de manhã, depois que largasse do trabalho tomava um banho e ia pra escola. Quando largasse da escola, igreja.

[Isso mesmo, estar sempre ocupado e com as pessoas certas]

[Bom, né, então, vamos passar um pouco pra cá, porque eu tenho umas perguntas...]

O que chama sua atenção aqui na Cidade?

O que me chama atenção, sinceramente, é... Primeiro, essa cidade é maravilhosa, eu achei assim, questão de urbanização é um negócio muito bonito, né. Esse Oscar Niemeyer, o cara é... Trampa mesmo hein. Questão de Leste, Oeste, Norte, Sul, tudo certinho, né. Cê num se perde, né?

[Você se sente bem orientado aqui? Você consegue ver as coisas?]

Consigo, aham.

E o que eu acho, assim, mais interessante, é a acessibilidade, é a oportunidade que tem, tanto escola, como curso, como palestra, como parque, como uma exposição de arte.... Eu acho essa cidade muito cultural. CCBB, é..., Caixa Cultural né, costume. Tô querendo... tava procurando a médica agora, não tô achando ela. Queria que ela me liberasse pra eu ir alí no museu dos Correios. **[Tá tendo exposição lá, agora?]** Tem uma exposição lá, artista lá, uns desenho.

[Bom, você falou que chama muita atenção a urbanização e a cultura da cidade, né? Mas você teria um modelo de cidade ideal pra você? Qual seria uma cidade ótima pra se morar?]

Modelo de cidade ideal pra você?

Minha terra, Pernambuco, né? (risos) Porque eu falei que aqui era cultural, mas aqui é cultural assim, né? Um... O CCBB, um museu, um parque. Já Pernambuco, não. Não tem essa acessibilidade, mas, é mais cultural em questão de cultura popular. É maracatu, é coco, é ciranda, é bumba meu boi, folclórico, sabe. Interessante, sempre tem um show, um evento gratuito. **[E você participa dessas festas assim?]** Lá em Pernambuco, participava bastante.

Pra você o que a rua representa? Se sente seguro, acolhido?

Seguro, a gente não se sente, mas eu vou dizer a tu, assim, eu não vi violência nessas Asa Norte e Asa Sul, não. Pelo o que eu vejo, assim, eu não gosto de ver televisão, eu gosto de ler, mas como eu tô aqui internado, só tem esse diacho dessa televisão, aí eu assisto né? E eu vejo realmente muita violência, mas é mais nas cidades satélites, né? Mas aqui, eu não vejo violência não.

Quando você está na rua, por onde você costuma passar?

Costumo ir pro parque Olhos D'água, costumo ir pro lago banhar, os lugares que eu vou mais ou igreja.... **[Qual local do lago você vai?]** É aquele alí no final da Asa Norte, tem um pierzinho ali, né? Que é perto do tratamento de esgoto alí, né?

[E durante a noite?]

A noite, quando eu tava na doideira eu ia pra favela ali, da Asa Norte.

[Onde que é? Eu não conheço]

Cê estudou aonde, na UnB? No final da L3, da UnB, como quem vai pro Olhos D'água. Já percebeu que tem uma favela do lado, assim, uns barraquinho. Ali é o tráfico de drogas da Asa Norte. Ali é vendedor, ali tem ladrão, ali tem tudo e eu ia pra lá me drogar de noite, quando eu passei a usar. Como eu te disse, faz três meses que eu tô usando, mas antes não. Antes eu já ia pra quadra 10. Aí tu já deve saber onde é o Campinense, onde dá um bocado de Universitário, lá... lá lá tomar

uma cervejinha e paquerar as meninas lá da faculdade. Lá na 10, ou o Campinense ou o Mendes. O Mendes é mais familiar, né? O Campinense é mais pra adolescente mesmo.

O que esses lugares significam pra você?/ O que você sente falando sobre esses lugares?

Sei lá, acho que vício, né? Por que querendo ou não ele ocupa a minha mente, né? Podia tá numa biblioteca, podia tá estudando. E do contrário, não. Tava era bebendo, gastando dinheiro. Depois piorou, né que quando eu comecei usar Crack nem pra... nem beber mais eu bebia, né. Só procurava só a droga, né? **[A sua experiência com esses lugares, como é que é?]** Foi boa. O contato com o pessoal aqui de Brasília é bom, pessoal educado, né. Todo mundo conversa bem, foi bom.

A cidade aqui de Brasília, o Plano Piloto, durante o dia ela é diferente da noite?

Demais. Sinceramente essa cidade é morta. Depois da meia noite, pode ser final de semana, o que for, não tem nada mais aberto. **[E questão de segurança?]** Ah! Segurança, nem se compara, nunca vi aqui violência nenhuma. Apesar que me disseram que ali, quando cê cruza o Eixão ali aquela parte viária embaixo, me disseram que é perigoso, né.

O que as outras pessoas representam pra você?

Poxa! As pessoas que mora na rua, por exemplo, representa pra mim, são que tá tudo doente, o pessoal. Sendo que é um pessoal doente, que não reconhece que tá doente. Então não adianta você dar uma palavra de conforto, não adianta você querer ajudar que vai passar por um ouvido e vai sair pelo outro. Então são pessoas que... tá triste esse fim dessas pessoas, né. Triste mesmo. Tanto que quando eu tava usando eu percebi isso, sabe? Quando eu tive a última recaída. Dentro do barraco do cabra lá no final da L3, chegava lá o pessoal que morava na rua com um saco de comida. Pô, o pessoal tá na rua com um saco de comida e tá passando fome, vai o que? Vai se alimentar, né? Não, tava vendendo pra usar droga. Complicado.. Mas você tem que procurar ajuda e tem que querer, né. Pra minha sorte é que eu percebi isso cedo, né? Não precisei perder meu emprego...

[Das outras pessoas do convívio, sem ser as da rua?]

Do trabalho, todo mundo me incentivava, todo mundo gostava de mim, ganhava doação de roupa, é... utensílios domésticos e me ajudava, me ensinava fazer uma comida num cardápio da casa, ou seja, mas também porque eu tinha aquela força de vontade de aprender, né. E também a humildade de ajudar todo mundo sem olhar a quem. Acho isso muito importante, né?

Para você o que significa ser um morador de rua?

A pessoa que não tem oportunidade, né? Porque querendo ou não você vê a crise que tá, desemprego que tá, é danado. Mas também, falta também sabedoria, eu acho que hoje em dia, o cabra só é pobre porque quer. Faculdade tem aí, tem altas cotas pra você entrar na universidade, não só a Universidade, como também curso profissionalizante. Ou seja, que ter tem, mas o problema é que as pessoas não procuram né?

É a mesma coisa de você procurar seus direito. Pega um policial autoritário, se você sabe seus direito cê falou... cê falar seus direitos e deveres dentro da Constituição, ele já vai lhe tratar diferente. Entendesse? O problema é isso, é a ignorância do povo. E o que é mais chato é que o nosso governo , ele quer que a gente fique assim, né, ignorante. Quer que a gente não saiba de nada. Você ver, por exemplo, quando eu fui me matricular, querer me matricular no EJA, no GISNO, fui bem arrumado: calça jeans, camisa social, assim, botão abotoado até lá em cima, bem arrumado mesmo, eu fui. Aí falei com o diretor, falei: “Ó diretor, tem vaga para o EJA?” Ele disse: “Ó! Não tem não, mas a gente vai procurar encaixar você aí no curso, tentar matricular você, tentar encaixar você.” Assim que ele falou isso chegou uma pessoa todo malamanhado, cê via que era uma pessoa que era de rua e falou: “Diretor,é... Eu quero me matricular na escola”, “tem vaga não! Só ano que vem”. Ou seja, pensei: só por causa da vestimenta, né? Se ele tivesse bem parlamentado conseguiria também e eu pensei do contrário: “se eu tivesse também mal vestido não conseguiria vaga também”. Ou seja, as pessoas as vezes julga pela farda, né? Pela roupa, né? E não é a roupa que faz o monge, né? Nem a farda que faz o policial, né? **[Às vezes as pessoas não veem o próximo como deve ser visto, né? Muito julgamento]**

Existe alguma memória marcante das ruas?

Não.

Como é o convívio entre os moradores de rua?

É a lei da malícia. Tem que ser um mais esperto que o outro. Vacilar, cê leva rasteira, leva uma apunhalada pelas costas, até se possível te mata. Tem esse buraco do rato aqui que eu nunca entrei, nem quero entrar, mas disseram que aí é um inferno. Tanto dá uso de droga, quanto a venda de droga, como prostituição e como também, assassinato, né? É difícil, vida de rua, malandrage, é danado.

Como você vê a cidade?

Eu acho essa cidade mais evoluída, sabe? Questão de urbanização, limpeza. Eu vejo a cidade com os olhos bom, bonito.

Cheiros/ Odores da cidade

Rapaz, é cheiroso esse lugar, hein. Cê anda por aí... Agora que a gente tá na primavera o negócio tá cheiroso. Cê vê esses Ipê aí, cada bichão cheiroso da porr*, é lírio também e bonito, umas flor bonita e cheirosa, né? Pau- Brasil também dá um cheiro bom, né? Aqui na Asa Norte é bastante arborizado.

Barulhos

Mal tem barulho, se tiver barulho chama logo uma polícia. É danado. Eu não sei nas satélites, nas satélites deve ter mais barulho, não tem não? Mas é muito organizado, essas quadras, pô! Um tempo desse mesmo eu tava lá no restaurante e abriu um bar novo lá, era o 7 e Meio, era uma hora da manhã... Era só os clientes falando alto, a polícia já bateu lá, os moradores reclamou, a polícia quando foi lá e fechou. **[O silêncio aqui é muito diferente das satélites]** Aqui é incrível, aqui você para na pista, pra atravessar, cê não precisa nem dar a mão, o carro já para pra você. Vai fazer isso na satélite, vai levar... Vai ser atropelado (risos).

Atividade: Mapa mental

Fala final:

Como eu te disse, né. Você vê que eu ainda não cheguei a morar na rua, na verdade eu tinha uma lar, que era a casa do meu amigo, depois teve outro lar que é o restaurante. Não sei se eu vou continuar no emprego, né? Não sei se eles vão me aceitar depois, né, do que eu tô passando. Mas se não for, também não vou ficar na rua não, vou procurar uma clínica, vou procurar uma assistência e teve um paciente aí que tava falando: “Ó, procura teus direitos. Tu tem direito a... O benefício, né, de saúde”, mas eu vou dizer sinceramente pra tu, não quero não, diacho de benefício nenhum não. Se eu tenho saúde e posso trabalhar, eu quero é trabalhar! Eu vô tá correndo atrás de INSS pra benefício nada, negócio que demora. E outra coisa, é que nem diz a música de Luís Gonzaga, né? Que fala assim, é...:

“Seu doutô os nordestino têm muita gratidão Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão Mas doutô uma esmola a um homem qui é são Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”

(Luiz Gonzaga- Vozes da Seca)

ENTREVISTADO: L. Data: 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

O que chama a sua atenção na cidade? O que você acha do Plano Piloto?

O que me chama atenção na cidade? A arquitetura. A arquitetura de Brasília é bonita, é admirável. Admiro a arquitetura de Brasília. É uma cidade... não é tão corrida quanto São Paulo, mas hoje, nos dias de hoje... Eu tenho 36 anos de Brasília, que é a idade que eu tenho hoje. Nascido e criado aqui em Brasília. Tenho Brasília como minha referência... Eu admiro Brasília pela arquitetura, pela fonte de renda, né, que pra nós que mora em periferia a renda sai aqui de Brasília, né? A gente tira o sustento das nossas famílias vem daqui, da cidade de Brasília. Hoje embora a periferia... Brasília continua sendo um referencial, né, de emprego, de renda, né, pra quem mora nos arredores de Brasília. É assim que enxergo Brasília, se tratando dessa pergunta.

Qual seria o modelo de cidade ideal pra você?

Qual seria? É... a cidade limpa, organizada, segura e com bastante opções de diversão porque hoje em dia o mundo é dos jovens, embora tenha um índice muito

grande de velhos, hoje em dia é a geração que vem agora, né, de jovens. **[E Brasília se aproxima da ideia de cidade ideal?]** Não, está bem distante da perspectiva minha, né, tá bem distante. Bem distante. Quanto aos jovens ela hoje tem um número grande de jovens, mas tem um número grande também de idosos, né? Que necessitam de algumas coisas como essas, né? Essa é a minha...

O que a rua representa pra você?

Cara, representa... daqui que eu trago... nós temos uma expressão muito falada aqui (áudio cortado 2:57)... aos arredores de Brasília, quem está lá tira como Brasília como uma fonte de renda, é uma cidade admirável, uma cidade que não é pacata mais, né, já foi o tempo. É uma cidade quase chegando a uma metrópole nos dias de hoje. Uma cidade, assim, linda. Eu gosto dela, pelo que ela me proporciona, esse giro de capital, né, porque aqui estão os homens de poder, Legislativo, todos os poderes se encontram aqui em Brasília, né?

Por onde você costuma andar durante o dia?

Eu ando muito na Asa Sul. A minha área é a Asa Sul. Mais Asa Sul. Centro e Asa Sul. Esses são meus locais de locomoção. Eu me movimento muito nesse setor, nessa área aí, Asa Sul. Embora eu conheça algumas partes, só que tem partes ainda que eu não conheço em Brasília, que eu já ouvi falar, mas não ando, né, não tenho conhecimento do local. No caso do Sudoeste, no caso daquele setor W3 Norte, eu não conheço muito não, lá não é muito a minha praia. A minha área é a Asa Sul mesmo. Aqui eu me locomovo mais, onde eu frequento mais, né?

E durante a noite?

É a Asa Sul. Sempre. Dia e noite é Asa Sul. **[Durante a noite você costuma transitar ou você fica parado em algum lugar?]** Transito. Transito. Não fico numa área fixa não. Meu andar é paralelo.

Você tem um lugar de abrigo?

Voltei há poucas semanas pra casa, mas minha casa continua sendo a rua. Eu volto pra casa, mas aqui é meu lugar. **[O que esse lugar representa pra você?]** Ah, onde eu conheço a maior parte das pessoas, onde eu me dou mais bem, onde eu me sinto melhor, onde eu tenho uma melhor comunicação com as pessoas e através

disso sempre voltado pra renda. Porque aí aonde eu moro é aonde eu durmo, lá eu só vou pra dormir.

Qual a sua experiência na rua?

Ah, várias. De drogas, álcool, né, que a pessoa querendo ou não ela se liga a isso também. Tem uma ligação pra quem gosta direta e pra quem não gosta indireta. Mas o local é bom por essas questões, não pelas drogas, mas pela diversidade das pessoas, de pessoas, de mundos diferentes, de mundo social diferente. Acrescenta na minha vida, né, o conhecimento, o poder de ter dinheiro ou de não ter dinheiro, o que o dinheiro proporciona. Eu vejo por vários ângulos Brasília e as pessoas que aqui, né, reside, mora. **[Mas o que essas pessoas representam pra você? Tanto as pessoas que estão em situação de rua, como as demais.]** Representa como seres humanos, seres humanos. Pro lado rico das pessoas, que tem condições, rico, de classe média, de classe um pouco inferior à média, aí depois vem a baixa, que somos nós, né, da rua... enxergo dessa forma. Sempre pelo nível social. (Áudio cortado 7:20). ...Dos que frequentam Brasília, eles são classe baixa, a maioria. Porque vem e tira seu sustento aqui e volta pra sua casa, né, e aí é uma rotina.

E qual é a sua trajetória até chegar aqui, qual foi a sua trajetória?

Ah, eu venho do Lago Azul. Eu venho de uma periferia, eu venho de um município do Goiás. Minha trajetória é longa, mais de 30 km até aqui. Quem mora pra lá e vem pra cá, então é 30 vindo e 30 voltando. Então são 60 km ida e volta, né, uma caminhada imensa aí, né? A minha trajetória é essa. **[Então você faz essa trajetória de coletivo?]** Diariamente. Às vezes de coletivo... Hoje por eu ter saído da rua, a minha esposa tem carro e tal, aí as vezes vem de carro, mas o que a gente observa pelo coletivo é o mesmo que a gente observa pelo carro a diferença é no tempo nos dias de hoje. **[E nesse trajeto, o que você consegue perceber? O que você pensa quando está indo..?]** Ah, pensa que há muitos carros, mudaram-se muitas coisas, o trânsito, por exemplo, eu que venho muito de ônibus e de carro... o trânsito mudou, a cidade... (áudio cortado 8:45)... tem mais fluxo de pessoas hoje, e com ela ainda as suas necessidades também, né? Entre o inchaço aí, a gente se depara com a necessidade, as necessidades que a cidade tem... que nos proporcionar um acesso mais rápido, um acesso a esse nível de classe também, a

um nível de classe, né? E o dinheiro hoje em dia ele interfere nessas mudanças, né? A pessoa rica que tem um carro bom, ela não vai tratar uma pessoa boa, a não ser que trabalhe pra ela, né? Muito difícil. Então você vê a indiferença a partir daí, né, e que a maioria de quem mora lá pensa. Tem pessoas ricas boas? Tem. Só que a grande parte coloca diferença, né, entre os níveis. E é o convívio também. As pessoas ricas vão em outros lugares que o pobre não vai, né, porque o dinheiro dá essa condição a ele, de mudanças em níveis sociais, níveis financeiros. É o que eu penso.

E o que significa estar em situação de rua pra você? Se você pudesse falar em uma frase.

Cara, eu vou falar uma palavra dura, mas pra mim é o que eu enxergo: é miserável. Miserável. Porque há muitas diferenças aí, pelas indiferenças que ocorrem a quem tem e a quem não tem. Então uma pessoa miserável. Essa seria a minha frase. A minha definição, né?

Existe alguma memória que marca a sua experiência com Brasília?

O Impeachment do Fernando Collor de Melo. Marcou a minha vida. Eu era jovem, não que eu não seja hoje, mas Brasília parou. Brasília teve um... Até lá fora teve uma visão diferente, porque foi aqui que foi causado tudo isso. Enquanto que nos outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro também aderiram a esse movimento, a essa época. De Impeachment dos nossos governantes, Brasília foi mais conhecida através daí. Reconheceram aqui como capital, porque aqui também está a maior parte de estudantes de outros objetivos, de outros ideais. Filhos de Deputados, Senadores, Presidentes, Governantes. Embora eles tenham dinheiro e manda pra fora (áudio cortado 11:41)... Mas ainda tem muitas pessoas aqui protestantes como eu, tem alguns filhos de ricos protestantes também, mas são poucos, são minoria, essas pessoas são até anônimas, né, elas não tem nome e nem tem endereço porque eles não podem falar porque tem medo, né, de que alguém possa roubá-los. E Brasília ficou uma cidade também insegura, onde você não tem mais aquele transito, assim como ela inchou, cresceram também as dificuldades dessa questão. Esses dias eu tava na rua e vinha passando uma mulher, não sei se ela tinha dinheiro ou não, mas ela ficou muito cismada. Eu fui

pedir uma informação, onde fica o teatro da Unip pra ela. Eu falei “moça”, quando eu fui falar “moça” ela saiu correndo. Quer dizer, eu fui pedir uma informação, então o povo hoje dentro de Brasília está amedrontado e acho que eles nunca foram em São Paulo e Rio de Janeiro pra saber o que é medo mesmo, né, que são as metrópoles mais maior, mais transitadas e mais, como que fala, que recebe mais número de pessoas de outros estados, países. Brasília hoje em dia tem crescido também, mas a violência também tem crescido.

(Áudio Cortado 13:10)

ENTREVISTADO: **D.** Data: 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

O que chama a sua atenção na cidade e o que você acha do Plano Piloto?

O que chama a atenção? O que chama a minha atenção é as pessoas, né? As pessoas. As pessoas chamam a minha atenção toda hora. **[Por que?]**. Ah, porque às vezes eu tô quieto no meu canto e a pessoa tá chamando a minha atenção ali pra mim, tipo roubar ela. É. Claro, né, porque eu tô bem ali, eu durmo na calçada da igreja, o povo passa lá desse jeito aqui ó. Já tá chamando a minha atenção. É, chamando a atenção de ladrão. Aí chamando a minha atenção, só que eu num, às vezes eu vou lá e roubo, mas não é todo dia, toda hora. **[O que você acha do Plano Piloto?]** Eu acho o Plano Piloto uma casa pra mim, viu? Uma casa, eu moro na área da igreja ali, só que é na calçada. Plano Piloto é igual uma casa pra mim, irmão. **[O que chama a sua atenção na cidade, sobre a estrutura física...]**. A infraestrutura também chama a minha atenção, viu? **[Você pode dar exemplos?]** Rapaz...Exemplo...eu não tô muito bom de exemplo não, viu?

E qual seria uma cidade ideal pra você?

Cidade? **[É, cidade ideal pra você.]**. Samambaia. **[Por que? O que tem na Samambaia que não tem no Plano?]**. Samambaia... Lá é minha família, né? Minha família tá lá e também eu nasci no meio do mato, né cara? No Cerrado, na favela. E aqui também eu sei que já foi uma favela, uma periferia também, mas lá é minha família, né? **[Você se sente mais em casa...]** É. Só que aqui eu também me sinto

em casa, só que lá... É só a saudade. Lá pelo menos eu vejo eles e fico feliz um pouco.

O que a rua representa pra você?

Ah, pra mim significa uma aprendiz, né? Muita coisa errada e muita coisa boa.

Durante o dia, por onde você costuma circular?

Chefe, na verdade eu venho pro POP, né, de manhã. De tarde eu tô na igreja Dom Bosco e mais na tardezinha eu fico lá na farmácia. **[Na rua das farmácias...]**. É, eu fico lá.

E durante a noite?

De noite eu fico... eu dou um role, né? Compro uma droga, fumo. Aí volto pra igreja Dom Bosco. **[A igreja Dom Bosco então é o seu abrigo?]**. É. **[Quando você tá no seu abrigo, o que você pensa?]**. Passa pensamento de mudar, né, de tirar meus documentos e pagar um aluguel, arrumar uma esposa, poder comprar umas roupas, uns calçados pra mim.

O que você sente quando fala do seu lugar?

Me sinto bem, né vei? As vezes eu penso que eu tô falando demais, não é muito bom não. **[Esse lugar significa o que pra você? Uma segurança...]** É, segurança, né, porque o guardinha lá me vigia 24hrs. (Áudio cortado 4:24)... ao redor da igreja, aí tem... primeiro tem Deus, né?

E o que as pessoas representam pra você? Tanto as que estão em situação de rua, quanto as demais.

Elas passam e ficam chamando a minha atenção. E chamar a atenção de ladrão, ladrão vai fazer o quê? Vai roubar, uai. Aí passa ali, já passa desviando como se eu não fosse um ser humano também, né? Muito preconceito também. **[E as pessoas que estão em situação de rua? O que elas representam pra você?]**. Pra mim representam parceria, né? Não é todos não. Quando aparece, é um, dois pra me ajudar, pra me dar uma água, pra me dar uma comida. Parceria.

E qual a sua trajetória pra chegar aqui no Plano Piloto?

Na verdade, eu sou daqui mesmo. Eu vim da Samambaia pra cá. Não, da Samambaia eu fui pra Taguatinga e de Taguatinga eu vim pro Plano. (áudio cortado 5:50). **[Qual a diferença você poderia apontar entre essas três cidades?]** A diferença é Samambaia, né? Samambaia tem muito prédio novo, muito apartamento novo, muito lote novo. E Taguatinga já tinha já. **[E o Plano?]** O negócio é a vista do Plano Piloto, né? Você vê o Congresso, o gramado da rodoviária, a torre, a torre digital.

E o que significa pra você estar em situação de rua?

Significado? Essa aí eu não sei responder não, parceiro.

Existe alguma memória que marcou a sua experiência na rua?

Memória? A única memória que eu tô conseguindo me lembrar aqui é quando eu sai aqui da rua e fui... é coisa boa, né? E fui na igreja. E que eu vivia sem roubar ninguém, sem comprar droga, sem fumar droga.

E como é o convívio com as pessoas que estão em situação de rua?

Ah irmão eu vou te falar. É muita violência, viu? O convívio é... Se você não der o dinheiro, os outros já quer te pagar, se você não comprar droga os outros já quer te pegar, se você não dá, os outros já quer pegar também. Igual eu falei pra você, irmão, quando aparece é uma ou duas pessoas pra ajudar. A maioria quer saber de matar, matar, matar, matar e ser famoso e aí vai.

O que faz você permanecer em situação de rua?

Na verdade é as coisas, né? As coisas é que tã fazendo eu permanecer na rua, assim, as coisas que eu ando fazendo, né? Coisa boa, coisa ruim... Eu não vou falar pra você que eu só faço coisa boa que eu tô mentindo.

Existe algum cheiro característico da cidade?

Esses matinho que passa no córrego. Cheiro de chuva.

E os barulhos, os sons?

Na verdade, a bagunça mesmo. O barulho... da cidade. Do trânsito, das pessoas também. Das folhas, do mato.

ENTREVISTADO: **D. S.** Data: 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

O que chama a sua atenção na cidade e o que a senhora acha do Plano Piloto?

O que chama a minha atenção? A torre de televisão. **[E arquitetura?]** Os prédios. Quem construiu o Plano, construiu muito bonito, né? É uma cidade bacana. **[E o que a senhora acha do Plano Piloto no geral?]** Trabalho é bom aqui, né? As pessoas são muito boas com a gente aqui também. Os funcionários tratam a gente bem.

Como seria, pra senhora, uma cidade ideal?

Como seria uma cidade ideal? Agora ficou difícil. **[Por exemplo, o que falta em Brasília pra alcançar?]** Ah, mais estrutura, assim, mais trabalho, mais escola, mais creche para as crianças, esporte, cultura, né? Para as pessoas se socializarem melhor. Pra ficar melhor tinha que ter isso tudo, né? Que é pouco, o que tem é pouco. Falta mais. Investimento financeiro pra ter melhorias na saúde, melhorias na escola, em tudo, né? Que o nosso país é carente disso, né? Os governos tinham que fazer coisa melhor, aí. **[Que tipos de coisas?]** Ah, um posto de saúde, uma escola melhor, oportunidades de estudos para as pessoas, faculdade para as pessoas se formarem aí, abrir portas de empregos para as pessoas. (áudio cortado 2:57)... trabalhar, mas não tem oportunidade, né? Por causa da falta de estudo, que às vezes não estudou, né? Não se formou e aí não tem oportunidade de trabalho, né? Tirar as populações da rua, aí. **[Que tipo de trabalho a senhora gostaria que tivesse?]** Mais funcionários na rede da saúde, mais assistentes sociais pra atender o povo aí na rua, né, mais professores, policiamento.

O que a rua representa para a senhora?

O que a rua representa pra mim? Ah, a dificuldade, né? As pessoas que estão na rua passam por muitas privações, humilhações. Às vezes as pessoas olham com preconceito, muita gente não quer nem chegar perto de morador de rua, tem receios, né?

Por onde a senhora costuma andar durante o dia?

Na torre, na catedral, W3 Norte, W3 Sul, todo lugar aí. (áudio cortado 4:23) [... **durante o dia ou durante a noite?**]. A noite eu durmo na torre. **[Na torre de TV?]**. Isso. Durmo numa barraca lá. **[E o quê que esse lugar significa para a senhora?]**. Pra mim? Ah muito bom, né? Porque pelo menos não durmo no relento, na rua. Lá eu me acolho, mais meus filhos e tudo bem, graças a Deus. **[E quando a senhora está lá, o que a senhora pensa?]**. Ah, pra Deus me abençoar pra mim arrumar um emprego, trabalhar. Pra mim arrumar uma oportunidade de emprego pra mim trabalhar e poder dar uma vida melhor pros meus filhos, né? Ter uma casa pra morar e poder dar uma vida melhor pra eles. Esse é meu objetivo: é arrumar um emprego, trabalhar e cuidar deles. **[E quando a senhora está lá, tem alguma lembrança que passa pela sua cabeça? Se lembra de alguma coisa...]**. Não. **[E o que a senhora sente falando sobre isso?]**. O que eu sinto? **[É, falando sobre o seu lugar.]**. Ah, mas... às vezes dá tristeza, né? Aí às vezes a gente fica triste, né? Porque você quer ter uma coisa melhor e não tem possibilidade, não tem capacidade pra conseguir por falta de oportunidades que o pessoal não oferece pra gente, né? Aí vem as dificuldades, aí a gente fica às vezes triste, mas nada que a gente não possa dar a volta por cima.

O que as pessoas representam pra senhora? Tanto as em situação de rua quanto as demais.

Algumas pessoas é por necessidade, né? Agora outras é porque querem. Alguns é porque não teve oportunidade, mas outros é porque querem mesmo, mas o quê que eles representam pra mim? São todos meus amigos, pessoas boas, nunca me fizeram nada, pessoas normais.

Qual a sua trajetória até chegar aqui em Brasília? A senhora veio de onde...

Ah, eu morava em Goiânia. Minha família mora lá em Goiânia, né, aí eu tive desentendimento com a minha família e saí de casa, e aí fui andando aí e vim parar aqui e tô aqui até hoje. Já vai fazer uns 5 anos que eu tô aqui em Brasília e não voltei mais, não procurei mais a minha família. Tocando a vida pra frente. **[Se fosse comparar Goiânia com Brasília, qual comparação a senhora faria?]**. Ah, Brasília é 10 mil vezes melhor que Goiânia, Goiânia.... Eu nem me lembro mais

direito como que é lá, tem muito tempo que eu não vou lá, mas na época era muito difícil lá. Então aqui pra mim é melhor, aqui pra mim é melhor.

Pra senhora o que significa estar em situação de rua?

Muito ruim, né? Ficar numa situação dessa é muito ruim, né? Não é bom não, mas fazer o quê, né?

Existe alguma memória que marque a sua experiência com as ruas aqui em Brasília?

Ah, todo dia marca, né? Porque todo dia você passa por dificuldade, privações. Às vezes você aí em ambiente que as pessoas te olha de maneira atravessada, olha... né? Então todo dia você passa privações aqui na rua. A vida da rua é complicada, só quem vive mesmo pra saber.

Como é o convívio entre os moradores de rua?

Eles são solidários um com os outros, né? Estão ajudando. Onde eu durmo mesmo, dorme um mucado de gente, então o que eles puder fazer um pelo outro eles fazem. Um defende o outro na rua.

O que faz a senhora permanecer em situação de rua?

No momento é a falta de emprego, né? No momento é uma falta de emprego. Na hora que eu arrumar um emprego aqui, o primeiro salário que eu pegar, eu já saio desse lugar. Vou pra dentro de uma casa com meus filhos e tocar a vida pra frente.

Como você vê a cidade Plano Piloto em geral?

Uma cidade bonita, boa, acolhedora, né? É bom, aqui é bom. O Plano é bom demais. O melhor lugar que tem pra ficar é o Plano mesmo. Tem outro lugar não. Taguatinga eu não quero, Ceilândia eu não quero. As outras redondezas não prestam não, só aqui mesmo. Que aqui é onde gira o dinheiro, né? Toda hora você tá ganhando uma mixaria, tá ganhando um dinheiro daqui, um dinheiro dali, então é bom.

A senhora consegue distinguir os cheiros da cidade?

Não. **[Não tem nem um cheiro característico da cidade? Um cheiro que te lembre Brasília...]**. Não. **[E os barulhos?]**. Ah, os barulhos de ônibus (áudio cortado 10:13)... começa a rodar os ônibus, aí a gente fica com o barulho na cabeça.

ENTREVISTADO: **J. 1** Data: 27/09/2016. Local: Rodoviária do Plano Piloto.

O que chama sua atenção aqui na cidade, o que você acha do Plano Piloto?

Particularmente, pra mim é um lugar excepcional, entendeu? Às vezes limita algumas coisas, assim, no fato de oportunidade para alguns caras, mas a cidade é uma cidade boa, entendeu? Desde a segurança que os caras tem da polícia. Agora nós vive num país em que a corrupção fala mais alto, entendeu? Então o cara que poderia ter a oportunidade na vida, às vezes não tem, entendeu? Mas a culpa não é minha, não é do cara que vive na rua, isso aí é como dizem, é uma massa. E ninguém vai mudar isso aí, entendeu? Eu acho que é mais ou menos por aí. Não tem como mudar. (áudio cortado 1:27). Não, pra mim a cidade é excepcional, melhor que Brasília só outra Brasília. Não é verdade?

Qual seria o modelo ideal de cidade?

Pra mim, assim, eu acho que por ser o coração do Brasil, entendeu irmão, eu acho que devia ser uma cidade mais exemplar. Tipo em termos de oportunidades, uma perspectiva pra um cara que às vezes tem um potencial, tem uma profissão e tudo e às vezes o sistema limita isso aí e coloca os caras na condição desfavorável igual você está vendo aí, mas termo da cidade, a cidade é sem palavras.

O que a rua representa pra você?

Eu não vou mentir pra você, porque eu não ando de mão dada com a mentira. Eu acho que assim, a rua...ela se tornou a minha casa, a minha família hoje são meus irmãos que vivem nela comigo, entendeu? Então assim, particularmente eu não tenho problema com ninguém na rua. Pelo contrário, aqui tudo é uma família só, né?

Por onde você costuma passar durante o dia? Qual a sua trajetória?

Ah, amigo eu acho que assim, a gente vive como se fosse os antigos, como se fosse uma tribo, né irmão, tá favorável pra ele, onde é que ele vai conseguir sua

sustentabilidade, entendeu? Sua sobrevivência. Se for fazer sua moradia nesse lugar aqui todo dia, você vai morrer de fome. Então a gente vai pra onde o vento tá favorável. A sobrevivência, né? **[Você costuma transitar aqui pela Asa Sul?]**. Sul, Norte. Centro, Tagua, Entorno...Pra mim tanto faz. Cobra que não anda não come rato. **[E durante a noite?]** A noite ninguém para, né? A noite é quando começa tudo. De dia todo mundo é intocável, quando chega a noite é onde é que a gente pode andar, né? Você vai andar de dia e é só repressão policial e a noite é mais tranquilo, entendeu? É mais tranquilo pra quem vive na rua.

A rua durante o dia e durante a noite são duas realidades diferentes?

Eu acho que tipo assim, é... a realidade continua a mesma, vai do vínculo e dos valores que você tem porque o que você for aqui você vai ser em Bariloche, vai ser Bruxelas, vai ser em Tóquio, em Paris, em qualquer lugar que você for. Tanto faz se for o dia ou a noite. (áudio cortado 4:25)...é crucial, vai da caminhada que você faz. Cada um limita o seu próprio espaço e ganha seu próprio espaço de acordo com a situação que ele vive, né?

O que os lugares que você frequenta representa pra você?

Meu amigo, a questão é o seguinte, a maioria aqui veio pra tentar a sorte, veio pra tentar mudar de vida, só que quando se depara com a situação que não é nada favorável, então muitos não quer voltar, irmão, com uma mão na frente e outra atrás. Então isso vai dia após dia, anos e anos e representa isso, irmão. Você acaba criando a sua própria família no mundo. Acho que é mais ou menos por aí.

O que você pensa quanto está na rua? Quais são os seus pensamentos? Você se lembra se alguma coisa da sua trajetória?

Rapaz, é...pensamentos é a força criadora, entendeu? Acho que não tem fronteira, não tem muralha, nada que consegue aprisionar o seu pensamento, mas assim, cara, a gente pensa em vários fatores, eu particularmente tenho um mocado de menino, tive minha vida já, era evangélico, minha vida era diferente. Sou carpinteiro. A gente vive numa condição desfavorável, então se você for pensar muito, quem pensa muito não casa. Então a gente vive do jeito que música toca tem que dançar porque se não, para no tempo.

Qual a sua experiência com esses lugares, experiência positivas ou negativas?

Não, pra mim eu acho que tipo assim, negatividade são para os fracos, acho que tudo é aprendizado na vida. Dia por dia nós está pra somar e não pra perder. Se hoje não for um dia legal, mas você aprendeu com ele, isso no meu ponto de vista.

E o que as outras pessoas representam pra você? Todas as pessoas.

Eu acho que assim, cara, eu acho que a população de rua... o sistema devia ter uma visão diferenciada com os caras, devia ter uma perspectiva com os caras e uma oportunidade diferenciada, irmão. Para cada um reintegrar para sua própria família, sua própria origem, entendeu? Não deixar os caras a mercê, sem condição nenhuma, a mercê da própria sorte. (áudio cortado 7:18)...Ninguém vai conseguir mudar isso, não é eu, não é você, é diferente. Isso aí também cabe a Deus, né irmão?

Qual a sua trajetória até chegar aqui no Plano Piloto?

Na realidade quando eu vim pra cá, eu ainda tinha um vínculo com a minha rainha, mãe dos meus filhos, que agora eu já tenho outro molequinho com 3 meses de idade. Então aqui foi uma caminhada diferente, mas eu trabalhava muito, era diferente. Então assim, são uma série de tipos de fatores que mudam a situação e a trajetória do homem, entendeu? Mas também ninguém vai chorar, irmão, ninguém vai quer um lenço. A questão é você aprender a conviver com a sua própria situação. Você acredita nos 7 pecados hereditários? As vezes você paga pelo que você fez lá no passado. Então as vezes existem essas coisas, tem isso também. [Mas foi aqui em Brasília que você tinha essa outra vida?] Não, é, na realidade eu sou Goiano, né irmão? Sou de Goiânia. (áudio cortado 8:46)...Tem isso também em Brasília. Eu particularmente, só saio de Brasília pra cova. Que é a mina nova casa.

Pra você o que significa estar em situação de rua?

Pra resumir mesmo? Pra mim é o seguinte, irmão: cada um faz a sua rua, certo? A rua pra alguns é difícil, alguns comem no lixo, outros se dão bem com ela, outros fazem dali o seu habitat natural. Então assim, cada um tem a sua caminhada e carrega a sua cruz. A rua é pesada pra uns e maneira pra outros, então é

diferenciada. Cada um tem seu vínculo e sua trajetória. Acho que é mais ou menos por aí.

Existe alguma memória que marca a sua experiência na rua?

Já marcaram várias histórias. Que assim, você perder um aliado seu, um cara que...Que se você dormir perto de um cara ali, perto de dois ou três tem que ter uma certa confiança e admiração com os caras, entendeu irmão? Então às vezes quando você vê que saiu uma situação indesejada com um camarada seu é desagradável, isso aí é martírio que é pesado. **[Essas experiências influenciam a sua vida nas ruas?]** Não, eu acho que não. Eu acho que assim, ninguém pode justificar um erro com outro erro, certo? Não é porque aconteceu uma situação indesejada que eu tenho que ser mais indesejado com o outro. Acho que tudo é...(inaudível) e a vida é natural. Hoje é com o cara, amanhã vai ser comigo e é do jeito que está escrito, né irmão?

E o convívio entre as pessoas que estão em situação de rua?

Tudo natural igual você vê aí, uma família só, entendeu? Todo mundo respeito um ao outro e apesar dos pesares tem alguns caras indesejados, mas com quem é indesejado também. Os caras andam todos frustrados, entendeu, sem oportunidade, então todo mundo anda a flor da pele, sem paciência e daquele jeito. Mas se o cara é natural do jeito dele, ele vai superar qualquer história e se o bicho pegar também tem que ser homem no bagulho porque se não vira reclécle, não é verdade? **[Mas na maioria o convívio é bom?]** É natural, com certeza.

E o que faz você permanecer nas ruas?

É o que eu te falei agorinha, é falta de oportunidade, irmão. Eu acho que isso aí muda não só a minha vida, como a vida de vários que não tem oportunidade. Então se o sistema limita nós, eu vou sair daqui e vou pra onde? Quem vai dar um emprego pra um cara ex presidiário, irmão? Todo mundo aqui tem a sua passagem, tem meio mundo de história, então, irmão, você vai fazer um currículo, dez, vinte currículos, mas a hora que o cara puxar a sua caminhada, eu vou ser descartado igual modes, né? Então é mais ou menos por aí. A questão é falta de oportunidade, eu acho que tipo assim, você pagou sua pena na condição, pagou pra Deus, pagou

para o homem, tinha que ser apagado, tinha que aprender com aquilo lá. Já sai dali já encaminhado pra outra oportunidade, não o cara sair vestido de branco igual anjo, já levando na cara aí de polícia e sem oportunidade. O cara vai voltar pior ainda, mais cheio de ódio na vida, não é verdade? Se o Mandela ficou vinte e sete anos preso e no mesmo ano que saiu virou presidente, por quê que um cara que tirou sua pena e pagou tudo legal não pode ter oportunidade para ao menos trabalhar pra manter sua família? Acho que é mais ou menos por aí, está entendendo?

Você consegue perceber os cheiros da cidade? Você consegue perceber?

Rapaz, o cheiro que eu sinto é o cheiro da Al Qaeda, é o cheiro da maconha. É o cheiro que nós cheira, que nós sente o cheiro. Que aqui a gente vive num cotidiano que é diferente, nosso habitat natural, nós vive ele. Todo mundo aqui é usuário, todo mundo tem seus vícios, sua fraquezas. É mais ou menos por aí, cara. E quando não é o cheiro de uma boa erva, é o cheiro da podridão do sistema dos políticos aí roubando nós, né? Sabe falar em milhões quando a gente não tem nenhum real no bolso.

E os sons da cidade?

Aí já é imprescindível. Porque tem muito som aí, pô. A diversidade é...Desde do samba, do Reggae que é natural. Nossas baladas de FreeStyle, com os B boys, tudo é natural. É o extinto natural. Cada um tem sua opção, né, sua musicalidade, mas não deixa de estar na pele de cada um, né? Eu particularmente, eu gosto de ser eclético, a música pode ser até da sinfonia do Beethoven. É uma música, não é verdade? Então é mais ou menos por aí.

ENTREVISTADO: J. 2 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

Você é daqui de Brasília?

Não, não. Sou de Salvador. **[Sou lá de Bom Jesus da Lapa, já ouviu falar?]** Claro, oxe. Conheço demais. Baiano é igual formiga, né? Já bati com três ou quatro hoje. Tive experiência fora do país e até fora do país eu bati com vários.

O que chama a sua atenção aqui no Plano Piloto?

O que me chama atenção aqui no Plano Piloto é a movimentação. O povo bastante cultural, né? Galera para pra apreciar o meu trabalho, apreciar a arte. O povo é bem, bem cultural.

E quanto a estrutura da cidade? O que você acha?

Falta muita coisa, mas há cinco anos atrás eu passei e a cidade tava ridícula. Há cinco, seis anos atrás. Hoje já vi uma melhora, notei uma melhora enorme. Exorbitante. Senti uma melhora bastante em Brasília. **[De infraestrutura?]** Infraestrutura muito mesmo, sem contar a limpeza das ruas, né? As ruas estão muito mais limpas do que antigamente, né? Acho que por causa dos eventos também que aconteceu no país. Foi um pilar principal, né? Não mudou muita coisa, mas pelo menos o básico que tinha que fazer...pelo menos.

Para você, qual seria um modelo ideal de cidade? Uma cidade perfeita.

Olha, pra mim um modelo de cidade ideal é onde os artistas como eu pudesse se expressar em qualquer lugar, vender sua arte, ou seja, não só eu, mas todos que façam arte possam se expressar, né? Viver da maneira.... do jeito que quer. Isso pra mim é cidade ideal. Onde as pessoas tenham segurança, tenham educação, tenha segurança pra sair e voltar. Isso é meu modelo de cidade ideal. Esse é meu modo de pensar.

O que a rua representa pra você? Você se sente seguro, se sente inseguro?

Olha, pra mim, hoje a rua vem piorando cada dia mais, porque cada dia que passa tem mais dependentes químicos e isso é um problema do governo, só que o governo não abre o olho pra isso. Então, pra gente está cada dia mais perigoso estar na rua, mas a rua também te passa muito conhecimento, coisas que uma universidade não me passou. Coisas que em sala de aula, com pessoas que estudaram muito eu não aprendi metade do que eu aprendi na rua. Então a rua não me passa muita segurança, mas a gente tem que confiar e correr atrás e tentar levar a arte para as pessoas necessitadas. A gente vive num país carente, né? **[Então a experiência na rua foi uma coisa muito importante pra você?]** Foi o pilar principal pra mim. Foi o pilar principal. Se falasse hoje, assim (áudio danificado 02:55) eualaria “não eu vou querer a rua”, claro que conhecimento nunca é demais,

pra mim foi uma experiência ótima ter estudado, ter me formado, foi muito bom, mas a rua te dá uma percepção, uma visão de ver as coisas muito diferente. Você aprende a respeitar as pessoas independente da cor de pele, classe social, opção sexual. Na rua você aprende tudo isso e dentro da sala você nunca vai aprender, né? Infelizmente.

Por onde você costuma passar durante o dia? Por onde você caminha?

Geralmente eu exponho na frente de shoppings e aí a tarde eu venho expor na rodoviária. É quando eu posso expor a minha arte na rodoviária, então geralmente é isso que eu faço. Vou na UnB, vou nos shoppings e paro aqui sempre no final de tarde para expor todos os dias quando estou aqui, né?

**E quando você termina de expor a arte durante a noite, para onde você vai?
Tem um abrigo?**

A gente conseguiu um lugar pra ficar assim bem sossegado onde não tem barulho, onde as pessoas não se drogam, se abstém de químicas então é bem bacana. A gente tem um lugar aqui perto da rodoviária que é bem bacana lá de ficar. **[Você se sente seguro quanto está lá?]** Segurança. Os seguranças ficam olhando por nós. Pelo menos ali tem segurança. Que em outras partes da cidade a gente não vê.

E esse lugar significa o quê para você?

É como se fosse uma casa pra todo trabalhador, pra quem vive e trabalha pro sistema e vive uma vida comum. Ou seja, tá todo dia fazendo o seu papel na sociedade que eles dizem, tipo, você trabalha, tem um emprego e tem uma casa. Pra gente é a mesma coisa. Cada lugar que a gente chega e acha um sossego é a nossa casa. Esse lugar representa muito. É nosso sossego, é nosso descanso, pra gente acordar, pra gente descansar nossa mente, pra gente criar também, porque a gente não para de criar, mesmo a gente parado, a gente tá criando, né? Criando uma forma de abordagem bacana, mais educada, as vezes tá criando um trabalho diferente, né, pra tocar mais as pessoas. Enfim, a gente tá sempre criando então esse lugar significa sossego.

Quando você vai nesse lugar você pensa em quê? Na sua arte...

Olha só, quando eu to descansando, o quê, eu acho que eu não descanso, né, mas quando eu to ali parado mesmo, repousando o meu corpo, eu fico sempre pensando numa forma de abordagem melhor, o mais educado possível, que toque as pessoas, né? E fico pensando também nas pessoas que são cultura, que não tem acesso a cultura. **[Qual experiência que você vive na rua?]** Olha, nas ruas a gente vive as melhores e piores experiências possíveis, né? Assim, tipo, você é humilhado, mas tem também tem muitas pessoas que dão valor ao seu trampo. A gente passa pelas melhores e piores situações no dia, mas enfim, é muito bacana. A experiência na rua, assim, como eu te falei, a gente tem as melhores e piores ocasiões que acontecem com a gente. Enfim, a gente sofre preconceito, mas a gente também recebe vários sorrisos, ou poucos sorrisos, mas que pra gente conta muito. A gente descarta sempre a falta de educação das pessoas e leva muito mesmo é a atenção do povo, né, que para. Isso é o que motiva todo dia a acordar bem, acordar sorrindo, pra levar a ideologia a frente, né?

No seu modo de ver, a cidade durante o dia é diferente da cidade durante a noite?

Com certeza. Totalmente, né, porque durante o dia você tem muito (mais) do que a noite. Você vai fazer uma pesquisa, vai fazer uma pesquisa com cem pessoas e falar “você prefere sair de dia ou a noite?”, o cara vai falar “prefiro sair de dia”. Porque a noite você sabe que não vai ter policiamento. Você sabe que não vai ter segurança suficiente pra você sair e ter aquela qualidade de lazer e voltar pra casa tranquilo, né?

O que as pessoas em geral representam pra você?

Olha só, os transeuntes, pra mim muita coisa, porque quando você leva um trabalho, que você explica a finalidade do trabalho e a pessoa te mostra um sorriso bacana e valoriza o teu trabalho isso não tem preço. Os transeuntes pra mim, demais. E a minha família como um todo, né, os malucos de BR artesões significam muito também pra mim. Claro que tem os pregos como em todo lugar tem, mas tem muita gente boa aí na BR passando o conhecimento mesmo, a frente, querendo ver o movimento cada dia mais forte e isso significa muita coisa pra mim, muito mesmo. Coisas positivas, total.

Pode falar um pouco da sua história?

Eu sou nascido em Salvador, né. Aí saí de casa com 16 anos. Eu não me dava bem, tinha um irmão que era dependente químico, enfim, aí não me dava bem. Saí de casa, aluguei um apê, paguei minha faculdade vendendo balas dentro dos (áudio cortado 08:44), anos aí comecei a vender bala dentro dos ônibus lá em Salvador, né? E paguei, e custeei toda minha faculdade assim. Depois que me formei, tirei a licenciatura e aí lecionei seis meses e passei num concurso, só que não quis. Pedi demissão e caí na BR e tô até hoje aqui firme e forte, na resistência. **[Você tá com quantos anos?]** Eu tô com 34 anos.

Pra você, o que significa ser um morador de rua?

Olha, eu acho assim muito pesado. Moro na rua, mas não moro. Acho assim muito pesado. Morador de rua, eu considero morador de rua aquela pessoa que não tem capacidade de fazer nada. Eu não enquadro a gente como total morador de rua, porque eu me considero um artista. Um artista que não tem oportunidade como a maioria no geral. A maioria dos artistas que, tipo, não aparece na TV, não tão na mídia, mas é o que realmente leva cultura pros lugares. Eu não me considero morador de rua em si. Mas eu moro na rua, mas não me considero morador de rua.

E se fosse pra definir morador de rua numa frase, como você definiria?

Talento. Por quê talento? Porque pra você viver, você tem que ter talento. Pra sobreviver você tem que ter talento. Então isso aí é talento, né? Cê sobreviver todo dia, cê aguentar muitas coisas, aguentar humilhações, ouvir um monte de insultos e você não revidar a altura, isso é talento. Talento e classe, né, pra viver. Que eu digo assim: pra se viver na rua tem que ter classe. Muito mais que viver em um prédio. É, prédio você paga aí cê faz o que cê quer, mas viver na rua não. Não é desse jeito. Entende?

Existe alguma memória marcante de algum acontecimento nas ruas pra você?

Ah, só uma vez quando eu tava mal de grana, cheguei em Sampa e não tinha grana, não tinha o que comer e aí eu pedi um rango pro cara e o cara simplesmente pegou e jogou o rango dentro do lixo. Foi a única coisa marcante assim pra mim, mas me ajudou a melhorar, né, ajudou a crescer como pessoa e depois desse dia eu nunca

mais pedi almoço a ninguém, aprendi a me virar, me especializei no que eu sei fazer mesmo, meus tramos e foi isso.

E o convívio entre os moradores de rua, como é?

Assim, é um convívio respeitoso, né, cada um faz a sua, cada um vive a sua (áudio cortado 11:39), é artista, assim, junto com artista, quem é morador de rua faz seus outros corres assim, mas é respeito total. Cada um faz a sua, mas num respeito total.

O que faz você permanecer morando na rua?

O que me faz permanecer é como eu te falei, é a carência do povo, né? O povo é muito carente de tudo, no Brasil. O povo é carente de cultura. O que me faz cada dia levantar firme e forte e permanecer em movimento mesmo, né? Levar cultura pra quem não tem. Se eles não abrem a porta é chutar a porta e dizer que a gente tá aqui, a gente leva conhecimento, que a gente não é um bando de drogado, somos pessoas que temos conhecimento, pessoas cultas que levamos sim, educação, cultura por onde a gente passa. E muita arte.

E como você vê a cidade? O Plano Piloto.

Brasília? Porr*, é um lugar bacana, muito cultural, galera muito cultural, muita bacana. Eu particularmente gosto muito daqui da capital. Sempre quando posso eu tô passando por aqui.

E quais são os cheiros da cidade? Você consegue perceber?

Não consigo perceber. **[Não tem algum cheiro marcante que lembre essa cidade?]**. Muita urina (risos). Muita urina. Ainda tem muita sujeira. Falta mais limpeza ainda, mas muita urina.

E os barulhos? Quais são os barulhos da cidade?

Os barulhos são ensurdecador, né? A selva de pedra, né, só carro, carro, barulho de motor o tempo inteiro, aquela Babilônia, o povo correndo doido atrás de dinheiro e esquecendo do principal, o principal das coisas que é o amor, né, que é a paz. E é só capital. É só gana, né? Aquele barulho de motor estressante.

ENTREVISTADO: **R. 2** 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

Cidade, parceiro, cidade é convívio, tá ligado? O que ela oferece. Aqui eu sinto o peso do sistema, doido. Tá ligado? . Eu não sou aqui do Centro-Oeste não, quando eu morava no sudeste lá você a realidade diferente, totalmente diferente. **[Você é de São Paulo?]**. Não, sou de Minas, do interior lá, tá ligado? É o seguinte, é um clima diferente. Lá é perifa – cidade, cidade – perifa. O sistema que domina essa desgraça.

O que chama a sua atenção na cidade e o que você acha do Plano Piloto?

Bom, assim, a primeira coisa que me vem na mente... falou qualquer coisa cidade o que vem é poder. Centro de poder daquela desgraça ali. E é o seguinte, e é realmente uma cidade da hora. **[O que você acha da estrutura?]**. Estrutura totalmente bem localizada, bom, bacana, bonita, obra de arte. Só que às vezes também não é só a beleza, não é só... Nessa bela cidade você vê umas mentes esquisitas e tudo é o convívio, né? Essa parte geográfica, essa parte natural.

Qual seria o modelo de cidade ideal pra você?

Olha, Brasília... (áudio cortado 1:29)... perfeito, só que eu não consigo deslocar, falar de cidade só nesse sentido e não falar nela no sentido, igual estou te falando, de política, de gente, de convívio, oportunidade de trabalho, de trabalho, de cultura, de lazer, tá ligado? Isso tem que ter dentro de uma cidade, então... Escola pública não presta. Caralh* vei, você vai nessas escolas e fala “cê é louco, parceiro? Vou fazer o que aqui?” O convívio é muito bom, só que o seguinte, falta muita estrutura também. **[E Brasília está distante dessa cidade ideal?]** Não, está próximo. Só botar alguém que governa.

O que a rua representa pra você?

Nincho, tá ligado? É onde que eu vou viver, é onde que eu vivo. A rua. (áudio cortado 2:58). Até aqui Deus só tem nos ensinado. Tudo tem que ser aprendido, tudo tem que ser pra evoluir.

Por onde você costuma passar durante o dia?

Agora eu estou mais parado, porque eu tentei estudar, eu queria estudar. Eu estava fazendo essa rota aqui pro colégio, mas eu não consigo ter frequência. Eu estava tentando muita coisa aqui, eu estava tentando ficar perto da minha família aí eu parei de andar um pouco. Porque uma coisa que eu tinha conseguido pra mim mesmo, mas aqui é um lugar que arrasta cabuloso, doido. Se eu tô em outro lugar, um exemplo, eu estava no rio, irmão, eu estava em São Paulo, eu não estava usando droga igual aqui. Todo mundo fala isso, você a gente aqui d boa, chega aqui dizendo que aqui é um lugar que arrasta cabuloso. Aí eu não tô conseguindo muito meus objetivos, que eu quero. Pô, mas tem que viajar, eu quero andar daqui, esse lugar aqui está pesando a minha mente demais. **[Você tem família fora?]** Tenho em outro estado também. **[E qual era a escola que você estava frequentando? É aqui perto?]**. É aqui no Parque.

E durante a noite? Você caminha, para em algum lugar?

O tempo todo. Vou ali perto do hospital, fico aí de role...

Quando você está aí no teu caminho, na rua, o que você pensa, o que você pensa?

Ah, eu nem posso te dizer mais, porque é muita droga e tanto tempo na rua que já dá umas neurozes esquisitas. (inaudível 5:04)... alguma coisa melhor pra fazer naquela hora ali pra fazer tem, né, só que não tô naquele momento de está (inaudível)...faculdade.

O que as outras pessoas representam para você? Tanto as pessoas em situação de rua como as demais pessoas.

Gente. Tudo o mesmo bicho. Gente. Só que tem gente ruim. Tem uns bichos que parecem marcianos, né? Umas lombras assim. É gente, é todo mundo gente.

Qual a sua trajetória?

Bom, sou de Minas, vim pra cá em 2007, tinha 15 anos, aí aqui eu fiquei uns tempos, aí quando eu tava com 18 eu fui pra Sampa. Voltei e ficava de rolé aqui no DF, rodava o Goiás, o DF todinho e tal. Aí fui pra lá, nesse tempo eu morei na Ceilândia, morei quatro anos ali na Ceilândia Sul. Lugar bom, vei. Gosto daquela quebrada, doido. Só que é o seguinte, por eu estar aqui no DF, quando eu tô nos

lugares assim, Planalto assim, aí já tem uns mano velho de outra cidade, aí não tá bom. Já não vai dar bom, tá ligado? Então muitas vezes eu tinha que afastar, tenho que afastar. Que eu não quero isso não, tá ligado? Passei essa fase, parece.

O que significa estar em situação de rua pra você? Se pudesse falar em uma frase. (áudio cortado 7:25)...Esses terrenos estão mal dividido, doido. Tão mal dividido. Tu pega as minhas terras... (inaudível), sou é brasileiro, pátria amada Brasil, logo eu ainda, nois. **[Tem muita terra aí pra poucos, né?]** É tudo nosso, tem que pegar o que é meu e pronto. Eles roubam a gente, escraviza, mata.

...Em situação de rua, como é o convívio?

Ah, irmão, você tem que ver que não é só o convívio, e como que é a mente. Tu sobrevivendo no meio da selva com tanta gente. Às vezes, parceiro, eu estando certo, estou errado. Então tem que tá mais certo que...Chegar e falar “não doido, como é que é, doido?”, não é fácil pra ninguém. Não tem vida fácil, parceiro.

O que faz você permanecer em situação de rua?

Uai, eu preciso sair dela. Eu quero sair dela. Só que como é que sai? Tô ilhado tem hora. **[Oportunidade, você acha que...]**. Tem, muitas. Não do jeito que eu preciso.... Parceiro, a liberdade tá dentro da cabeça, liberdade é um negócio, é aquilo que você tem.

Como você vê a cidade, o Plano Piloto?

Gosto, da rua. Eu tô na rua em qualquer lugar, gosto da rua. Eu tava em Sampa e era o mesmo rolê, eu tava no rio e era o mesmo rolê. (Áudio cortado 1:30). Eu tava até tarde ali na rua e não quero usar droga (inaudível)... não é pra ter droga. Eu quero sair, né? Mas sou dependente.

Tem algum cheiro característico que te faça lembrar do Plano Piloto?

Aqui é bem verde, né? Tem muita grama, muitas árvores, então uma ar bom, ar puro, a brisa, o vento. Um clima bom. **[E barulhos?]**. Depende. Na quebrada que eu gosto muito, na Cei, sempre tem o batidão, é o rap, é o funk. Sempre tá rolando. Em todo lugar é uma coisa, em todo momento. E o rap bom aqui de Brasília. É o barulho daqui.

ENTREVISTADO: S. A. 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

O que chama a sua atenção na cidade? E o que você acha do Plano Piloto?

Sobre o Plano Piloto? A respeito assim, você fala? **[É, sobre a estrutura do Plano Piloto]**. A estrutura do Plano Piloto é uma estrutura, assim, muito ideal, né? Uma estrutura assim bacana mesmo para uma capital federal. Mas assim, a respeito assim de um lugar seguro, eu acho que é um dos lugares mais inseguros, entendeu? Porque é um lugar que a pessoa se sente insegura, porque é um lugar onde dá todo tipo de pessoas, às vezes mesmo a pessoa por ser um cidadão de baixa renda, está ali transitando naquela área, às vezes não está com má intenção nenhuma, mas pra muitas pessoas...já discrimina a pessoa, pensando que a pessoa é ladrão ou qualquer coisa ruim, entendeu? Então eu acho que é um lugar pra mim assim que...(áudio cortado 1:28)...Pra quem vai ao Plano Piloto, mas a respeito de ser um lugar seguro, eu não acho que é um lugar seguro, entendeu? É um lugar assim perigoso demais, perigoso que eu já sofri ali muitas coisas ali, entendeu? Uma vez mesmo eu fui usar o banheiro, né, lá do Plano Piloto, quando eu entrei dentro do banheiro, o banheiro estava cheio de spray de pimenta. Eu saí e fiquei prejudicado das vistas até hoje. Agora o por quê eu não sei, né, porque se acontece coisas inadequadas lá dentro...mas também quem fez isso, não é correto fazer isso, por quê? Porque poderia ser uma senhora de idade. Uma senhora não, porque eu fui no banheiro masculino, mas poderia ser um senhor de idade, um pai de família, um cidadão...ir lá usar um banheiro que é público, né, e chegar lá e estar uma armadilha lá, entendeu? Sendo que a pessoa que a pessoa não tem nada a ver com que acontece lá dentro, com as vagabundagens que rola dentro. Seja uso de entorpecentes, ou seja lá pessoas lá que é, né, homossexual lá dentro. Então acho que isso é errado. Deveria ter tipo uma segurança, né, na portaria do banheiro. Não, quem for usar o banheiro, usou o banheiro e sair. Se tiver lá fazendo alguma coisa dentro lá, nós vamos dar uma solução pra isso e não chegar lá e botar um monte de produto tóxico e químico lá dentro pra qualquer pessoa que entra lá ser prejudicado. A minha opinião sobre a respeito de como eu vejo o Plano Piloto e o que eu acho do lugar é isso.

E qual seria um modelo de cidade ideal pra você?

(Áudio cortado 2:56)..[**A cidade ideal pra você, que você gostaria de ter**]. A cidade que eu acho que seria mais....eu acharia que deveria ser mais, assim, pessoas não estarem sendo discriminadas, sendo que não seja bandido, né? Pessoas às vezes se sentem discriminadas por uma coisa que não é, e a pessoa se sente revoltada. É muito revoltante. E às vezes não sabe nem como agir numa situação a qual estou aqui relatando, entendeu? Que é muito difícil hoje, né? Do modo em que hoje as coisas andam acontecendo, então pra muitas pessoas hoje, acha que todo mundo que às vezes estão na rua, que não tem emprego é vagabundo, mas não é, entendeu? Então eu acho que é...não acho correto esse tipo de coisa que acontece na capital.

E o que a rua representa para o senhor?

A rua pra mim é terrível, a rua pra mim não é vida não. Tem pessoas que eu não sei se vive na rua porque quer, mas eu tô vivendo na rua porque eu tô sem outra solução. Fiquei desempregado, morava de aluguel e aí caí nessa vida de rua e quanto mais a pessoa fica na rua é mais difícil. Porque pessoas que veem muitas pessoas na rua acham que todo mundo é igual, que todo mundo está na rua porque já cometeu algum erro lá atrás e tal. Ninguém quer mais. Mas não é! Muitas pessoas que tão na rua, como o meu caso, é por situação financeira mesmo, entendeu? Então a rua não é bom, porque na rua a pessoa se sente insegura, é discriminada pelo que não é, entendeu, corre perigo. Então acho que a rua... se eu pudesse sair da rua hoje, eu saía, mas está difícil. [**O que faz o senhor permanecer na rua?**] Ah, porque não tem saída, não tem saída. Ninguém confia em dar um emprego pra quem tá na rua, entendeu? Eu acharia que autoridades que às vezes tentam reduzir a população de rua, eu acharia que seria bom o governo adotar um tipo de programa pra poder dar um trabalho pra pessoa e um lugar pra pessoa ficar, ter alguns meses enquanto a pessoa receber os primeiros salários, pra pessoa se adaptar, entendeu? É isso que eu acho. Porque eu mesmo, graças a Deus, sempre trabalhei, mas de alguns anos pra cá fiquei desempregado e caí nessa situação de rua e nunca mais eu consegui retornar ao mercado de trabalho e tô até hoje querendo sair da rua, mas... não porque eu quero viver na rua, porque eu tô sendo obrigado.

E por onde o senhor costuma passar durante o dia?

Eu gosto mais de ficar parado, eu não gosto de ficar muito andando não. Eu gosto mais de descansar... eu fico descansando e a noite alguém vai entregar comida em algum lugar, se eu tiver precisando de uma comida eu vou lá e pego uma comida e aí eu procuro sempre um lugar mais seguro onde tem um posto de gasolina que é monitorado 24hrs, assim, algum posto da polícia. Em algum lugar assim onde é mais seguro, sabe?

ENTREVISTADO: **S. N.** Data: 27/09/2016. Local: Torre de TV – Feira de Artesanato.

Eu só tenho uma coisa pra te falar sobre o governo e mais nada. **[O que você acha sobre o governo, sobre a saúde, o quê que tem que melhorar aqui na cidade?]**

Eu me chamo N., eu sou natural do Piauí e moro aqui em Brasília há 27 anos. Depois que eu separei da minha família por um motivo assim útil, é a palavra que eu encontrei pra falar nesse momento, porque eu não tenho muito estudo só estudei acho que até a segunda série. Olha, vou falar uma coisa (áudio cortado 1:27)... Eu vou falar de duas coisas em Brasília, eu acho que aqui pra melhorar um pouco, assim, o que você está concluindo deveria ter mais, assim, uma atitude uma mudança do governo, né? Por exemplo: A saúde, pessoas tão morrendo, pessoas tão morrendo, é... Na emergência. Cê entende? O desemprego tá grande demais, pia só, eu quero colocar um...

Eu como morador de rua que nessa situação, dessa que eu passei, eu quero colocar uma palavra em prática, eu não sei se a palavra é essa, mas essa é a palavra que eu que tem que falar. Eu estava num banheiro público e chegou uma pessoa e falou assim: “Isso daí tá tudo quebrado”, aí eu tava lá com a porta fechada fazendo a minha necessidade, aí chegou uma pessoa e falou assim “isso aqui tá tudo quebrado, isso aqui tudo é morador de rua.” Mas será que tudo é o morador de rua? Aí com licença, aí de lá fazendo as minhas necessidades, eu respondi de lá “olha, eu como morador de rua, nunca quebrei nada e tem mais, eu já vi pessoas por aí”... não aqui onde eu estou, lá onde eu tava respondendo, sabe? “Danificando o patrimônio público e nenhum era morador de rua não. São pessoas que...(áudio cortado 3:30) Por quê que tudo é morador de rua?” Aí ele começou a falar, e eu

disse assim “olha, então você espere eu sair daqui de dentro do banheiro pra nós debater assim de mano a mano, não brigar, só trocar ideia”. Aí ele pegou e foi embora. Era um caboclo novo, assim nordestino, que chegou aqui, que tem família que mora aqui, mas veio de lá com ignorância. Aí falou assim “se eu ver quebrando eu chamo a polícia”, mas ali ele não sabe (inaudível 4:12), por isso que morre, pela boca. Mas assim, eu acho que isso não vem ao caso, nosso caso é a saúde. As vagas nas instituições de acolhimento. Eu queria falar sobre o Albergue lá das QNR da Ceilândia. Que o governo Agnelo deixou pronto e tá lá na QNR 3, Ceilândia Norte, abaixo do terminal.

Eu queria saber desse governo que eu votei nele, eu votei nesse governo, mas assim eu queria saber dele o que que ele vai fazer agora na situação da chuva, o pessoal de rua e sobre o Albergue que o Agnelo fez lá e tá fechado o Albergue. Nas QNR3 da Ceilândia Norte. Essa é a pergunta que eu quero fazer pro governo. Governo, socorre a gente aí, cara. Tem gente que precisa sair da chuva. E assim, tem um Albergue feito, prontinho que eu e você não dá conta levar ninguém.

(Áudio cortado 5:50) Como é que o governo quer uma população decente? Mas assim, se existe o Albergue, acho que já tem uns dois ou três anos fechado lá na Ceilândia Norte, por que que ele não usa esse albergue? Sabe por que? Eu, eu tô falando de mim... eu chego no CRAS, não tem vaga, eu chego nessa abordagem que é na Santo André não tem vaga, eu chego no POP que é de morador de rua e não tem vaga. Eu queria saber assim do governo, como que fica a situação do morador de rua e a chuva chegando aí. E sobre o albergue lá que Agnelo fez e que ele não continuou nas QNR 3 da Ceilândia Norte, abaixo do terminal. Eu queria que você colocasse isso em prática pro governo vê essa palavra minha.

Olha, eu queria dizer assim pra sociedade que nem todo mundo que tá na rua, não é pessoa mal não sabe? São pessoas de boa. Que não passasse assim tão longe, pô vei, fica legal, passa por perto, dá uma moedinha, dá uma boa tarde. Porque assim, eu acho que isso prevalece pra qualquer ser humano. Sabe por quê? Assim, eu tô falando de mim, né, Nivaldo, que as vezes eu me deito assim num banco aonde tem pessoas que passam, né, aí eu vejo assim que pessoas passam perto, pessoas arroteiam, as vezes tem carro que até buzina porque vê o movimento, mas isso eu acho ridículo. Ei, sabe porque (áudio cortado 8:44)... se é pobre. Olha, pra terminar

eu vou falar assim: tem pessoas que eu já vi querendo ser rico e no dia que teve uma doação assim pra um morador de rua foi o primeiro a chegar na fila. Isso... eu não quero dizer assim que a pessoa não precisa, mas porr* cara, se é rico, se é rico, então seja rico. Vamos ser pobres, vamos ser humildes. Você pode ter seu carro, sua moto, mas não deixe de ser o mesmo não, cara. Sabe por quê? Porque essa vida nós só temos um caminho só: todo mundo vai direto pra ele, não adianta você... não adiante esse negócio de rico e pobre. Isso aí é coisa de quem tem dinheiro, mas a terra é a mesma. Obrigado, amigo.

Olha, vou falar pra você, pega o ônibus QNO QNR e fala que quer descer no terminal. Lá você vai ver o albergue prontinho. Tá com três anos pronto esse albergue lá. Quem deixou foi o Agnelo. Sabe o que você faz? Pega uma câmera, leva uma galera e fala que quer pegar o busu pra QNO QNR, sai daqui do Plano Piloto. Faz uma reportagem lá pra tu ver. Ei, mas não coloca meu nome aí não, falou?

Eu acho que a pessoa não tem que querer ser rica, né? Não.

Falando em comida eu vou te contar aqui como que é. Eu estou aqui esperando migalhas, sabe o quê que é migalhas? Aí as vezes eu olho pra ali e digo “porr* vei, onde é que vai sobrar um pouco de comida?”

Que queria dizer uma coisa, posso? Deixa eu dizer a você, você viu que em momentos chegou um monte de gente aqui ao redor, mas ninguém chegou pra procurar o que você tá fazendo, sabe o que eles querem ver? Eles queriam tirar foto, e essas fotos que eles tiram se mandar e descer pra lá, pra internet já é...pra algum álbum da sociedade pra fazer o que? Um pedido assim de alguma coisa na vida.

Mas agora você chegou com honestidade, você é baiano, né?

Ei, ainda tá gravando? Agora é a hora da chuva e pra onde vai o morador de rua? Isso é pra você mandar pro governador Rollemberg.

Ei, de você eu não quero dinheiro não. Mas se você quiser me pagar um marmitex eu quero.

ENTREVISTADO: **R. 3** 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

O que chama a sua atenção na cidade? E o que você acha do Plano Piloto?

O que chama a minha atenção? Facilidade! Pra tudo. [Terceiro: Tem tudo.] Nois mora na rua, tudo o que nois quer tem aqui. [Terceiro: É verdade. Por isso que eu consigo sair desse estado.] **[E a infraestrutura?]** Porr*, na verdade, essas paradas não é muito interessante pra nós não. Tanto faz. [Terceiro: Boa infraestrutura. Tem ciclovias, tem tudo.] Tem tudo, é. Mas pra nois assim tanto faz. **[Tanto faz se tem ou não?]** Não, se tiver é melhor. Tendo é melhor. Aqui a infraestrutura é boa, eu acho bacana.

Qual seria o modelo de cidade ideal pra você?

(áudio cortado 1:28). [Terceiro: O Paranoá. O Paranoá é o meu lugar.] Pô, a cidade perfeita? Uma cidade assim, sem violência, sem droga, onde as crianças possam crescer com educação bacana e com respeito aos outros. Se a gente conseguisse ter uma cidade assim, seria uma cidade bacana.

O que a rua representa pra você?

Porr* nenhuma. Derrota. Derrota. Porr* nenhuma não. Derrota. A rua significa derrota, entendeu? A rua significa colheita e plantio, ou seja, planta uma coisa ruim, você vai colher uma coisa ruim, entendeu? Mais ou menos por aí.

Por onde você costuma circular durante o dia? Ou você fica parado?

Não, às vezes a gente circula, às vezes a gente fica parado. Depende da necessidade do momento ali. **[E durante a noite? Muda?]** Muda. Fuma maconha, vai dormir mais cedo. Quem faz alguma coisa errada vai pros corres, quem não faz vai descansar. **[Você fica por onde?]** Asa Norte. **[Você fica num abrigo?]** Não. Na rua, na rua. **[Mas assim, você tem um lugar que é seu lugar de dormir?]** Tem. Uma lanchonete. **[O que esse lugar significa pra você?]** Apenas mais um lugar pra dormir. Daqui a pouco a gente vai pra outro e depois pra outro.

O que as pessoas representam pra você? Tanto as que estão em situação de rua como as demais.

Eu acredito que sim porque todo mundo tem um significado. Todo mundo significa alguma coisa. Então a gente... as pessoas significam tudo, né? As pessoas precisam se respeitar mais, porque o ser humano é bem interessante, mas não se respeita mais. Mas as pessoas deviam se respeitar, as pessoas significam muito pra mim, mas as vezes eu fico triste porque as pessoas não se respeitam mais.

Qual a sua trajetória até chegar aqui? Você veio de outro lugar...

Ih! caraca, foi muito chão. Eu rodei pra meio mundo de lugar. Eu sai do meu lugar corrido, aí rodei pra São Paulo, rodei pra Rondônia, pro Mato Grosso, voltei pro Mato Grosso de novo. Eu vendi droga mais de quinze anos. [Terceiro: A vida é um filme.]. Tudo deu errado. Pelo menos meus filhos estão grandes e eu não tenho nenhum filho bandido, né?

O que significa estar em situação de rua pra você?

Pagar o que eu devo. Porr* nenhuma de questão social não. Ninguém fica na rua a toa. Ninguém tá na rua a toa não, tem que pagar suas dívidas. Aí quando a gente não quer pagar, a gente simplesmente recebe de alguém, o que alguém tá querendo dar. Cê viu ele falando que comprou, aí acabei já coloquei no braço o relógio e ele ainda não viu, entendeu? E aqui vai ficando por aí e eu vou sumindo com ele, entendeu?

Se fosse pra dizer em uma frase o que significa estar em situação de rua?

Derrota. Uma frase? Acho que derrota. Derrota mesmo.

Como é o convívio entre as pessoas que estão na rua?

Depende. Tem uns que fumam crack, outros que não fumam, só fumam maconha igual eu e cheiro pó de vez em quando. E tem uns caras que se respeitam, mas tem outros que não querem respeitar e cai nela pra poder aprender a respeitar os irmãos. Entendeu? Aí o convívio é assim.

O que faz você permanecer em situação de rua?

Talvez a vontade de não querer sair da situação de rua. É (áudio cortado 7:16)... Ligar pra porr* nenhuma. Se a conta de luz tá atrasada, se não tá e se foda quem tá lá. Que é quem tá usufruindo, eu não tô. É correr disso tudo.

Quais são os cheiros da cidade?

[Terceiro: A dama da noite. A prostituta, puta]. Cheiro de árvores, é. Cheiro de árvore, cheiro de mato, cheiro de natureza. **[E os sons?]** Muito passarinho. A gente acorda na rua com o sabiá laranjeira cantando e o João de Barro pertinho também, o bem-te-vi já dá um grito lá do outro lado. É massa. Uma beleza.

Comentários:

Olha tem um lugar aqui que você não pode ir nem pra fazer as suas entrevistas porque vão te roubar com certeza. **[Aonde?]** Que é o buraco do rato. Então tu vai ficar sem seu telefone, tu vai ficar sem teu gravador. Tá? Então não entre lá. **[É lá no Setor Comercial?]**. É. Não entre lá porque eu tô te dando já a ideia pra você não... tá bom?

ENTREVISTADO: W. 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

O que chama sua atenção na Cidade e o que você acha sobre o Plano Piloto?

Na cidade do Plano Piloto? O que mais tem me chamado atenção aqui é o POP, na verdade, porque o POP é um lugar que acolhe moradores de rua e eu caí na situação de rua e me apeguei ao POP, por isso que eu tô aqui. Tem água, tem lugar pra banhar, tem plantas, tem coisa pra fazer, tem estrutura (?), tem de tudo, um pouquinho de tudo aqui, então o que mais me chama atenção aqui em Brasília é o POP. **[E da arquitetura em geral?]** Tudo me chama atenção. **[Você tinha falado que gosta do Museu...]** Museu Nacional foi uma coisa espetacular, né? Agora da modernidade pra cá foi uma coisa que ganhou que foi uma vitória. É um lugar de todas tribos, lugar de todos... etnia, todo mundo se encontra ali naquele lugar.

Modelo de cidade ideal?

Uma cidade preferida pra mim morar? Ixi agora cê me enquadrrou. A Asa Norte mesmo. Porque é perto de tudo, é perto do trabalho, perto de tudo.

O que a rua representa pra você?

Representa pra mim, é... Um professor, a rua. A rua representa... A rua pra mim é um professor. Respondi.

Por onde você costuma passar durante o dia?

Nam, eu fico parado num lugar porque não devo nada a ninguém. Tenho que ficar circulando, não. Em qualquer lugar pra mim é um bom lugar, eu sei chegar e sei sair. Num queira me achar que você não vai achar.

E durante a noite, você descansa?

Descanso não. Essa é minha raiva total eu já tô pra explodir e matar o presidente. **[Mas por quê?]**. Porque não tô vivendo, tem que matar quem ta fazendo eu sofrer, parceiro. Esse é o extinto do ser humano, uma hora eu vou... Posso nem falar de mais porque, falar de mais dá bom dia a cavalo.

O que as pessoas representam para você?

Tudo, a sociedade representa tudo. Eu respeito elas, ela me respeita e eu tô sobrevivendo. A sociedade pra mim é tudo. Que é tudo, minha família tá no meio dela, meus parente. Não tenho mais que me revoltar contra ninguém não. Tenho é que usar a cabeça pra viver no meio da sociedade, que eu não tô conseguindo. Mas, uma hora outra, se Deus quiser ele vai fazer tudo na hora certa.

Trajetória até chegar em Brasília?

Eu nasci aqui, parceiro e por um descuido de ilusão amorosa acabei vindo pro fundo do poço, mas eu tô tentando sair, eu vou conseguir sair. Isso aí e só questão de tempo ou caso contrário, quem vai chorar é o presidente, não vai ser eu não.

O que significa estar em situação de rua?

O que é estar em situação de rua? É uma precariedade né, é um caos. É uma roubalheira porque eles têm muito dinheiro, o sistema, mas num... É tipo meio que... É uma tragédia, né? Porque muitos sorri outros chora, mas eu tô no meio dos que chora porque depois que vai vim a benção. A minha benção não tá na terra, a minha benção tá no céu. Isso aqui é só questão de tempo, é uma fase, tudo vai se passar. Eu sou um cara milionário, eu tenho Deus comigo. Eu vou ajudar os pobres, eu tô aqui na rua porque eu tenho que aprender a ser humilde e porque, na verdade,

eu não fui humilde quando eu tinha tudo. Então eu tenho que aprender, levantar, ajudar quem tá caído, ou seja, todo mundo aqui são irmãos. Acontece que eu não consegui assimilar pra mim mendigo era mendigo, eu era eu, família era família. Não! Todo mundo é família. Todo mundo veio de Deus, todo mundo vai pra Deus. Se for irmão, se não for, se não tiver coração...

Tô tentando ter coração, então, a rua pra mim é tudo também, não é o fundo do poço também não, morar em situação de rua porque eu não sei o que Deus tem pra mim. Coisa de Deus é loucura pro homem, de fato. Eu sou crente, tô afastado, não nego pra ninguém. Mas eu tenho muita fé, eu continuo sendo crente, continuo... Eu já aceitei Jesus como meu único salvador e esse é o caminho, eu tenho fé. Minha fé me salvou. Jesus falou pro ladrão lá na frente e eu fui um ladrão agora atrás. E pedi, me ajoelhei perante a ele e aceitei como meu único salvador. Então, a rua pra mim é isso aí. Deus, ele sempre tá comigo. No dormir, no levantar, no comer, no matar, no morrer, ele que vai tá comigo.

Então eu não preciso ter medo de nada, eu preciso do sistema do governo pra me ajudar que tá muito atrasado, através de... Desse negócio de burocracia de tirar documento, tô precisando de dinheiro e então, vou conseguir agora me erguer de novo. O governo me ajudar e eu conseguir sair dessa situação de vulnerabilidade, então eu tô... Então eu tô aqui, as horta tá me ajudando, o verde que me ajuda porque eu não tenho ninguém pra me ajudar por enquanto. Só vem amigo pra me chamar pra beber pinga, pra fumar Crack, pra roubar e eu não tenho amigo assim, ter um irmão pra me chamar pra trabalhar, pra estudar, é muito poucos. Dá vontade de chorar, tá ligado, mas é real. É muitos poucos, sabe, então a gente... Do jeito que Deus quer. Ele permite fumar a maconha, ele não permite roubar, ele permite, às vezes, até matar, mas não permite... Porque pra você sobreviver à lei da rua, a lei da rua, infelizmente caiu, é a assim a rua. A rua é um filme, quem tá na rua tá dentro de um filme que será somado lá no céu aí se for bom, esses têm lucro, eu sou bom, velho. Se você me ver na rua e cê pode chegar e Téó (?), tô precisando de uma coisa, me ajuda. Eu: “agora irmão, bora!”. Entendeu? Agora: “Vamo ali roubar e pá?” “Sai de perto de mim, satanás! Que eu sou verdadeiro”. Aí: “vamo ali” e eu: “Não, dá licença. Eu colo com os irmão humilde, ó. Que não tem maldade no coração”. Tudo meus irmão, mas eles não tem força. Eles precisa de mim também, pra mim poder

ajudar eles, então tem que ter muita calma pra mim poder expirar, me levantar, pra ajudar a levantar os irmão que tá na rua. Então a rua pra mim é tudo, é um filme.

Memória que marcou sua experiência na rua.

Várias, que que me levou pra rua? Não né? Ah tem, tem várias, meu velho. É muitas coisas que me marca, eu tô ganhando um estacionamento, eu consegui inimigos, eu conheci muitos amigos, muita gente que... Então ficou muito estranho pra mim. A rua é perigosa, tem altas histórias de pessoas que foram assassinadas e isso pra mim, me deixa muito magoado. Eu, particularmente, nunca matei ninguém, mas se eu pegasse uma pessoa que fizesse esse mal que eu já vi histórias, relatos, eu acho que eu não deixava nem a polícia pegar, eu matava porque eu sou... Deus, ele me conhece, eu sou justo. Eu tenho sede de justiça, eu tive conflito com a justiça, eu tive conflito com a PM, a PM queria me matar. Se eu pegasse um deles também, não sobrava nada, mas aí eu vi que minha vida não era essa. Outro dia eu encontrei um PM ali e ele: “Porr*, não é você não, Cara!” e eu: “Em nome de Jesus, sou eu. Vocês falou que eu não ia passar dos 19, tô com 35.” “Caralh*, vei! Você é o mesmo cara, normal e parou mesmo, não acredito”, ficou me olhando assim e eu: “O crime é podre, velho”, já tem mais de... Eu casei, eu casei com uma transexual, entendeu? Eu mudei minha vida e gostei dela e tudo e depois ela se separou, vim pra rua porque eu fiquei desnorteado, arrumou outro peão pior do que e eu num... Ainda mais [Audio danificado 10:13] O que me marcou na rua mais é... Tudo, um monte de coisa, vei, um monte de coisa.

Eu não posso me apegar no que me marca, porque tudo eu sou um cara reparador, não sei se cê já viu. Eu reparo tudo, gosto de coisa certa, quem é certo aqui conversa comigo. Quem é errado, safado, pilantra, bandido isso aí, nem olha pra mim, é igual um rato, baixa a cabeça, sabe que eu não gosto eu sou reto, sou verdadeiro. Assassino, essas coisas assim ninguém conversa comigo. Tem uns bandidos aí, mas eu num tenho nada contra não. Nem polícia nem bandido, mas eu não quero estar com ele. E Deus falou: “Não queira estar com o homem maligno”, então eu tenho temor a Deus, cara, essa é minha riqueza. Falo perante a Deus que sou um cara mais milionário do que, talvez, você. Talvez não, certeza. Sou um cara feliz, velho vou dormir no mato, mesmo armado e eu: “Poxa! Não tenho nada mas tenho Deus” Fumo meu cigarro, ligo meu sonzinho no celular e vou dormir. Não

preciso roubar, não preciso matar, No outro dia tô lavando um carro, tô querendo ir pra escola e: “Caralh*, o tênis quebrou, o tênis rasgou. Fodeu!” Aí tem que roubar. Lá vem o Cão, tá ligado, te azucrinar: “Quando você era ladrão, você tinha tudo”, aí já começa aquela lombra, tá ligado? “Tem que pegar uma arma de fogo, tem que matar o presidente”, isso que é minha fraqueza na rua.

Não tenho auxílio ainda, mas vou conseguir pegar. Eu acho que eu vou conseguir ajudar os irmão, tá ligado? Vou conseguir porque eu sou muito esperto. Em Brasília eu conheço tudo, isso aqui é nosso. Isso aqui, era pra gente tá manipulando altas plantas é porque, na verdade, nós não tem voz ativa ainda. Deixa eu começar a pegar um auxílio e juntar uma maloca mesmo, uma galera e vamo lá. Fazer uma reunião, “senta aqui cabra, engravatado”, mas ainda não tenho essa voz ativa, porque eu tô fraco, mas eu espero de Deus, parceiro. Tô aqui sem dinheiro, preciso tirar os documentos agora, roubar eu não vou. O cão tá falando aqui do meu lado agora: “vai lá, otário, cê é mané? Cê não tá recebendo nada. Seu fila da puta” . É, cê tá por fora. É porque você não é crente, mas eu sou crente, se você colocar um óculos. Tira esse óculos aí! Esse óculos aqui, parceiro, se você colocar ele espiritualmente, colocar no seu olho, você cai, no chão na hora, de medo. Tanto de demônio que tem aqui. Cê não acredita não? **[Sim, eu sou católico, eu sou cristão]** então, é cristão, vai pro céu também se ajudar os pobres né, parceiro? Porque se você tá aqui pra ajudar, você vai ser somado no céu, pra atrapalhar você não tá. Mas é isso aí mano, então, tem que perseverar, tem que ir pra igreja, tem que orar. Eu, particularmente não tô indo pra igreja, mas eu tô com Deus direto. Eu tô aqui, o Cão do meu lado e eu com Deus aqui, ó. Minha corda tá com Deus e eu... Na hora que eu largar Deus eu vou pro inferno e direto eu largo. Direto eu tô em pecado, eu tô.. Então vei, eu tô com Deus. Eu tô com Deus e ele tá comigo. Falta só uma arma de fogo.

Qual o cheiro da cidade?

Poluição, né velho? Tem que parar mais os veículos e ter mais bicicletas, mais incentivo do governo. Na verdade nós somos de uma capital sem estrutura. Tem uma ciclovia, mas não tem estrutura pra pessoa pedalar de boa e ter mais carro. As pessoas são loucas, as pessoas são loucas, elas vem trabalhar de carro. Chega na hora de pico não dá conta de voltar. É uma coisa assim que eu não estudei, mas

também não sou tão burro assim também. Prefiro pedalar do que ficar parado num transito. Então nossa cidade infelizmente tá poluída. Graças o Parque da Cidade, algumas coisinhas que tem que não pode... (áudio cortado 14:36)... que é a nossa fauna. E é isso aí, a cidade tá precária, a poluição.

E os barulhos?

Nada, nada contra não. Eu durmo num mato ali e nada contra não. Tem uns pato ali que fazem barulho pra caramba, aí “cué cué”, o quê que eu vou reclamar? Eu tô na área deles. Eles passam perto de mim, olham e fala “esse aí é o nosso rei” e eu sou jamais capaz de triscar num pato daquele. Só que teve um doidinho que tava dormindo lá que matou um pato e tá pagando o pato. Parece que ele tá na cadeia. Então nossa vida é um filme, parceiro. Não é ruim não, é muito massa. Você tá por fora. Tem um brother meu rico que tem vontade de viver igual eu vivo. Cara* vei, não tem nada com nada, não tem nada com nada, já era. Sua vida é tipo, parou no tempo. Queria ser assim, mas não dou conta. Eu sou assim, não sei o quê que aconteceu. Parou. Puf! Eu tô parado. Pra mim o que acontecer é lucro, se falar “vixi, tá vindo um meteoro ali, o mundo vai acabar”, eu “graças a Deus, gente, pronto”. “Mataram o presidente”... é isso aí, parceiro.

Você falou que gosta muito do Parque da Cidade, você pode falar um pouco de lá?

O Parque da Cidade, cara. Eu não conhecia o Parque, eu passei a estudar no Parque. Eu conheci uns empregos agora quando eu tava no fundo, no fundo do poço, no Parque. (áudio cortado 16:01). Aí eu tive que... parece aquele filme do... aquele filme lá que aquela galera vai pro parque e se prende no parque e não volta mais, aquele desenho animado do vingador. Então, minha vida se transformou naquilo, dá até medo, parceiro. Se você atravessar ali, parceiro, e usar uma droga e transar com alguém, sua vida nunca mais vai ser a mesma. Você vai se transformar. Ali tem muita gente até rica presa ali, pô, presa. Ali é tenebroso, é amedrontante, mas ao mesmo tempo eu tô com Deus, eu não tenho medo de nada. Você vê tudo ali, você vê tudo. Ali é o Parque das Fantasia, é, pô. Ali é do lado do cemitério, pô, ali vai dar lá no fundo do cemitério, minha escola e o cemitério Campo da Esperança. Cemitério Campo da Esperança é muito espiritual também, pô. Aí já

afeta aqui, aqui tem muita coisa errada, muito esquisito, mano. É sinistro, eu que sou de Brasília tenho medo da minha quebrada. Eu não tenho medo das pessoas não, eu não tenho medo de ninguém, nem de polícia, nem de bandido. Eu vou e arrebento mesmo e se eu tiver arma eu dou tiro em quem eu quiser, mas eu tenho medo é do lugar, das coisas, das cabritagem, das pilantragem, aí, parceiro, apesar que eu sou muito esperto, mas esperto demais acaba enterrado. Então não sou esperto demais, eu sou esperto só.

Você sente uma energia espiritual diferente quando você tá no parque?

Não, em todo lugar eu sinto uma energia. Eu sou direto com o espírito santo do meu lado assim com as espadas, espantando tudo. O cão ele só joga a seta de longe, ele joga a seta de longe, mas o espírito santo tá com a espada “tchum tchum tchum”. Deus permite eu enxergar até onde ele quer, ele nunca vai deixar eu cair num buraco de uma vez. Isso aí já foi já profetizado na igreja, parceiro. “É isso que eu te digo, meu filho, eu não sou um Deus de promessa” e eu “com certeza, pai, tá confirmado”. “É isso que eu te digo, já fechei foi cova pra você”, pra você também irmão, talvez, não sei. Não sei. Cada um tem a sua vida. Sabe aquela cova lá no cemitério que já tá cavada pra você, a casinha armada e os laços do demônio pra te matar, os laços de morte e o espírito santo chega com a espada e desata tudo, a família já tá tudo esperando aquele..(áudio cortado 18:57). “Fui atrás de você lá no IML, porque você tinha sumido e morreu uma pessoa parecida contigo”, nossa como a vida é louca, mano. A vida é louca. Essa passagem dos Racionais é mais do que certa. Aí eu então tá bom, eu ia morrer em São Sebastião, uma quebrada a gente ia fazer um filme lá tipo Cidade de Deus, fiquei 22 por causa disso. Eu perdi vários amigos com tiro na nuca. Vários amigos, vei. E Deus falou sai daqui, não cabe mais você aqui, você vai morrer desse jeito, aí eu senti e falei “então eu vou sair, meu pai, agora”. Tô na rua até hoje, parece que veio uma mulher, essa transexual que é uma... minha ex mulher que ajudou a sair da rua e família infelizmente é da rua. Que a minha família de casa, mas tá muito longe de me ajudar ou não sei se eles não querem me ajudar e isso pra mim não me interessa, eu cansei de esperar ajuda. Tô tentando levantar, mas não consigo, mas vou conseguir, se não eu vou pegar uma arma de fogo ali e tu vai ver, vou ser o cara mais conhecido do Brasil. Sou o cara mais perigoso que você conheceu assim na sua vida, vei. O que tu falar “Téo, tu

tem coragem?” eu tenho. Não tenho coragem de matar galinha não, mas acertar na cabeça de quem for...(áudio cortado 20:24)... Mas eu não preciso disso, eu tenho Deus, sou guerreiro, corajoso. Deus precisa de pessoas corajosas pra ajudar os pobres. Essas pessoas covardes aí, que não ajuda ninguém, pode falar para os seus irmãos lá na igreja, fala “ó, conheci altos moradores de rua, vamos fazer o seguinte, vamos fazer”... nem que Jesus falou nós não vamos fazer, porque nós não dá conta de dar tudo que nós tem, se não nós não vamos pro céu não, irmão. Pega o carro, vende, vai lá num pobre, ajuda os pobres que tem muita gente que tá esperando essa ajuda, se não você não vai pro céu não. “Como assim, quem é você?” não foi eu que falei, foi Jesus. Dá tudo que tem, vende tudo que tem e dá pros pobres, ou então seu ego, o seu eu não vai adiantar de nada num caixão, parceiro. Num caixão lá quando você falar “agora só eu e Deus”, eu e Deus não, Deus não vai nem olhar pra tu, parceiro. Você deu o quê pros pobres? O quê que você fez pros pobres? Você fez alguma coisa pros pobres? Pros meus pequeninos? Então afastai-vos de mim, que eu não vos conheço. Quem falou isso não foi eu, parceiro. Então eu tô... eu caí na pobreza pra isso mesmo, eu sinto essa energia agora, o espírito santo falando comigo e passando pra você, se liga. Eu tenho que tá na rua, em nome de Jesus, pai, que afasta todos os demônios aqui agora... (áudio cortado 21:52)... E pra quebrar o meu eu, meu ego e nada é meu, isso aqui tudo vai ficar na Terra, parceiro. Eu preciso ajudar os pobres. Como? Eu tô pobre, mas Deus me deixou assim pra... ele permitiu, ele não deixou. Deus é prosperidade, Deus é tudo irmão, então eu tô com ele, entendeu agora? O ponto ímpar, o ponto certo? (áudio cortado 22:16)... “esse bicho é louco, tá na rua...”, louco é um caralh*, meu irmão, eu tenho Deus, parceiro. Eu tenho mais do que fuzil, eu tenho Deus parceiro, tenho mais que as armas, eu não tenho uma bíblia agora, mas eu tenho a bíblia na igreja que eu chegar, com os irmãos. Tenho Deus, eu tenho a palavra dele dentro de mim. Então eu vou me queixar com o quê? Tô na rua, deixa os caras roubar, chamar nois de ladrão aqui e pronto. No final das contas nós tá no céu, parceiro. Tem que ter essa... tem que ter fé, mano. A palavra é essa, tem que ter fé. Tu não tem fé dá licença que eu gosto de irmão. Quem tem fé, irmão... tem fé em Deus, tem fé que vai pro céu, faz a sua parte... se é ex ladrão, se converta, tudo tem hora pra tudo. É isso aí.

Comentários: É parceiro, eu quero é tirar minha identidade, mano. **[O quê que tá faltando pra você tirar a identidade?]** Tá faltando trinta reais, parceiro. Você não tem uma intera aí não? Pra ajudar o irmão aqui?

ENTREVISTADO: **J. 3*** 13/10/2016. Local: Centro Pop 903 Sul.

*Fragmentos anotados durante a entrevista. Não foi possível transcrever suas falas por falha no equipamento, porém ressalta-se a fidedignidade dos fragmentos.

O Parque da Cidade é o melhor lugar de Brasília, lá é tudo de bom. A escola do Parque em parceria com o Centro POP me fez voltar a estudar, estou comprometido a mudar de vida, fazer faculdade, ter uma profissão e até mesmo ser concursado.

Os cheiros da cidade é o fedor das bocas de lobo entupidas.

Os sons da cidade, quase não têm sons nessa cidade. O barulho é pouco comparado com Salvador.

Tem que investir em educação, as crianças são o futuro do país.

Mas só vai mudar a situação das pessoas em situação de rua e a situação do Brasil em geral quando houver união de todas as pessoas. Eu não vou mudar. Você não vai mudar. Ninguém vai mudar sozinho.

Meu local de trabalho é nos estacionamentos. Ninguém é obrigado a pagar, mas eu estou ali vigiando os carros e as pessoas ajudam. A rua é meu lugar de trabalho e sustento. Eu costumo ficar no estacionamento da “rua das farmácias”.

Eu quero sair da rua, mudar de vida, estudar. E quando eu mudar de vida eu vou pro meio dos matos. Eu gosto do mato. Vou morar na roça. Eu gosto do Plano Piloto, é um lugar bom, é massa. Não vou mentir. Mas a minha vontade maior é ir pra zona rural criar animais.

Pra mim a rua representa guerra. É piranhagem. Você sabe o que é piranhagem? É um querendo matar o outro, meu irmão. É um ou dois que você pode confiar. Onde tiver montuado de gente, pode saber que não presta. Sempre tem um

querendo derrubar os outros. Criar intriga sabe? Te matar. Ontem mesmo deram facadas num lá no “buraco”. Por coisas mínimas, na rua você morre, leva facada, tiro. Mataram meu amigo um tempo atrás. O maluco era gente descente, sabe? Não tinha nada contra ele, até me ajudou. Eu ajudava ele. Por coisas mínimas. Não sei o que foi, mas comigo ele era descente. Ele tava dormindo e meteram um bloco de concreto na cabeça dele. A vida... coisas mínimas tiraram a vida dele. Tenho certeza que foi coisas mínimas. Isso me traumatizou demais. Me marcou demais.

O que mais me revolta em Brasília são os “playboys” que sujam o Parque. Esses caras urinam dentro da água do Parque. Tem condições? Eu fico revoltado. E eu brigo com eles. Esses dias mesmo urinaram na água. Isso polui, mata os peixes. É revoltante. Depois eles falam que a gente de rua que suja o parque, mas é eles. A gente protege o parque deles. É onde a gente mora. Eu direto durmo nas árvores. E eu quero o parque limpo. Como que pode o governo não fazer nada para limpar o parque? O parque tinha que ser o melhor lugar de Brasília. Pra você ir, colocar um pano no chão com sua namorada, sua família, fazer um lanche. Ver a natureza. Só que eles não fazem nada. Mesmo assim eu gosto demais do parque.

Eu ignoro as pessoas da sociedade, porque pra eles eu não sou considerado gente, mas eu não ligo. Vigio os carro, vou pro parque, quando eu tenho dinheiro alugo uma kitnet. Eu não tô nem aí pra eles. Essas pessoas da sociedade.

O pior tempo para estar nas ruas é o período chuvoso. Meu irmão, é cada doença que aparece, você fica doente. Além do frio, que nesse tempo o frio é cruel demais com quem não tem nada e tá na rua. E também o pouco eu você tem molha tudo, as ruas tão molhadas, você tá molhado. É muito ruim.

Mas tem uma coisa, quando você experimenta da “rueira” é difícil você sair dela. É tanto coisa que a “rueira” te oferece que você não consegue sair. Você não consegue sair. E outra, o lixo de Brasília é rico. Sabe disso? É comida boa, é roupa, meu irmão é tudo. Você encontra no lixo que as pessoas jogam. O lixo de Brasília é rico.